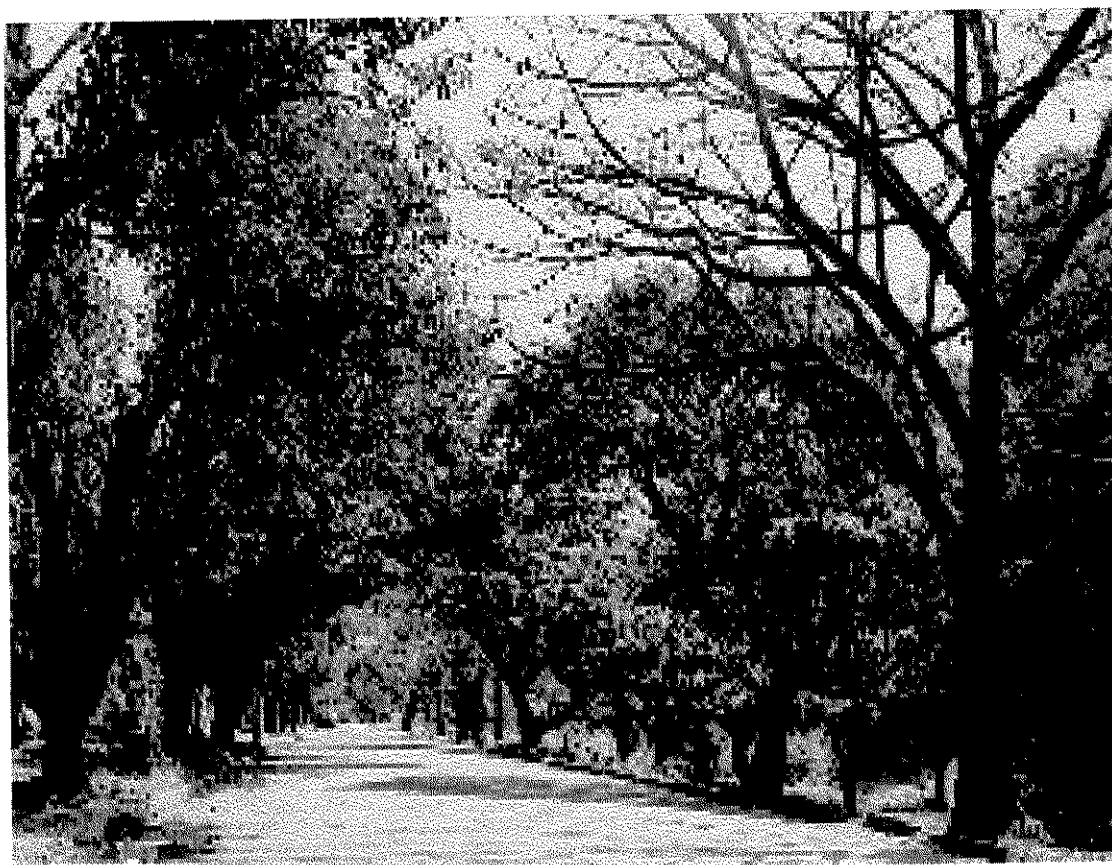


Mairise Aparecida Sousa



SE ESSA RUA, SE ESSA RUA FOSSE MINHA...

**Estudos sobre a submissão, resistência e transgressão
de crianças brincando nas ruas de Barão Geraldo.**

MAIRISE APARECIDA SOUSA

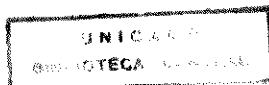
SE ESSA RUA, SE ESSA RUA FOSSE MINHA ...

**Estudo sobre a submissão, resistência e transgressão
de crianças brincando nas ruas de Barão Geraldo**

Dissertação apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de Mestre em Educação na Área de
Concentração: Ciências Sociais Aplicada à Educação, a
Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da
Professora Doutora Neusa Maria Mendes de Gusmão.

Campinas

1998



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
V.	Ex
COMBO BO/	37773
PROC.	228/99
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$11,00
DATA	08/06/99
N.º CPD	

CM-00123904-8

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

So89s

Souza, Mairise Aparecida .

Se essa rua, se essa rua fosse minha... : estudo sobre a submissão, resistência e transgressão de crianças brincando nas ruas de Barão Geraldo / Mairise Aparecida Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Neusa Maria Mendes de Gusmão.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Infância. 2. Crianças. 3. Sociabilidade. 4. * Brincadeira - Rua. 5. * Cultura infantil. I. Gusmão, Neusa Maria Mendes de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Mairise Aparecida Souza
e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 20.10.98

Assinatura: Luiza Maria Mendes do Carmo

Comissão Julgadora:

Abusa Maria Mendes de Gusmão

Zeila de B. A. Duarte

Ana Lúcia G. de Faria

LUDISMO

Quebrar o brinquedo
é mais divertido.

As peças são outros jogos
construiremos outro segredo.
Os cacos são outros reais
antes ocultos pela forma
e o jogo estilhaço
se multiplicam ao infinito
e é mais real que a
integridade: mais lúcido.

Mundo frágeis adquiridos
No despedaçamento de um só.
E o saber do real múltiplo
E o saber dos reais possíveis
e o livre jogo instruído
contra a limitação das coisas
contra a forma anterior do espelho.

E a vertigem das novas formas
multiplicando a consciência
e a consciência que se cria
em jogos múltiplos e lúcidos
até gerar-se totalmente:
no exercício do jogo
esgotando os níveis do ser.

Quebrar o brinquedo
ainda é mais brincar.

Orídes Fontela
"TREVO" - Ed. Claro Enigma - 1988

*Ao lado com quem aprendo o prazer e
a alegria de redescobrir minha
dimensão brincalhona.*

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo conhecer e compreender o significado das brincadeiras entre crianças de diferentes idades, que interagem em lugares públicos como rua e praças, bem como em lugares privados como fazenda, terrenos baldios e chácaras em um bairro do distrito de Barão Geraldo, na cidade de Campinas/SP.

A observação de crianças de diferentes idades, brincando em diversos espaços do bairro e longe do convívio dos adultos, revela as interações sócio-culturais expressas em suas cem linguagens da infância, tais como: o olhar, o gesto, o sorriso, a gargalhada, a fala, o choro, a alegria, a raiva, o medo, a coragem, o suor provocado pelas corridas que fazem uns atrás dos outros. O silêncio e a calma ao brincarem distraídos por horas, às vezes em grupos de meninas e meninos brincando juntos ou separados são como momentos de aproximação, que contribuíram para refletir sobre o pressuposto de que a criança, ao brincar sozinha ou em grupo, produz uma cultura própria, a qual traz em si elementos culturais do grupo social a que pertence.

A análise dos dados possibilitou entender a ambiguidade de um espaço urbano com características rurais, onde a apropriação e transformação dos espaços em lugares de brincar fazem emergir um certo espaço de sociabilidade, com meninos brincando juntos e algumas vezes em grupo com as meninas. O convívio em grupo de diferentes idades e gênero favoreceu a vivência de múltiplas relações capazes de reproduzir, reelaborar e ao mesmo tempo dar novos significados às brincadeiras inventadas pelas crianças nesses momentos, produzindo, assim, novos conhecimentos expressos em múltiplas linguagens.

Brincar é não apenas uma ação através da qual criança é capaz conhecer-se a si mesma, mas é também essencial – por que não dizer? – para nós adultos descobrirmos a importância de nossa dimensão brincahona, pois, enquanto se está brincando, espontaneamente se constrói, através da imaginação e da fantasia, novas realidades, sendo estas produto e produtoras da cultura infantil. Finalmente, esta dissertação valoriza e defende o direito de brincar na infância para todas as crianças sem distinção de gênero, etnia e classe social.

RIASSUNTO

Questa tesi ha per obbiettivo conoscere e comprendere il significato dei giochi tra i bambini di diverse età che interagiscano in luoghi pubblici, come strade, o piazze e, locali privati, come fattorie, terrini abbandonati e case campestri, in un quartiere del distretto di Barão Geraldo, situato nei dintorni della città di Campinas/SP.

L'osservazione di bambini di età differenti giocando nei diversi spazi del quartiere, lontano dagli occhi adulti, rivela le interazioni socio-culturali, espresse nei loro cento linguaggi, come, per esempio: lo sguardo, il gesto, il sorriso, la risata, la parola, il pianto, la gioia, la rabbia, la paura, il coraggio, il sudore provocato al rincorrersi. Il loro silenzio, e calma, quando sono immersi per ore in attività ludiche, svolte in gruppi di bambine e bambini, a volta riuniti, a volte separati, rivelano momenti di incontro che hanno contribuito a farli riflettere e supporre che il bambino, nel giocare solo o in gruppo, produce una cultura propria, che porta in sé gli elementi culturali del gruppo sociale a cui appartiene.

L'analisi dei dati ha permesso di capire l'ambivalenza di uno spazio urbano con caratteristiche rurali, dove l'appropriazione e trasformazione degli spazi in luoghi di gioco, fa emergere un certo ambiente di sociabilità, nel quale i bambini giocano in gruppo e, talvolta, insieme alle bambine. Il convivio in gruppi di differenti età e genere ha favorito l'emergenza di vari rapporti, capaci di riprodurre, rielaborare e, nel contempo, conferire nuovi significati ai giochi che i bambini inventano in questi momenti, producendo così nuove conoscenze, espresse in molteplici linguaggi.

Giocare è per i bambini, perché non dirlo, anche per noi adulti, un atto di auto-conoscenza, che ci fa scoprire la nostra dimensione giocosa giacché, mentre giochiamo spontaneamente, costruiamo, per via dell'immaginazione e della fantasia, nuove realtà che sono prodotte dalla cultura infantile, allo stesso tempo che la producono. In sintesi, questa tesi valorizza e difende il diritto di giocare di tutti i bambini senza distinzione di genere, etnia e classe sociale.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

I – A RUA É BOA PARA BRINCAR	12
1.1. – Infância: tempo de brincadeiras.....	12
1.2. – Rua: lugar de criança, espaço de sociabilidade	22
1.3. – <i>A criança é feita de cem</i> : a cultura infantil na rua	28
II – NO CAMPO DA BRINCADEIRA-A BRINCADEIRA DO CAMPO.....	38
2.1. – Do rural e do urbano: apresentando o distrito de Barão Geraldo.....	41
2.2. – O desafio de investigar um campo misto.....	48
III – <i>BRINCAR PELA VILA É MUITO DIVERTIDO</i>	63
3.1. – De Pedro Bala às Trocinhas do Bom Retiro as crianças resignificam os espaços.....	69
3.2. – De itinerário e encontros: o tempo e o espaço de brincar.....	72
IV — DESMISTIFICANDO A RUA E A CULTURA INFANTIL.....	83
4.1. – Meninas e meninos: tecendo relações de gênero.....	83
4.2. – As crianças brincando: interagindo com as diferentes idades.....	90
4.3. – As brincadeiras das crianças: construção e transmissão de saberes.....	94
DESFAZENDO NÓS E APONTANDO NOVOS DESAFIOS.....	101
BIBLIOGRAFIA.....	106
ANEXO	

INTRODUÇÃO

*... É gozado. Há feministas e machistas, há ecologistas e comunistas, há socialistas e nacionalistas, há capitalistas e outros. Só não há **criancistas**, que é muito importante. Mas para isto acontecer, é preciso que as crianças, ao crescerem, se lembrem do que é ser criança, que todos acham que é boba, burra e fraca, que não entra em cinemas, não pode ver o avô e outros parentes no hospital. Essa é a criança de hoje. Talvez isso mude depois.¹*

Pode ser que meu interesse pelo mundo das crianças tenha se iniciado na minha infância, no meio de uma natureza exuberante, com muitas frutas nos pomares, brincando de pega-pega, bandido e mocinho, passa-anel, pique e salva, soltando papagaio ou andando pelos campos com o grupo de crianças da colônia, entre outras brincadeiras que inventávamos. Meus dias eram assim, cheios de aventuras na fazenda onde morei.

Recordo com muito prazer esses momentos de minha vida, quando as nossas mães, minha e de meus amigos, nos orientavam para que não quebrássemos os brinquedos, mas nunca nos proibiam de usá-los em nossas brincadeiras com outras crianças. A generosidade sempre esteve presente na minha infância, assim como o tratamento especial que se dava às crianças que freqüentavam nossa casa. Hoje em dia, como mãe, compreendo em parte as atitudes de minha mãe, que era sensível, generosa e justa, embora punisse nossas travessuras com sermões, castigos de fundo moral e mesmo físicos. Nesses momentos a relação adultocêntrica entre criança e adulto emergia em cena com força. Esta relação de forças que se estabelece em cenas de opressão é reveladora de uma relação autoritária que ainda hoje se faz presente.

¹ Paulo, menino de 11 anos (1983), este é um fragmento de redação de seu texto publicado no jornal Folha de São Paulo em 30/05/1985, p. 27, apud. Marcellino (1990: 53) (grifo meu).

Esta postura autoritária, que uma parte significativa dos adultos mantém até os dias atuais frente à criança, reflete o modo como estes mesmos adultos entendem ser a infância.

Com relação a esta questão, Perrotti (1990), além de analisar a relação adulto-criança como adultocêntrica, defende também que é preciso compreender a infância e a criança em cada momento histórico por que passa na cultura da sociedade capitalista. O autor critica, assim, o fato de não se considerar a criança enquanto produto e produtora de história e da sua própria cultura, como também a atitude dos adultos que ignoram a criança em sua inteireza e adotam uma imagem-modelo de criança ideologizada.

Esta postura de um adulto que olha a criança como um indivíduo em falta, algo por completar-se para atingir um ser idealizado como o modelo desejado, almejado e respeitado de adulto, ignora este ser humano de pouca idade enquanto um ser por inteiro vivendo este momento especial e provisório que é a infância como o são também todos momentos na vida do ser humano, ser um jovem ou ser um adulto ou ser um velho, pois todos nós, sem exceção, temos um tempo de vida finito.

O provisório, o contraditório, o inusitado são vividos pela criança enquanto brinca de uma forma espontânea, aberta ao inusitado. Num jogo de fantasia, que lhe é tão peculiar, em que o real e imaginário se confundem, a criança vive com intensidade o processo de aprender e desaprender a conviver com plasticidade a contradição presente nas relações sociais.

Deixar emergir a criança que habita em mim contribuiu para estar atenta e compreender os gestos, as expressões, as linguagens das crianças. De certo modo, a aproximação e a vivência que mesmo depois de adulta mantenho com crianças favoreceram-me na escolha da profissão de professora na área da educação infantil, bem como na definição deste tema. Hoje está mais presente em mim o desejo de tornar-me uma **criancista**², contribuindo para que cada vez mais

² Entendendo por criancista alguém que, mais do que um criansólogo (aquele que estuda a criança), defenda a infância e a própria criança – um **criancista** – no sentido que é falado pelo menino Paulo na epígrafe da Introdução desta dissertação.

as crianças possam ser levadas a sério em suas opiniões, desejos, direitos, em sua produção de saberes na construção de sua cultura infantil.

O contato com a pesquisa durante a graduação contribuiu para meu interesse acerca da **Educação e Infância**, mais particularmente, pela **Pedagogia da Educação Infantil** à brasileira, macunaímica³ e as diversas formas de convívio da criança pequena nas trocas sociais que estabelece enquanto brinca com outras crianças nos diversos ambientes durante a infância.

A produção e transmissão da cultura infantil entre as crianças são elaboradas a partir dos elementos culturais dos adultos que as crianças aprendem ao entrar em contato com o meio sócio-cultural em que estão inseridas.

A questão da produção da cultura infantil foi estudada em uma pesquisa na área das Ciências Sociais⁴, pelo saudoso sociólogo e professor Florestan Fernandes (1961), que pesquisou os folguedos de rua das crianças que brincavam em grupo nas ruas do centro da cidade de São Paulo.

A partir dos anos 90 a preocupação com a cultura infantil passa a ser mais delineada, fazendo-se presente em uma série de estudos⁵ que apontam a necessidade de elaboração de projetos pedagógicos para uma Pedagogia da Infância, os quais contemplem a diferença e o direito da criança de experimentar – brincando – o tempo e o espaço.

³ Aqui faço uso da reflexão de Faria (1998:86), para a construção de uma pedagogia própria contemplando a rica diversidade cultural existente no Brasil.

⁴ No Brasil são incipientes os estudos sobre o papel essencial que a brincadeira tem para as crianças na infância, confirmando a pesquisa que fiz sobre a existência de outras investigações nas Ciências Humanas, um estudo recente sobre esta questão é a pesquisa realizada por Pereira (1997:43), em sua dissertação de mestrado sobre a sociedade das crianças A'UWE-Xavante. Esta pesquisa aponta ser talvez Fernandes (1961) o primeiro sociólogo a realizar uma investigação em que a criança é considerada como fonte de dados confiáveis em análises sociológicas. Nesta pesquisa este autor analisa na década de 40 as trocinhas das crianças que brincavam nas ruas, no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo. Este sociólogo observou que, enquanto brinca, a criança está construindo uma cultura própria dos pequenos ou de seu grupo infantil a partir dos elementos adquiridos no convívio com a cultura dos adultos: produzindo a cultura infantil. Ver estas questões nos capítulos I e II do livro deste autor: **Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo**.

⁵ A importância de se considerar a criança enquanto *sujeito de direitos*, levando em conta as suas diversas linguagens e trocas sociais que estabelece enquanto brinca em grupo em espaços institucionais ou não, estão contemplados nos estudos de Martins (1993), Arroyo (1995), Faria (1993, 1994, 1998), Perrotti (1990a, 1990b), Prado (1998), Marcellino (1990 e 1996), Oliveira (1989), Aguiar (1994), Bufalo (1997), Gobbi (1997), Fagundes (1997), Barretto (1989) e Araújo (1996), que de uma maneira direta ou não, refletem sobre o direito à infância das crianças brasileiras neste final de século.

A brincadeira para a criança tem um fim em si mesmo e pode ocorrer em qualquer espaço, principalmente quando o adulto não interfere e apenas a observa, ou mesmo, quando ele brinca com ela, vivendo e revivendo os sentimentos e as várias emoções que sente durante este momento. Assim, os adultos também aprendem com as crianças, tal como fala o sueco Gunnarsson (1994:164): (...) as crianças não aprendem apenas quando os adultos têm a intenção de ensinar, elas estão com os olhos bem abertos a tudo que acontece ao seu redor e, observando-as atentamente, serão surpreendentes as descobertas sobre elas.

Nesta perspectiva, compactuo com a idéia de cultura infantil apontada por Fernandes (1961) a qual contempla a criança enquanto produto e produtora de cultura, e apropriando-se do seu próprio tempo e espaço de brincar sozinha ou nos grupos infantis, onde o seu limite será apenas a sua vontade, contribuindo assim, para a construção de sua cultura infantil. E conforme analisa este autor:

... grupo infantil no seio do qual a criança interage [proporciona a elaboração do] ⁶ (...) processo de formação da cultura infantil, pondo em evidência que esta é constituída por elementos aceitos da cultura do adulto e por elementos elaborados pelos próprios imaturos. Esses elementos existem no grupo quando os imaturos tentam a sua integração e, por isso, é possível a análise do processo de socialização da criança dentro de seus próprios grupos(...), [e estes por sua vez favorecem] essa socialização ...parecendo-se mais como um processo de educação informal (op. cit.:176).

Mais a frente este mesmo autor afirma que essa transmissão de experiências e de conhecimentos entre as crianças:

(...) são aquisições de elementos culturais por meio de atualização da cultura infantil, sem uma transmissão sistemática das experiências e, também sem a interferência dos adultos (idem:176).

Walter Benjamin (1984) é um dos autores que contribuíram para minha compreensão sobre a singularidade que é **ser criança**, denominando-a como um

⁶ As intervenções da autora nas falas das crianças ou citações dos autores no texto estão marcadas entre []

ser humano de pouca idade, diferenciando-a do adulto, mas sem com isto concebê-la como um adulto em miniatura, mas sim, como um ser humano que vive a especificidade da infância. Neste sentido, Benjamin defende a idéia de que a criança é o pai do homem, consciente de que a cultura infantil não se realiza sozinha, mas vai sendo vivenciada desde cedo com os elementos da cultura do adulto.

Desde a mais tenra idade, a criança aprende através da família, da escola, dos meios de comunicação, dos vizinhos ou com outras crianças de seu convívio hábitos, valores, desejos, afetos, sensualidade, medos, raivas, alegrias, que configuram o cotidiano de sua cultura. Como afirma Benjamin (1984), os meninos e meninas vivem em sua infância uma:

.. especificidade própria da vida infantil e juvenil, por isso não a representa enquanto um ser em miniatura do cosmo adulto, - [ao contrário disso percebe a criança] -...enquanto um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar todavia a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando (op. cit.: 11).

Neste contexto, respeitar o direito à infância, possibilitando a criança viver o seu universo lúdico ou do faz de conta, torna-se cada vez mais necessário, revelando que a natureza do brincar envolve a espontaneidade das crianças ao interagirem com seus pares sem hora marcada, fazendo , assim, da brincadeira produto e processo sócio-cultural por elas experimentados nesses momentos.

Partindo das reflexões até aqui colocadas sobre a importância do brincar, a criança e a produção de sua cultura, esta dissertação⁷ de mestrado tem como preocupação central compreender e aprender como se produz a cultura infantil das crianças e pelas crianças do bairro Santa Isabel (distrito de Barão

⁷ Registro aqui as valiosas contribuições para esta investigação do Grupo de Estudos em Educação Infantil/GEPEDISC do qual participo, e em especial a coordenadora deste grupo, a Profa. Dra Ana Lúcia G de Faria do DECISAE/ FE/ UNICAMP e, duas participantes, amigas e companheira dessa e de outras lutas Magali e Paty, que desde a definição e elaboração do projeto quanto à redação final desta dissertação estiveram presentes com valiosas sugestões e críticas.

Geraldo/Campinas/SP), ao brincarem no espaço livre das ruas entre meninas e meninos de diferentes idades.

Para dar fundamentação teórico-metodológica a este estudo, procurei conhecer as diferentes discussões nas áreas de conhecimento da Ciências Sociais⁸. Entretanto, não esgotei os estudos desta área e, em relação às leituras realizadas, constatei que são poucos os estudos que têm a criança como foco central.

Sobre esta questão, foi muito importante para mim conhecer o trabalho da portuguesa Angela Maria Nunes Machado Pereira, exposto em sua dissertação de mestrado, defendida em 1997, na USP/SP, já que trouxe uma contribuição valiosa para a área de conhecimento da Educação, assim como da Antropologia.

Esta pesquisadora fez um valioso levantamento bibliográfico sobre os estudos na área das Ciências Sociais e constatou, como eu, a existência de poucos estudos preocupados com a criança enquanto fonte de dados confiáveis. Esta investigação foi realizada na sociedade A'UWĒ-Xavante, no Estado brasileiro de Mato Grosso e, além da discussão bibliográfica com a área da Ciências Sociais, mais particularmente a Antropologia, teve também como preocupação e objetivo dar voz às crianças xavantes, ouvindo e registrando suas opiniões, suas brincadeiras em grupo, ou sozinhas, respeitando-as neste momento especial que é a infância.

Assim, este e outros estudos contribuíram sobremaneira para meu conhecimento e compreensão do papel que o brincar tem para as crianças do bairro Santa Isabel no distrito de Barão Geraldo, Campinas/São Paulo. Ao mesmo tempo, levaram-me a perceber que estas crianças são partes de um sistema social mais abrangente, com seus ritos, símbolos, trocas sociais e culturais, regras e valores sociais, o que as torna, a uma só vez, produtos e produtoras da sua cultura na sociedade local.

⁸ Os estudos que mais diretamente influenciaram meu modo de pensar e compreender o ser humano e sua cultura, visando sempre conhecer a criança brincando no espaço da rua, foram: Da Matta (1981, 1991, 1978), Santos (1994), Da Cunha (1979), Brandão (1989), Mead (1982), Milito e Silva (1985), Malinowski (1983), Lévi-Strauss (1989), Geertz (1978), Fernandes (1961), Nogueira (1997), Martins (1993, 1996), Huizinga (1993), Benjamin (1984), Araújo (1996), Oliveira (1989, 1986, 1997), Sarmiento e Pinto (1997), Iturra e Reis (1989), Bufalo (op.cit.), Gobbi (op.cit.), Prado (op.cit.), entre outros autores.

Em princípio, para dar continuidade à minha trajetória de pesquisadora, desejava observar as interações sócio-culturais entre as crianças pequenas de até 6 anos e outras de maior idade, através de suas brincadeiras nos espaços públicos (praças, parques e ruas) que uma cidade de interior ainda pode proporcionar para a vivência da criança e do seu brincar. Entretanto, isto não foi possível, pois deparei-me com o fato de que é raro ver essas crianças menores de seis anos sozinhas brincando nas ruas, pois elas estão sempre acompanhadas por algum adulto ou por uma criança maior.

Diante disto, (re)defini meu tema de pesquisa mantendo, no entanto, sua essência: investigar as crianças brincando na rua e a produção da cultura infantil desenvolvida através do convívio das diferenças de idade e de gênero⁹. Escolhi o bairro Santa Isabel como universo de investigação, pela proximidade das chácaras e da fazenda Rio das Pedras, locais nos quais tenho freqüentemente encontrado crianças do bairro brincando.

Iniciei esta pesquisa com um levantamento bibliográfico, através do qual constatei serem raros os estudos cujos autores trabalham a questão da importância do brincar no espaço livre das ruas. Os estudos no campo da psicologia exploram esta questão, ainda que sob outro enfoque, a saber, o da construção da personalidade do indivíduo. O que se pretende neste estudo é conhecer as crianças, procurando, na medida do possível, entender suas interações sociais enquanto essas crianças brincando com seus pares. Sobre este tema a bibliografia encontrada mostrou-se limitada, sobretudo nos campos de conhecimento da Sociologia e Antropologia, áreas de conhecimento em que me apóio para desenvolver esta dissertação.

Neste sentido, realizo nesta pesquisa um recorte bibliográfico, trabalhando com autores que, mesmo discutindo meu tema em outros contextos sociais e espaços diferentes daqueles observados, muito contribuíram para refletir as questões deste estudo.

Assim, apresento sucintamente as questões discutidas nesta dissertação, ressaltando que mesmo que os meus interlocutores tenham sido escassos, houve

⁹ Esclareço que não vou trabalhar, nesta dissertação, com outras importantes diferenças, tais como raça, religião, classe e origem étnica.

aqueles com os quais foi possível estabelecer uma reflexão mais profícua e portanto, mais relevante ao desenvolvimento do tema deste trabalho.

Apresento, no **primeiro capítulo**, uma bibliografia que discute a infância hoje: a relação que os adultos têm com as crianças, a percepção de que as crianças estão produzindo e transmitindo a cultura infantil, os espaços reservados a elas na sociedade contemporânea, favorecendo as interações sociais e culturais sejam construídas no momento de suas brincadeiras. Estes espaços são apropriados pela criança enquanto brinca, a qual transformam em espaços de sociabilidades (Magnani,1993). Procuro, assim, entender a essência do brincar como um desejo e vontade deliberada da criança, que não tem hora marcada para começar.

No **segundo capítulo** trabalho a metodologia utilizada para a coleta de dados, usando o registro das conversas com as crianças em diário de campo como fonte principal, procurando conhecê-la em sua inteireza, colocando-me aberta a conhecer o inusitado que acompanha seu universo de brincadeiras, considerando e respeitando suas opiniões como fontes ricas de dados. Procuro mostrar também algumas dificuldades, no início das observações de campo, para fazer os primeiros contatos com os grupos infantis que encontrava brincando nas ruas, a delimitação do espaço físico, como também, as estratégias de aproximação para os primeiros contatos com as crianças.

Uma das crianças, no início das observações de campo, contou-me uma lenda sobre um fato ocorrido no século passado na fazenda do Barão Geraldo: *...um dia o boi falou...* Este fato levou-me a fazer um extenso levantamento bibliográfico em livros e reportagens em jornais locais sobre a origem da cidade de Campinas. Ao tomar contato com estas leituras, pude constatar a pouca quantidade de obras que tratassem do surgimento do distrito de Barão Geraldo. Ao contrário, com os moradores antigos, obtive valiosas informações, inclusive a respeito de estórias do folclore local.

Com os dados coletados a partir das fontes citadas acerca da origem distrito de Barão Geraldo, elaborei uma síntese histórica do surgimento deste local, que está diretamente ligado à fazenda Rio das Pedras e ao seu antigo

proprietário, o Barão Geraldo de Rezende, cujo nome foi dado ao distrito para homenageá-lo. Em relação à origem do bairro Santa Isabel, tampouco encontrei obras ou pesquisas que narrassem sua história, e as poucas informações que consegui foram obtidas através de conversas com antigos habitantes do local, tanto da fazenda, quanto de moradores provenientes de outros bairros da cidade de Campinas ou ainda de cidades vizinhas.

Na seqüência, o **capítulo terceiro** apresenta como é uma aventura para as crianças brincarem nos diferentes lugares do bairro Santa Isabel, espaços que ganham novos significados e nomes no momento em que elas se reúnem. Neste momento, reconheço semelhanças, ao comparar minha pesquisa com a história do menino Pedro Bala cuja a experiência de viver na rua, a transgressão cria-lhe a possibilidade de pensar sobre o sofrimento de quem depende da rua para sobreviver, sendo narrado por Jorge Amado em seu livro *Capitães de Areia*, publicado na década de 20, e também, similitudes com a pesquisa feita por Fernandes (1961) na década de 30, a qual dá às crianças e conhecendo as Trocinhas do Bom Retiro usadas em suas brincadeiras de ruas no centro de São Paulo. Posso então inferir que os meninos e meninas do bairro de Santa Isabel ainda podem usufruir de um tempo e lugar de infância singular, lembrando que isto acontece em Campinas, uma cidade com mais de um milhão de habitantes.

A questão de gênero não era uma preocupação inicial deste estudo, embora não ignorasse sua existência, ela emergiu durante a coleta dos dados, por isso criei o **quarto capítulo**. Ao longo das observações de campo fui percebendo como as crianças lidam com a diferença de idade do grupo no momento em que brincam, e como vão se constituindo sutilmente, já na infância, as diferenças nas relações de gênero, nas brincadeiras nas brincadeiras. Observei não apenas meninas brincando junto com os meninos mas também a rara presença de meninas andando nos lugares mais afastados do bairro, como nas chácaras e na fazenda. Por último, procuro mostrar as brincadeiras mais freqüentes entre as crianças nos diferentes espaços e como isto constituiu um *locus* de sociabilidade dos novos saberes produzidos por elas.

Na parte final desta dissertação, deixo claro que não pretendo que o pesquisar seja um fim em si mas, seja como nos fala o poeta Manuel de Barros

(1997), o descomeço do verbo, que significa para mim o pesquisar. Nas considerações finais faço, então, algumas reflexões sobre os temas que, ao longo desta pesquisa, foram sendo delineados, e que apontam para a importância de olhar a criança enquanto sujeito da pesquisa que deve ser considerado em suas opiniões como produto e produtor de cultura, e por que não dizer, como alguém que constrói história, cultura e, portanto, novos conhecimentos.

I – A RUA É BOA PARA BRINCAR



I - A RUA É BOA PARA BRINCAR¹⁰-

Abomino a ordem que confisca o tempo e ensaia tão cedo a prisão perpétua do comportamento.

Drummond

1.1 – Infância: tempo de brincadeiras

A epígrafe deste capítulo, escrita por Drummond, revela sua enorme sensibilidade para com o mundo da criança propondo reflexões sobre o tempo, a ordem, o comportamento e as relações de poder entre o adulto e a criança, que a impedem de vivenciar com plenitude suas emoções, sua espontaneidade em decidir do que deseja brincar, com quem quer fazer suas brincadeiras, enfim, como quer usufruir desse tempo e espaço.

Na sociedade contemporânea, desde a mais tenra idade, um número significativo de crianças é condicionado a incorporar a marca cultural da disciplina, da ordem, da opressão, para adquirir comportamentos determinados pela cultura burguesa.

No entanto, o comportamento infantil tem, como uma de suas particularidades, a transgressão por meio do lúdico, que é vivido nas brincadeiras com os adultos e com seus pares. Estas brincadeiras têm um papel fundamental de (re)elaborar as contradições vividas em seu cotidiano. Segundo Fernandes (1961), as brincadeiras são transmitidas e aprendidas no processo de interação entre as crianças e destas com os adultos de seu meio sócio-cultural, desde que lhes seja permitido interagir com diferentes idades e usufruir livremente de seu tempo e espaço.

A interação entre a dimensão lúdica infantil e o universo adulto favorece a construção da cultura infantil diferente da cultura vivenciada pelo adulto, embora traga em si elementos incorporados desta última. Assim, ao mesmo tempo em que reelabora a cultura do adulto, a interação cultural proporciona à criança

¹⁰ Faço uso aqui da idéia sugerida na frase do antropólogo Lévi-Strauss (1989), o qual diz que (...) a rua é boa para pensar (...).

desenvolver novos elementos com traços culturais distintos, o que possibilita criar uma cultura própria ao interagir com seus pares.

Em nossa sociedade, uma grande parte das relações sociais entre criança-adulto tem como base o adultocentrismo e as relações de poder que daí decorrem, tendo as classes sociais como mediadoras de tais relações. A criança de classe social de maior poder aquisitivo sofre discriminação na relação adulto e criança devido à sua faixa etária. No entanto, como afirma Oliveira (1986), a criança pobre é, por sua vez, duplamente discriminada na sociedade capitalista: uma pela classe a que pertence e outra, pela faixa etária.

Neste sentido, independentemente da classe social a que pertença a criança realiza atividades que o adulto deseja e, muitas vezes, não é convidada a opinar ou escolher o que deseja fazer.

Assim, no processo de interação com o universo cultural do adulto, a criança não é reconhecida e, menos ainda, respeitada enquanto um ser humano que vive seu processo de educação e apreensão singular da cultura em que está inserida, conhecendo a si mesma e se apropriando, ao mesmo tempo do universo sócio-cultural em que vive.

Esse modo de olhar a criança impede o adulto que com ela interage de perceber suas potencialidades, suas emoções, sua criatividade, sua espontaneidade ao brincar e seus desejos, fazendo-se iniciar já na infância, sutilmente, o processo de automação do futuro trabalhador obediente, pacato, que aceita as normas sociais sem questioná-las, como se essas fossem imutáveis.

O brincar, ao contrário dos conteúdos escolares, não tem objetivos ou preocupações de passar este ou aquele conhecimento. Entretanto, outras formas de elaboração de saber diferentes daqueles valorizados pela escola, revelam conhecimentos adquiridos pela criança no momento de suas brincadeiras, os quais têm um fim em si mesmo, a saber: o da diversão, do prazer, da alegria de criar algo para se brincar naquele momento. Desse modo, a partir do desejo espontâneo do grupo com o que está brincando, instituindo um novo modo de ver a sociedade em que vive, possibilitando emergir a cultura infantil.

Desse modo, brincar passa a ser um ato voluntário e se desenvolve na interação entre as crianças e destas com adultos sensíveis a esse momento especial e provisório vivido pelo ser humano durante a sua infância (Pereira, 1994).

O desejo voluntário das crianças de viver sempre brincando é interpretado, na maioria das vezes, como um comportamento indesejado que precisa ser controlado, limitado, reprimido, pois do contrário, seria difícil controlá-la mais tarde, isto é, torná-la um pacato cidadão da civilização.

Na sociedade capitalista em que vivemos, principalmente no Brasil, com suas profundas desigualdades sociais, que são características de um país subdesenvolvido poucos usufruem dos bens materiais, pois grande parte das famílias passa privações e tem seus filhos explorados através do trabalho, recebendo baixíssimos salários.

A grande maioria da população vive ou na extrema miséria ou das migalhas que a classe dominante lhe reserva, negando-lhes todas as oportunidade e condições de uma vida digna usufruindo dos bens de consumo produzido socialmente, mas que apenas alguns têm acesso. Entretanto, acredito na possibilidade de se reverter este quadro, pensando a criança em sua inteireza; o que consiste em apostar na utopia do novo homem, o qual certamente poderá provocar mudanças na atual estrutura social e isto não é de interesse da sociedade capitalista.

Marcellino (1990), enfatiza que, ao explorar-se o trabalho das crianças (por estranhos ou pelos próprios familiares), está se favorecendo apenas aos donos dos meios de produção, provocando o furto do tempo lúdico na cultura da criança, ignorando-a enquanto um cidadão de pouca idade, de acordo com a denominação de Benjamin (1984), com direito à infância enquanto pessoa que faz parte da sociedade que a torna um trabalhador que, mesmo sem ter estrutura física, deve ser produtivo e gerar lucros.

Estas reflexões em relação ao tipo de infância oferecido às crianças hoje permitiu-me entender as trocas sociais estabelecidas entre crianças de diferentes idades, brincando na rua do bairro, fora do contexto escolar, no espaço da casa,

dos quintais, bem como, as diferenças de gênero estabelecidas entre meninas e meninos. Observando-se as brincadeiras, pode-se dizer que apresentam características das relações de poder que uma parte dos adultos têm para com as crianças, o que permite interpretar o universo sócio-cultural da infância hoje.

Pensando o contexto escolar formal, Marcellino (1990) defende uma análise interessante, quando coloca que o tempo e o espaço da brincadeira é confiscado pelo modo de viver do adulto ou da sociedade capitalista, que impede a criança de recriar sua identidade cultural. Marcellino considera neste estudo, que as relações sociais de meninos e meninas são importantes elementos de construção das interações sociais no momento da brincadeira. Sendo assim, ao observá-las brincando na rua, longe não só do controle familiar de adulto, como também do controle institucional pode-se entender as tramas de suas interações.

No entanto, a partir da reflexão sobre as relações entre a cultura infantil e a cultura do adulto, quero destacar algumas questões: Como se dá o ensino de novas brincadeiras? Como se dá a aprendizagem pelas crianças das brincadeiras que não conheciam? Menino brinca com menina? As crianças mais velhas ensinam as mais novas?

A interação social é a base pressuposta para a elaboração da cultura infantil revelada nas brincadeiras. Através da brincadeira as crianças conhecem a realidade em todos os seus aspectos. Supõe-se, ao mesmo tempo, que possibilita o desenvolvimento da criança como ser humano. Estudos como os de Brougère (1995), Marcellino (1990), Benjamin (1984) e outros apontam para o fato de que a criança, desde o seu nascimento, inicia, por meio das relações sociais, seu processo de humanização e faz isto sempre brincando.

A partir da compreensão das interações sociais construídas nas relações adulto-criança e criança-criança observadas em diferentes espaços sócio-culturais, impõe-se a existência de redes sociais tal como as descritas por Magnani.

Segundo Magnani (1993), a relação da forma de sociabilidade e a delimitação do espaço urbano, percebidas pelos transeuntes no universo de bairro de classe média alta, de periferia ou de bairro popular, podem ser compreendidas

e descritas como um tipo particular de relação entre esses vários tipos de espaços. Para tanto, o autor utiliza a categoria – pedaço. O pedaço é formado por dois elementos básicos de ordem espacial e físico, em que se estabelecem redes de relações que configuram, por sua vez, o espaço como um território demarcado enquanto de passagem e/ou de encontro. Este autor, esclarece também que não basta passar pelo lugar ou freqüentá-lo sempre para se ser do pedaço, deve-se estar numa:

... peculiar rede de relações – a saber: laços de parentescos, vizinhança, procedência, vínculos pela participação nas atividades comunitárias e desportivas, etc. Esse elemento - rede de relações – cria, portanto, um código que separa, ordena, classifica, quem é ou não – do pedaço – e quem pode ser denominado de colega, chegado ou xará... (1993: 10 e 11).

Em uma outra pesquisa Magnani (1984), trabalha a categoria pedaço em termos do que seja um espaço público ou privado, no qual se processa a sociabilidade básica, aquela que vai além dos laços familiares. Para este autor essa categoria vem designar:

(...) aquele espaço intermediário entre o privado (casa) e o público (rua), onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (idem: 138).

Assim, em minhas observações de campo, pude perceber que as crianças do bairro Santa Isabel usam para brincar, tanto um espaço rural quanto urbano, tal é a característica do distrito de Barão Geraldo. A relação urbano-rural favorece uma outra dinâmica no cotidiano sócio-cultural de suas brincadeiras na rua e demarca o espaço de lazer-lúdico por conta da experiência de estar *na rua – fora de casa*.

Através destes estudos de Magnani, o espaço urbano pode ser compreendido como a – *experiência da rua* – enquanto espaço por excelência de sociabilidade e não apenas como espaço de circulação das pessoas, tal como ocorre no caso deste estudo, entre as crianças que observei. As particularidades e, ao mesmo tempo, a complexidade das redes sociais estabelecidas nesse espaço urbano com características rurais, fazem perceber como um outro espaço de circulação das crianças que, ao brincarem, constroem um lugar próprio, lugar que este autor denomina de pedaço, espaço que favorece a sua socialização. Conforme a definição de Prado (1998), entendo por socialização:

(...) o horizonte cultural humano é o espaço compartilhado de onde e por onde emerge a socialização, entendida nas diferentes formas de transmissão de conhecimentos, habilidades, aspirações sociais, heranças culturais e que envolve a apropriação de valores, técnicas, tradições e ideologias. Aquilo que é transmitido pelos seres humanos é também criado por eles, no conjunto das relações (p. 119).

As observações se desenvolveram no espaço onde as redes de relações sociais estabelecidas pelas brincadeiras infantis são marcadas pelo riso, pela alegria, pela liberdade, pela espontaneidade que proporciona à criança expressar suas emoções. Por outro lado, essas observações ampliam as colocações de Magnani, por ter o espaço urbano de Barão Geraldo uma natureza que não se limita à propriedade intrínseca do urbano – as cidades. Nessa dupla dimensão do espaço, o papel do brinquedo e das brincadeiras nas relações infantis permite ampliar as reflexões e assim, conhecer, interpretar e entender o contexto social da criança que aí mora, vive e brinca. A razão parece simples, já que a criança se apropria do brinquedo nas brincadeiras com seus pares fazendo dele:

(...) uma ponte para seu imaginário, um meio pelo qual externam suas criações e suas emoções. O brincar ganha, então, densidade, traz enigmas, comporta leituras mais profundas, vivas, ricas em significados. Adquire especial importância e passa a ser merecedor de consideração essa, a sua seriedade (Oliveira, 1984: 8).

Neste sentido, não é mais possível ignorar que há diferenças entre as várias manifestações da cultura infantil, produzida a partir da cultura do adulto, ainda que sejam ambas complementares entre si e parte de uma só realidade. A pluralidade de culturas não possibilita agrupá-las em todas as formas de manifestação produzidas pelas diferentes classes sociais em diferentes espaços sociais como um todo homogêneo, é preciso, ao contrário, contemplar a existência de uma diversidade cultural, tal como afirmam Chauí (1986), Fernandes (1961), Geertz (1989), entre outros.

Por essa razão, supõe-se que o processo de simbolização que a criança vive ao interagir com a cultura do adulto exige, como diz Santos (1994), conhecer o outro - a criança - que utiliza a experiência acumulada pelas gerações anteriores e, a partir disso, a incorpora de modo particular, revelando novos significados em suas brincadeiras. Neste aspecto, a brincadeira passa a ter um valor simbólico que possibilita às crianças não só recriarem, mas criarem seu universo cultural, mesmo que este contenha elementos da cultura já existente, permitindo-lhes expressar, a seu modo, o mundo da infância.

No entanto, os significados simbólicos das brincadeiras infantis não podem ser localizados apenas nas práticas ou brinquedos. Neste aspecto, Santos (op.cit.) defende que os códigos simbólicos devem ser compreendidos dentro dos processos globais da sociedade. Pois, se observar esses símbolos apenas nas relações particulares de significados do universo infantil, corre-se o risco de não percebê-los em sua totalidade.

Portanto, a compreensão da criança enquanto um ser particular e ao mesmo tempo universal, a revela como detentora de desejos, vontades e necessidades próprias, interagindo em um meio sócio-cultural e construindo, ao mesmo tempo, e transformando a cultura que lhe é passada pelo adulto e por seu universo. Todas essas relações favorecem o surgimento de uma cultura infantil, singular fruto da interação com seus pares no espaço livre de brincadeiras na rua, na praça, nos terrenos baldios, nos campos.

Por outro lado, a questão defendida por Brougère (1995), de que a brincadeira não é algo inato da criança, sendo ela uma aprendizagem socialmente construída, mostra que o bebê ao nascer, não sabe sorrir, brincar, interagir com as pessoas ao seu redor. Seriam antes, os pais, a família e, principalmente a mãe que lhe ensina o prazer que a brincadeira pode proporcionar.

Apesar de entenderem o brincar de modo diferente, Brougère (1995) e Benjamin (1984) têm algo em comum ao defenderem que o brincar não é inato, mas apresentado e ensinado à criança culturalmente pelos adultos em seu cotidiano é, portanto, um vasto processo de aprendizado.

A delimitação deste estudo faz-se, então em torno das questões do imaginário sócio-cultural das crianças na ação do brincar, passando pelas categorias de idade (crianças de diferentes idades brincando juntas), de gênero (como percebem a diferença entre meninos e meninas) e de espaço físico, pela presença de um espaço rural no entorno do bairro, que são lugares de sociabilidade entre as crianças. Um outro objetivo presente neste estudo será conhecer e compreender como e de que forma as crianças reelaboram a cultura própria do meio em que vivem.

O processo de relação adulto-criança calcado no autoritarismo nasce na sociedade moderna no final do século XIX e início do século XX, quando surge o sentimento de infância. Entretanto, seu auge na sociedade contemporânea se dá em seu aspecto um tempo e espaço socialmente determinado pela compreensão do conceito de infância, em seu aspecto biológico, cognitivo, social, político e cultural, possibilitando um tipo de experiência que, salvo exceções, conduzirá a criança a tornar-se um indivíduo sério, responsável, disciplinado e adaptado à sociedade em que vive. Neste processo, as crianças constroem os mecanismos culturais como forma de invenção e reinvenção da própria infância.

A diversidade da cultura e suas múltiplas formas de expressão são assim fruto de um conjunto de relações sociais entre os seres humanos e destes com os outros animais, num processo interativo de constantes mudanças. Neste sentido, para Santos (1994), a diversidade cultural funciona como um desenvolvimento:

(...) marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passaram as culturas, e a humanidade vive em um universo rico, com uma multiplicidade de formas de existência.(Santos, op.cit., p. 8)

Compreende-se, assim, a cultura como um processo social dinâmico e em constante mudança. Nesse universo cultural dinâmico encontra-se a criança vista, geralmente como um adulto em miniatura que apenas no futuro terá um lugar social de respeito e sobretudo, desprovido de cultura própria e sem uma participação ativa, criadora, da ordem social. Assim, a criança apropria-se dos elementos culturais dos adultos, na vivência do espaço familiar, institucional e mesmo, no espaço da rua. Pode-se, porém, pode-se observar que estes espaços trazem em si contradições que poderão favorecer a construção da cultura infantil, revelando a não passividade da criança aos esquemas constituídos.

No presente trabalho, considero o brincar um produto do aprendizado cultural da criança ao interagir de modo dinâmico com seu meio sócio-cultural, bem como com adultos e outras crianças, num processo em que conflitos e tensões vêm à tona nas inter-relações próprias de um contexto específico: a realidade física e social de Barão Geraldo.

A criança que aprende a brincar, segue também um movimento interno, que lhe dá suporte para a fantasia, através do lúdico, do espontâneo, emerge com suas emoções, que são a essência das brincadeiras (Huizinga,1993). Neste processo, a criança aprende uma brincadeira e ao colocá-la em prática, ao vivenciar o movimento do brincar, faz uso de sua imaginação, dando-lhe uma nova dimensão. É nesse processo se constrói e reelabora a cultura infantil. É, portanto, na compreensão e interpretação do que é o universo da criança, nos espaços que frequenta – rua, praças, terrenos baldios – que se constróem o suporte empírico dessa dissertação.

Neste sentido, busco aqui refletir sobre o uso de diferentes lugares de brincar, transformados pelas crianças no espaço urbano de bairros, ruas, praças, terrenos baldios e nos espaços rurais das chácaras e da fazenda, que tipificam uma área singular, que é o distrito de Barão de Geraldo, e, notadamente, o bairro Santa Isabel. A seguir exponho como vejo este bairro que compreende espaço urbano com características de rural, que apresenta-se como público (ruas e praças) e privado (chácaras, fazenda, terrenos baldios), dos quais os meninos e meninas se apropriam para brincar.

1.2. – Rua: lugar de criança, espaço de sociabilidade

Compreendo a rua como espaço de lazer e também como espaço de sociabilidade¹¹, ou seja, enquanto lugar em que se desenvolve a produção e troca de saberes entre os indivíduos. Neste espaço, o cotidiano tem como marca a diversidade, a qual possibilita o encontro ou desencontro entre conhecidos e desconhecidos; uma multiplicidade de usos e olhares se produz do encontro com o outro diferente. O que ocorre acontecendo no espaço público que opondo-se e, ao mesmo tempo opõe-se e complementa-se com o espaço privado da casa e da família. Para Da Matta (1991):

... 'casa' e 'rua' são categorias sociológicas para os brasileiros, (...) estou afirmando que entre nós, essas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positivities e domínios culturais institucionalizados ...(idem, p. 17).

Este antropólogo nos permite pensar a rua para nós brasileiros como espaço público dependente das relações que o sujeito estabelece com a outra unidade – casa, espaço privado. É possível compreender que ao mesmo tempo em que estão em contraste, espaço público e espaço privado também se complementam. A casa, desta forma, tanto pode ser espaço íntimo e privado de uma pessoa, como espaço social público, tal como acontece quando nos referimos a ela como sendo nosso país, como às vezes falamos. Brasil é a nossa casa.

Na mesma obra, Da Matta (op. cit.) nos leva também a pensar o espaço situando-o dentro dos diversos espaços sociais e é preciso rever e sentir esse espaço público e privado.

¹¹ Compreendo também a sociabilidade conforme coloca Prado(1998) para quem a sociabilidade está relacionada, (...) diretamente com a capacidade das crianças de estabelecerem múltiplas relações com crianças de idades iguais, diferentes e com os adultos – transformando estas mesmas relações, na realidade de vida através de formas lúdicas (com fim em si mesmo, sem outros intentos) – uma forma sofisticada que não é dada pela natureza, e sim, pela elaboração coletiva, produto da cultura que também a transforma e a constitui (p. 16).

Este mesmo autor acrescenta que, observando o espaço das cidades, é possível compreender que as relações entre as pessoas estão sempre embebidas pelo social, definindo que no espaço público das

(...) cidades brasileiras, a demarcação espacial e social se faz no sentido de uma gradação e hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora (...) podendo-se entender essa relação ao (...) conferir a expressão brasileira – centro da cidade -, e também a conotação negativa do espaço sub-urbano - suburbano... (p. 36).

O espaço da rua opõe-se e, ao mesmo tempo, complementa-se com o espaço da casa, estando estes intrinsecamente ligados como espaço social. Sua mudança depende muito do lugar de sociabilidade ocupado. Em relação a esta questão pude entender que as crianças que observei no bairro, convivem e interagem no espaço tanto da casa quanto da rua. Neste último, pode-se observar, enquanto brincam, os elementos culturais do mundo dos adultos. Os quais revelam-se nas brincadeiras como lugares plenos de sociabilidade.

Sodré (1988) propõe, para um entendimento mais amplo a idéia de espaço como espaço temporal, que dá sentido, (re)significado, para quem olha, vê, sente, experiência seu lugar, podendo, assim, interpretar o real. Na complexidade da questão espaço – lugar, pode-se perceber, então, o espaço como o território, como conjunto de singularidades de um grupo. Portanto, devemos atentar para:

(...) a importância da relação entre homem e espaço – lugar da capacidade que tem o meio físico de afetar o comportamento humano (...), deixando de lado as afetações simbólicas que na cultura opera o espaço – lugar, o território, enquanto força propulsora, enquanto algo que possa engendrar ou refrear ações. O 'estar no mundo' do sujeito humano é espacial. (idem,12).

Assim, pode-se entender o espaço da rua na cidade enquanto um lugar que tem seus próprios limites de acordo com o grupo social em que o sujeito estiver inserido.

Fala portanto, o autor, de uma identidade própria do grupo, que se processa através das marcas que um povo imprime na terra, árvores, rios dando suporte para emergir a organização simbólica da comunidade. Essa identidade traz como marca a aceitação, pelos indivíduos, das normas, dos valores sócio-culturais, enquanto base para sua sociabilidade e para a busca de lugares-próprios para ampliar a identidade dos sujeitos no grupo.

Estas reflexões de Sodré de certo modo orientam também minha compreensão do bairro em que realizei este estudo as crianças, a partir do qual pude observar, imprimem não apenas novos significados, mas conferem também identidade aos lugares que usam para brincar. Neste sentido pode-se dizer que além de olhar a rua e a casa como espaço de sociabilidade privilegiado para as trocas sociais entre a comunidade, também é preciso (re)conhecer a diversidade sócio-cultural que lhe é própria.

Os espaços urbanos e as áreas rurais usadas pelo meninos e meninas do bairro para brincar, nos revelam, assim, uma certa regularidade, embora possa parecer um caos num olhar superficial. Como Magnani (1993):

(...) Esta é a riqueza que caracteriza a experiência urbana e que a rua, em sua relação metonímica com a cidade, evidencia. Não lê a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da cidade (idem,6).

Nesta perspectiva, concordo com Magnani, que nos revela ser, o espaço público da rua, uma rede de sociabilidades, que precisa ser entendida dentro da

sociedade mais ampla pois, de acordo com este autor ...a dinâmica de um espaço não se esgota em seu perímetro... (idem,8).

Assim, Magnani nos convida a pensar a rua como espaço de vivências de sociabilidade, isto é, no espaço de brincar das crianças em grupo ou sozinhas, configuram-se sociabilidades específicas.

Os espaços públicos que observei compreendem as ruas, praças, terrenos baldios e outros, nos quais procurei, aos poucos, transitar, por serem estes, lugares de brincar para as crianças. Procurei, assim, circular com elas por estes espaços e penetrar nos seus mundos de infância.

Lima (1989), ao refletir acerca dos ambientes reservados às crianças nas cidades e de como elas transgridem os limites de tais ambientes, transformando-os em lugares de prazer, confronto, conflitos, trocas sociais, curiosidades, descobertas, medos, de relações de poder, permite abrir muitas pistas e a redirecionar o olhar sobre a infância.

No bairro Santa Isabel, as ruas, praças, chácaras e fazenda configuram-se como espaços privilegiados para as crianças construir novos saberes, seja através das trocas sociais ou das marcas culturais de sociabilidades, que as brincadeiras proporcionam a às crianças e que fazem fluir suas diversas linguagens de choro, alegria, medo, tristeza, seja através do olhar atento e concentrado durante o brincar, de sensações e de toques corporais.

É na rua como espaço de confronto que as crianças de diferentes idades, gênero, etnia, podem realizar suas trocas sociais brincando, ampliando seu repertório de novas brincadeiras. Diante disso, é possível perceber, nessa perspectiva, o espaço do bairro Santa Isabel como campo de observações a partir das quais repenso o espaço urbano da infância, de outrora e de hoje. A socióloga D' Incao (1994) , analisa a infância vivida na década de 60/70 em cidades grandes e no interior, em um tempo em que isto ainda era possível. Uma infância na rua com muita brincadeira, trocas sociais, demarcando as diferenciações de gênero e a liberdade de conviver-se em ambientes diversos sem o perigo da violência, hoje tão presentes nos grandes centros urbanos. Este convívio, segundo esta autora, favorecia a constituição dos sujeitos sociais, pois a sociabilidade era

mais na rua entre crianças de diferentes idades, etnias, classes sociais, meninos e meninas, mas com o crescente processo de urbanização isto infelizmente mudou.

Como Francesco Tonucci (1996) em seu livro **La città dei bambini**, repenso os espaços urbanos destinados às crianças, contemplando a voz, as idéias, opiniões, as sensibilidades da criança para transformar o espaço urbano que outrora foi criado pensando apenas no adulto. Fazer isso, significa olhar o espaço rua, aceitando a diversidade da criança enquanto ser em movimento que vive num tempo especial que é a infância. De acordo com esse autor, a criança tem um movimento diferente do adultos. Diz ele, a criança é mais forte, pois não é facilmente corruptível (idem, p.31). Esta afirmação nos permite pensar na criança do bairro que usa sua curiosidade para para ler, ver, sentir e compreender o mundo ao seu redor e que se fosse ouvida na construção de novos espaços no bairro, poderia dar contribuições inéditas para o viver que aí se realiza.

Nesse espaço urbano recriado caberia, segundo Tonucci, um projeto de cidade que contemple o ser criança, proporcione espaços em que a brincadeira entre as crianças tenha lugar garantido.

Neste capítulo procurei trabalhar os conceitos que adotei para entender não apenas os espaços das cidades para adultos e crianças. Mais sobretudo o espaço e tempo de brincar reservado para e pelas crianças. No distrito de Barão Geraldo, um bairro, o de Santa Isabel permite observar meninos e meninas apropriando-se, para brincar, dos diversos lugares, tanto na área urbana quanto na área rural.

Este tema, o brincar na rua, traz consigo algumas questões pertinentes neste final de século, como a violência das ruas dos grandes centros, que fazem os pais proibirem os filhos de andarem sozinhos por ela. A infância controlada passou, assim, em grande parte, a ser vivida apenas no espaço privado da casa, do apartamento, das instituições escolares, mesmo aquelas que são públicas raramente ou nunca a infância é vivida em lugares públicos.

Poso afirmar que o bairro Santa Isabel, onde observei crianças brincando, ainda tem um ambiente público e privado, como as ruas e praça, e uma área verde maior, com chácaras, terrenos baldios e a fazenda Rio das Pedras. As crianças

transformam esses lugares em espaços privilegiados para suas brincadeiras. Essas características do bairro permitem inferir que a infância ainda é possível em grupos de meninos, meninas brincando juntos ou separado.

A construção da cultura infantil deste ser humano simplesmente complexo que é a criança precisa ser analisada mais particularmente, com toda a profundidade que envolve a produção desta cultura pelas crianças. Assim, analiso aqui a produção e transmissão de saberes culturais que as crianças experimentam enquanto brincam.

1.3 – A criança é feita de cem: a cultura infantil na rua

Compreendo a cultura enquanto uma multiplicidade de formas de olhar, sentir, agir, aprender, compreender e construir coletivamente os bens materiais e imateriais relacionados com as particularidades pertinentes a cada grupo social. Esta multiplicidade contribui para diferenciar um grupo de outro (Da Matta, 1978).

Neste sentido, a cultura, enquanto uma dimensão do processo social e do cotidiano da vida em sociedade, possibilita a coexistência de diferentes grupos sociais. Como diz Santos (1994), a cultura de um grupo social inserido em um contexto mais amplo da sociedade é:

(...) uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica também à sua relevância, à importância que passa a ter, sendo a cultura o produto da história de cada sociedade (...), sendo um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É na realidade uma concepção que precisa ser apropriada em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (idem, 45).

Para entender a cultura infantil no contexto da sociedade de classes, faz-se necessário estudar as relações singulares de significado da dimensão lúdica do adulto e da criança, para que seja possível compreender as brincadeiras infantis no contexto das interações e trocas sócio-culturais que as crianças estabelecem com seus pares e com os diferentes. Não se deve ignorar, ainda que esse contexto de brincar se insere no todo social e, desse modo, expressa também seus conflitos.

A meu ver, a dimensão lúdica deve ser entendida enquanto parte do universo cultural tanto do mundo das crianças quanto dos adultos, (como para demais seres vivos), já que o ser humano se adapta e reconstrói a natureza a seu favor, nesse processo se humaniza, favorecendo a produção de um espaço cultural próprio aos diferentes momentos em que vive – da infância passando pela

vida adulta até chegar à velhice, com os valores históricos que lhes são atribuídos nos diferentes momentos da história da humanidade (Huizinga, 1993).

A relação de apropriação e construção cultural pelo ser humano se efetiva na/pela interação social, num processo de reelaboração de significados e símbolos sociais acerca da produção cultural do grupo social a que pertence. Isso vem favorecer a construção de uma relação dialética entre os adultos, entre as crianças e entre adultos e criança. A plasticidade do modo de ser de cada pessoa ou criança e a formação de sua consciência vinculam-se, portanto, às mudanças sociais, históricas, políticas e culturais que lhe são próprias (Galli, 1987).

As brincadeiras se constituem, portanto, como realidade intrínseca da dimensão lúdica do ser humano, revelando o que é ser criança nas diferentes culturas. Essas diferenças culturais entre os diversos grupos humanos podem ser percebidas nos vários estudos antropológicos desde o início deste século (Malinowski, 1983; Geertz, 1978; Pereira, 1997; Aguiar, 1994; Benedict, 1988; etc)

Os estudos realizados por Malinowski (1983) nas Ilhas Trobriand (Nova Guiné-Britânica) mostram que as crianças desfrutam de uma liberdade e independência consideráveis em relação aos adultos. Ali não havia nenhuma noção de disciplina regular nem qualquer tipo de castigo físico ou moral, mesmo que, porventura, as crianças contrariassem alguma regra do grupo. Entretanto, à medida que estas vão crescendo, essa relação sofre mudanças e as regras do grupo passam a fazer parte do seu cotidiano.

Mead (1979), observando as crianças Arapesh brincando com os lábios após o desmame, sugere que esta brincadeira pode ser entendida como uma substituição ao prazer de sugar os seios da mãe, numa tentativa de descobrir prazeres novos e diferentes, conhecendo seu corpo, seus limites e possibilidades.

Um outro estudo sobre a cultura japonesa, realizado com uma abordagem antropológica, é o de Benediet. Ali o autor mostra que as crianças desde bem pequeninas, aprendem, em suas brincadeiras, sobre o universo do adulto de seu grupo social, entendendo e aprendendo desde cedo o significado de que se deve saber perder para poder ganhar.

Estas e outras pesquisas antropológicas são um marco no estudo da condição e do conceito de infância de diferentes sociedades e contribuem para a

compreensão dos símbolos, significados, regras, costumes e condutas próprios de cada cultura, bem como, da idéia do que é ser criança em sociedades diferentes da nossa. Entretanto, as pesquisas nessa área são incipientes em relação à quantidade e qualidade que impõe a complexidade do tema, conforme aponta o levantamento bibliográfico realizado por Pereira (1997) em sua dissertação de mestrado.

Os estudos brasileiros voltados às questões da infância tinham, em sua grande maioria, uma visão psicologizante (Pereira, 1994) e, em muitas situações, revelavam a relação adultocêntrica (Rosemberg, 1976) que a sociedade capitalista tem com a criança, ignorando quase que totalmente a cultura na qual a criança está inserida, bem como um contexto social, cultural e político mais amplo.

Atualmente no Brasil, mais precisamente nesta última década estão crescendo significativamente os estudos voltados para olhar a criança enquanto sujeito de direitos, e compreendê-la em sua especificidade de um ser de pouca idade. Estes estudos propõem, assim, novas abordagens, bem como outras fontes não convencionais¹².

A diversidade cultural de um povo está expressa no modo como as crianças constróem a cultura infantil, convivendo com crianças de etnias diversas, de diferentes idades, enfim, meninos e meninas de diferentes origens sócio-culturais, que são produtos e produtoras de sua história sócio-cultural, ou seja, de sua condição infantil e de classe. Este universo de produção de cultura infantil carrega toda a amplitude da cultura do adulto, da qual ela é parte intrínseca, conforme apontam os estudos de Mead (op.cit.).

Desta forma, a presente pesquisa tem por objetivo estudar o ser criança, a partir desse novo olhar, além de contemplar a sua dimensão lúdica. Procuro, então, conhecer e valorizar as Cem Linguagens das crianças e as diversas formas de manifestação de suas expressões, conforme revela o bambinista¹³ italiano Loris Malaguzzi (1995) na poesia que se segue.

¹² Entre as pesquisas de autores brasileiros que privilegiaram a criança como objeto de pesquisa temos Pereira (1997), Magali Fagundes (1997), Prado (1998), Gobbi (1997), Pereira (1994), Bufalo (1997), Aguiar (1994), Faria (1993), Lima (1989), Cabral (1986), Da Ros (1994), Fernandes (1961), Marcellino (1996 e 1990), Martins (1993), Milito e Silva (1995), Perrotti (1990), entre outros.

¹³ Bambinista em italiano vem da palavra bambini que significa criança, podendo ser comparado na língua portuguesa com o termo criancista.

Ao Contrário as Cem Existem¹⁴

Loris Malaguzzi

A Criança
 é feita de cem.
 A criança tem cem mãos
 cem pensamentos
 cem modos de pensar
 De jogar e de falar.
 Cem sempre cem
 Modos de escutar
 de maravilhar-se e de amar.
 Cem alegrias
 para cantar e compreender
 Cem mundos para descobrir
 Cem mundos para inventar
 Cem mundos para sonhar
 A criança tem cem linguagens
 e depois cem cem cem.
 mais roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura
 lhe separam a cabeça do corpo
 Dizem-lhe:
 de pensar sem as mãos
 de fazer sem a cabeça
 de escutar e não falar
 de compreender sem alegrias
 de amar e de maravilhar-se
 só na Páscoa e no Natal.
 Dizem-lhe:
 de descobrir o mundo que já existe
 e de cem
 roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe:
 que o jogo e o trabalho
 a realidade e a fantasia
 a ciência e a imaginação
 céu e a terra
 a razão e o sonho
 são coisas
 que não estão juntas.
 Dizem-lhe enfim:
 que as cem não existem
 A criança diz:
 ao contrário as cem existem.

¹⁴Tradução livre de Ana Lúcia Goulart de Faria, Patrizia Piozzi e Maria Carmen Barbosa do original italiano: *Invenire il Cento C'è, Bambini*. Milão, ano X, 2, fevereiro/1994.

As *Cem Linguagens* das crianças são aqui expressas em seus movimentos, gestos, olhares, sons, silêncios, choros, alegrias, risos, raivas, medos e toques. Lancei-me, então, ao desafio de conhecer e aprender junto com elas os seus diversos modos de interagir e de se expressar em suas brincadeiras, nos diferentes espaços que criam para brincar com seus pares.

Por favorecer a manifestação da dimensão lúdica da criança é de grande importância compreendermos as suas *Cem Linguagens* descrita e na poesia, pois é através delas que se constrói a cultura infantil, a qual se processa no momento em que as crianças brincam entre si ou sozinhas, possibilitando a nós, pesquisadoras e pesquisadores, uma leitura dinâmica da dimensão sócio-cultural de suas trocas sociais.

O brincar é, nesta perspectiva, um ato voluntário, que tem origem nos desejos das crianças e também do grupo infantil de que faz parte, lançando-se na brincadeira por uma ação de puro prazer (Pereira: 1994), na qual se inscrevem os nexos de uma vivência concreta.

Há que se pensar na sociedade contemporânea deste final de século, no fato das pessoas se voltarem mais ao consumo de bens materiais, necessários ou não. Há que se pensar no tempo social controlado e dividido em tempo do trabalho, do estudo, do lazer e da produção, divisão esta imposta em detrimento, muitas vezes, de uma vida na qual seja possível expressar e vivenciar a dimensão lúdica através do ato de brincar. Em suma, em detrimento de uma vida concebida enquanto manifestação cultural do adulto e da criança, da vida, enfim, tal como é vivida.

O tempo (mesmo o tempo livre) é controlado para ser consumido produtivamente, tendo como objetivo único o aumento do capital e os indivíduos como produtores e consumidores potenciais.

Concordo neste sentido com o pesquisador e sociólogo francês Joffre Dumazedier (1988), que estuda algumas questões relativas ao lazer, ao tempo livre e ao trabalho como parte do aumento do lucro e do consumo na sociedade capitalista. A partir da década de 70, o autor nos alerta para pensar o tempo e o espaço do lazer enquanto um tempo controlado pelo capital, que favorece o

crescimento da indústria do lazer e que certamente tem conseqüências sobre as formas de brincar.

A educadora Pereira (1994) defende também nesta mesma perspectiva, que se deve pensar o lazer, o brincar e o imaginário lúdico como algo controlado desde a infância pelo capital. Como ela mesma escreve, compreender o brincar numa perspectiva positiva é de extrema importância, tanto para o adulto quanto para a criança.

Neste sentido, penso que a criança deve ter o direito de soltar a dimensão humana da alegria, do prazer e do inusitado, envolvendo uma compreensão de mundo diferente do que está posto para nós adultos, na sociedade capitalista; pensamento este, que não é bem visto por uma parte significativa das pessoas que trabalham com crianças. Portanto Pereira (1994) afirma que:

É perigoso compreender o significado de brincar nesse nível, porque hoje dentro da sociedade capitalista, certas pessoas sabem que o espontâneo que está na essência do brincar é uma coisa perigosa, que se deixarmos surgir, por certo, teríamos uma outra maneira de viver (p. 8).

Mais a frente, esta mesma autora acrescenta, que esse tempo:

É controlado porque convém ao sistema que a espontaneidade não emergja, pois é perigoso que o homem seja espontâneo e descubra dentro de si determinadas maneiras de ver e compreender o mundo diferente da institucionalizada. E isto é extremamente perigoso para o sistema (p. 9).

A dimensão brincalhona¹⁵, revelada nas brincadeiras entre as crianças e entre estas e os adultos, é delineada não só pela vontade da criança, seu desejo ou do grupo que está brincando, mas também e principalmente pelo modo de produção capitalista. Neste aspecto, o espaço e do tempo do lazer e do brincar da criança e adulto ficam comprometidos. Trata-se de um roubo de suas cem linguagens no sentido que fala Malaguzzi (1995) ou de um furto de um tempo singular do ser humano. O furto do tempo livre do adulto numa sociedade capitalista traz sérias conseqüências para o seu olhar sobre si mesmo e sobre a

¹⁵ Ghedini (1994) mostra a importância do adulto que trabalha ou está em contato com as crianças

infância à sua volta, comprometendo-se assim a preservação do direito ao próprio tempo e espaço de viver seu tempo livre.

A infância é reconhecida e aceita enquanto um período de tempo de preparação do futuro adulto ou do pacato cidadão. É neste sentido de cultura que está inserida a criança que tenho observado nos espaços livres das ruas, praças, parques e nas áreas rurais no entorno do bairro Santa Isabel.

Assim, parece apenas que as crianças têm o dia todo livre para brincar, entretanto, seu tempo é controlado pelo período letivo, ou pelo período em que auxilia a mãe, seja nas tarefas domésticas, seja para cuidar do irmão mais novo (no caso das meninas, principalmente).

Neste aspecto posso observar que o tempo de infância das crianças que observei não é tão livre assim. Elas brincam na rua por um curto período de tempo, controlado pelas várias atividades que deverão cumprir ao longo do dia. Este cotidiano só é rompido nos finais de semana e nas férias, quando elas dispõem de um tempo um pouco mais livre, que lhes permite andar por lugares mais distantes de suas casas, aproveitando um tempo maior.

Assim, entender a criança enquanto produto e produtora de uma cultura própria que nasce no seio da cultura do adulto, me permite orientar meu olhar para observar, conhecer e aprender as manifestações da dimensão lúdica da criança no momento de suas brincadeiras.

Neste sentido é possível pensar a construção da sociabilidade¹⁶ das crianças no espaço livre das ruas, como aprendem e ensinam as brincadeiras. Ao mesmo tempo em que eu, enquanto pesquisadora, tenho muito a aprender com elas.

É importante ressaltar que as primeiras aproximações com o campo de investigação foram realizadas tendo em vista os limites e a necessidade de conhecer a formação histórica, econômica, política e cultural do Distrito de Barão Geraldo, bem como do bairro Santa Isabel, buscando compreender melhor o

soltar sua dimensão brincalhona e brincar com as crianças, enriquecendo a interação entre ambos.

¹⁶ Sociabilidade no sentido em que Cabral (1986), analisou a importância do lúdico, do jogo e do brinquedo no processo de sociabilização e sociabilidade das crianças. Entende-se pois, como uma sociabilidade as trocas sociais que ocorrem no processo de socialização entre os indivíduos de um grupo social. Outro estudo sobre esse tema, é o da antropóloga Pessoa (1992), em sua dissertação

cenário e os atores sociais que deram base para a formação deste distrito, tal como conhecemos hoje.

A compreensão crítica acerca de como os grupos sociais de uma determinada localidade constróem seus espaços de sociabilidades e de socialização, impôs a necessidade de buscar sobre quais bases filosóficas e ideológicas esses mesmos grupos elaboram. Para tanto, esta pesquisa elegeu como foco principal os seus habitantes , que no caso desta pesquisa foi realizado com seus habitantes – aqui considerados mais ilustres: as crianças.

No capítulo subsequente, procuro revelar como realizei a pesquisa bibliográfica e as observações de campo, revelando suas dificuldades e superações. Outro aspecto aqui abordado refere-se a uma breve historização sobre o surgimento da cidade de Campinas, onde se localiza o distrito de Barão Geraldo.¹⁷

Convido o leitor a conhecer o percurso feito para estabelecer os contatos com as crianças do bairro. Como também para entender por que este distrito ainda preserva, ao redor vasta área verde. E lá vamos nós de volta ao começo. E qual é o começo? Será o verbo, como afirma o poeta Manuel de Barros (1998,18) (...) No descomeço era o verbo/ Só depois é que veio o delírio do verbo/ O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: **Eu escuto a cor dos passarinhos...** Com este encontro com o poeta e com a aproximação das crianças ao ler e rever tantas vezes os diários de campo ou até retornar ao campo de observação, confesso ter vontade de ser criança de novo, com um sabor que uma infância feliz nos deixa na boca, no coração, na mente, no corpo, enfim, em todos os sentidos.

Katz (1996), também aponta que não deixamos de ser criança mesmo quando adultos. A criança que existe em nós não depende somente de nossa idade cronológica, mas sim do entendimento que temos deste momento provisório que é a infância para o ser humano.

sobre o cotidiano e a rede de sociabilidade.

¹⁷ Em relação ao surgimento do bairro Santa Isabel em que realizei as observações de campo, só consegui alguns dados através de conversas com moradores antigos, sendo possível fazer apenas um breve resumo de seu nascimento, pois nas fontes onde consegui informações sobre o distrito não encontrei nenhum registro a respeito deste bairro.

SER CRIANÇA¹⁸

Darlan Marques

Que vontade de voltar a ser criança
E ver a natureza bem perto de mim
Só pra ver passarinhos dar pulo nos galhos
E ver mangas caídas, perdidas no chão
Sentir o que sou, ver Sol nascer
Depois nadar e brincar de amor...
Esse sou eu, esse sou eu...

¹⁸ Está música escrita pelo compositor Darlan Marques foi gravada no CD Monjolear/1997. Interpretada pelos cantores e irmãos Décio e Doroty Marques, resultado de um trabalho de pesquisa sobre canções do folclore infantil de algumas regiões do estado de Minas Gerais. Esta pesquisa durou cerca de três anos e foi realizada e gravada ao vivo em conjunto com os pais de crianças de diferentes idades da -Escola da Criança - Espaço de Adolescentes em Uberlândia/M.G. Destaco este trabalho musical por ser uma iniciativa impar destes músicos, que pelo processo e resultado obtidos no CD, revelam uma enorme sensibilidade para com o mundo da infância e da criança.

II – NO CAMPO DA BRINCADEIRA - A BRINCADEIRA DO CAMPO¹⁹

O dono do escravo mando ele pega os boi pra ir cuida da terra num dia santo. Ele obedeceu e foi pega os boi e quando estava amarrando eles numa corda, ouviu uma voz que saia de dentro dos boi: Hoje num é dia de trabalha, é dia de santo, tem que descansa. O escravo quase morreu de susto, porque boi não fala e saiu correndo gritando... o boi falô...o boi falô...Daí o escravo conto pro dono dele e pra todo mundo que morava na fazenda e ninguém trabalho neste dia de santo. E por isso hoje aqui em Barão tem até festa com macarronada pra todo mundo comer de graça no dia de sexta-feira santa, minha mãe já até ajudo no ano passado. Eles não come carne porque é pecado comer carne nesse dia, também não pode ouvir música alto e só faz o que mais precisa na casa, é dia que não se pode trabalha, tem que respeita e ir na igreja (9 anos).

Um dia o boi falô: hoje num é dia de nois trabaiá - a lenda do "boi falô", como é denominada pelos antigos moradores e as crianças de Barão Geraldo, é um mito comum na região e foi-me narrada por este menino de 9 anos.

Este fato ocorreu logo no início dos primeiros contatos com as crianças do bairro, em uma de nossas conversas. Uma delas que brincava com outra de fantasma, correndo uma atras da outra por uns quinze minutos até pararem exaustos, percebeu minha presença sentada no chão próxima a elas e, dirigiu-me a palavra:

¹⁹ A denominação deste capítulo foi parafraseada do título da dissertação de mestrado "No campo de linguagem, a linguagem do campo- O que falam de escola e saber as crianças da área rural?" de Maria Isabel Ferraz Pereira Leite, PUC/RJ, 1995.

Menino -... Oi? Você já brinco de fantasma? Tem medo de fantasma?²⁰

Pesq. – É eu já brinquei sim e já tive até medo também, mas hoje não tenho mais medo. E vocês tem medo, mas gostam de brincar? Quando brincam o medo acaba?

Menino – Ah...eu tenho medo sim e ainda mais aqui em Barão que tem até uma história de fantasma de verdade. É gostoso brinca de fantasma e como aqui no Barão pode até aparece um fantasma de escravo, bem aqui nesse lugar perto da fazenda, aí que dá vontade de brinca disso, às vezes até parece que o medo acaba enquanto a gente tá brincando.

No campo da brincadeira, a brincadeira do campo que chega pela fala da criança, revela a história local e o desafio de investigar um campo misto de rural e urbano, onde crianças e pesquisadora construíram o itinerário dessa pesquisa.

Nesse percurso e itinerário foram valiosas as discussões e contribuições do Grupo de Estudos de Educação Infantil de que participo, ligado ao GEPEDISC (Grupo de Estudo Educação e Pesquisa em Diferenciação Sócio-Cultural) da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa convivi com este grupo de estudo o desafio de pesquisar dentro da educação, temas ainda pouco explorados

²⁰ Adoto para a transcrição das falas das crianças nesta pesquisa, a postura defendida por Whitaker, et al, produzindo apenas os erros de sintaxe, a particularidade de articulação do discurso, escrevendo corretamente o léxico(sem os erros ortográficos), pois esta é uma postura fundamental para respeitar-se os sujeitos de uma investigação, sem caricaturar a sua fala e suas opiniões. Este texto têm como título: "A Transcrição da Fala do Homem Rural: Fidelidade ou Caricatura?", UNESP/Araraquara, s.d., mimeo. (p.1 a 5).

em relação a construção e transmissão da cultura infantil, conhecer a criança e seu mundo da infância com toda a complexidade que essa *sociedade das crianças* envolve, também encontrei uma ausência destes temas na Ciências Sociais e Humanas têm oferecido à esses sujeitos de pouca idade, que lhe permita dar voz a elas com o máximo de respeito as suas opiniões, olhando-a enquanto um sujeito de direitos (Martins, 1993).

Este meu tema de pesquisa identifica-se e soma com outros de igual relevância pesquisados pelo grupo de estudos, os quais faço questão de destacar aqui: Prado (1998), Gobbi (1997), Fagundes (1997), Bufalo (1997), Barbosa (1996), e Rocha (1996).

O eixo comum dessa investigação é o de aprofundar o conhecimento em relação a cultura infantil, de gênero, o espaço da brincadeira em creches, questões relacionadas a infância que ainda pode ser vivida nas ruas, diferença de idade na hora de brincar, como constitui-se os espaços de brincar, políticas públicas para crianças de zero às seis anos, a rotina em creches para crianças pequeninas, entre outras questões.

II – NO CAMPO DA BRINCADEIRA – A BRINCADEIRA DO CAMPO



2.1 – Do rural e do urbano: apresentando o distrito de Barão Geraldo

O Distrito de Barão Geraldo está localizado na região norte da cidade de Campinas, ficando à direita de quem vai para a cidade de Paulínia. Com extensa área verde no seu entorno, nele ainda é possível ver e observar crianças nas ruas envolvidas em brincadeiras e brinquedos. (Mapa 1)

No estudo de Magnani (1996), conhecido sob o título: Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole -, é possível verificar a diversidade de espaços e a multiplicidade de comportamentos que se encontram no espaço urbano. Pensando no caso particular do distrito de Barão Geraldo este se constitui em um espaço urbano, com características rurais, visto que apresenta uma configuração fortemente marcada por elementos de ambas as realidades, deixando transparecer uma multiplicidade de comportamentos, atitudes e valores.

É assim que refletindo com Levi-Strauss - *o espaço da rua é boa para pensar*, que indago sobre as relações de sociabilidades que aí se desenvolvem entre as crianças quando brincam, pois que revelam as diversas formas de interações sócio-culturais, de comportamentos, de normas e regras de seus transeuntes.

Obviamente, o espaço urbano do centro da cidade de Campinas ou São Paulo não é idêntico àquele existente no distrito Barão Geraldo, onde os aspectos do urbano podem ser confundidos com os do rural, de certo modo convivem, mesmo num contexto geográfico como a cidade de Campinas. Portanto uma metrópole que nos contempla com distritos como Barão Geraldo, Souzas, Joaquim Egídio e diversos bairros periféricos em que o espaço urbano e rural se confundem e se complementam.

Fonte: Listagem telefônica Telecomunicações do Estado de São Paulo

Grosso modo, a história²¹ analógica do distrito de Barão Geraldo pode ser compreendida a partir de três momentos distintos: o primeiro, refere-se ao período do Brasil-colonial (1799-1899), marcado pela escravidão de negros trazidos da África para trabalhar em lavouras de cana-de-açúcar, café e serviços domésticos em geral; o segundo período, inicia-se no ano de 1899 indo até 1963, denominado de fase rural; e finalmente, o terceiro momento corresponde a fase urbana, de 1963 até os dias atuais. (Smith, 1995).

A origem da cidade de Campinas segundo Barretto (1995), data do século XVIII, tendo como cenário os engenhos situados nas terras do Brigadeiro Luís Antônio de Souza, as quais foram adquiridas através do sistema de Sesmarias²². Estes engenhos configuravam uma grande extensão de terra, ou seja, latifúndios que eram distribuídos aqueles que se aventurassem a explorá-las. Naquele tempo, as terras do Arraial de São Carlos, hoje Município de Campinas serviam de repouso aos viajantes à cavalo que aí paravam para alimentar seus animais.

A fazenda Rio das Pedras de hoje, representa uma pequena parte do grande latifúndio do final do século passado, cujo os habitantes eram os negros, os índios, os imigrantes brancos vindos de várias regiões da Europa e também nos países orientais que se aventuravam por estas terras em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

O Barão Geraldo Maria Ribeiro de Souza Resende (cujo nome mais tarde foi usado para denominar o distrito de Barão Geraldo) recebe no ano de 1876 a

²¹ Trabalhei com as seguintes fontes: reportagens dos jornais Diário do Povo e Correio Popular, testemunhas orais de alguns antigos moradores que ainda, residem neste distrito desde o início deste século e, principalmente os dados organizados no Relatório Parcial de Iniciação Científica (1995) realizado pelo estudante de graduação IFCH -Warney Smith, cujo título é Barão Geraldo: A Luta pela Autonomia, sob a orientação do Prof. Dr. José Roberto A. Lapa do Centro de Memória da UNICAMP. O uso de tal Relatório justifica-se pela ausência de outros materiais sobre a história deste Distrito que permita compreender a sua formação social enquanto um fenômeno complexo. Realizei também consulta às bibliotecas: Centro de Memória/UNICAMP, Municipal e da PUCCAMP, onde encontrei livros antigos que mais falam da história de Campinas ou versam sobre homenagem a algum ilustre morador de Barão Geraldo.

²² Sesmarias eram terras doadas no séc. XVIII a pessoas interessadas e dispostas a colonizar os interiores do Brasil colônia. Segundo o Dicionário Aurélio B. de Holanda (1993), sesmarias eram terras incultas, abandonadas que os reis de Portugal cediam/doavam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-las.

fazenda Santa Genebra de seu pai e se muda para ela. Pouco depois de sua mudança, o Barão se casa com uma das filhas do Conselheiro Albino Oliveira. Após o casamento, o Conselheiro Albino doou para eles a Fazenda Rio das Pedras, que localizava-se próxima a sua fazenda, a Santa Genebra. O Barão também anexou outras terras vizinhas que adquiriu, sendo que em 1889 já acumulava um total de 1.250 alqueires.

O fazendeiro Barão Geraldo diante das dívidas contraídas para o financiamento de suas lavouras e com a queda no mercado mundial do café, quase que sendo o único produto por ele cultivado em suas terras, ficou a beira da falência e assim sem saída, resolveu dividir e colocar à venda suas terras da Fazenda Rio das Pedras. Assim é que o loteamento de sua fazenda aparece como fator determinante no surgimento e povoação do bairro Santa Isabel, bem como do distrito de Barão Geraldo.

No final do século XIX os compradores destas terras, Plínio Aveniente, Eduardo e Antônio Galvão de Oliveira Barros, resolvem instalar uma leiteria na região onde é hoje a Estrada da Rhodia, a Estrada de Mogi, Guará e a Colônia Xadrez que originou o atual bairro Santa Isabel. Este fato também atraiu para a região de Barão Geraldo um grande número de pessoas em busca de trabalho. Por sua vez este fazendeiro endividou-se ainda mais com a queda da exportação de café, com isto acabou vendendo grande parte de suas terras no início deste século, falecendo em 1907, com 60 anos de idade.

O neto de Barão Geraldo, em 1954 assume o que restou da Fazenda Rio das Pedras, perdendo-a tempos depois em apostas no Jockey Club de São Paulo. É interessante observar que tal fazenda passa a ser propriedade do próprio presidente do Jockey, o banqueiro João Adhemar de Almeida Prado. Este, ao longo dos anos acabou transformando esta fazenda em um haras, depois de doar parte destas terras em 1966 para a construção da Universidade Estadual de Campinas.

Além disto a chegada da Rhodia (1942) na fazenda São Francisco, e bem mais tarde o loteamento de 100 alqueires da antiga Colônia Xadrez da fazenda Rio das Pedras, em meados de da década de 60, feito por Agostinho Páttaro do

seu sítio na estrada para Paulínia, também veio contribuir para a origem do distrito e da atual Av. Santa Isabel, que divide o bairro Santa Isabel do Jardim Independência.

Outro fato que contribuiu para transformação urbana deste lugar, foi a construção da Estrada de Ferro de Campinas na fazenda do Barão para transportar os produtos cultivados por ele e também de outros fazendeiros da região, inaugurando no início deste século a Estação Funilense, em torno da qual inicia-se o processo de urbanização do distrito. Mas, é apenas em 1942 que realmente efetiva-se este processo. Em 1950, dá-se a implantação definitiva da energia elétrica e, já em 1952, a vila transforma-se em distrito de Barão Geraldo.

Em 1966 foi instalada a UNICAMP e os terrenos ao redor dela foram loteados originando o bairro conhecido como Cidade Universitária, cujo os preços dos terrenos eram elevados e incompatíveis com a renda da maioria dos habitantes tradicionais de Barão Geraldo.

As mudanças no perfil sócio-econômico da população se iniciou neste período, e teve como consequência o surgimento de grupos sociais voltados para a preservação do meio-ambiente, preocupados com projetos habitacionais, enfim, com um plano de ocupação dos espaços rurais e urbanos de forma planejada.

Estes projetos foram elaborados sem levar em conta as opiniões, interesses e desejos dos antigos moradores locais, como assinalam os dados registrados por Smith, é preciso que o Distrito se desenvolva economicamente para oferecer-lhes mais oportunidades de empregos para seus filhos. Outra questão em que os moradores de Barão discordam ainda hoje, diz respeito aos vários projetos de vereadores eleitos por eles, para a emancipação política do distrito de Barão Geraldo, bem como o descaso com que a prefeitura de Campinas governa o local.

Os moradores mais velhos e o responsável pela Associação de Bairro do Distrito e do bairro onde realizei esta pesquisa referem-se ao fato de que segundo eles, o município só preocupa-se em usufruir do status de ter uma universidade como a UNICAMP, dos laboratórios de pesquisa que aqui foram instalados, da renda per capita dos moradores da Cidade Universitária, Guará, Recanto da Yara, que rende aos cofres da prefeitura significativos impostos.

E junta-se a isso a mais completa ausência de diálogo entre os políticos eleitos a cada quatro anos e os executores dos projetos elaborados pela prefeitura, sem levar em conta as opiniões, preocupações, interesses e desejos dos antigos moradores do distrito de que se crie projetos com a preocupação de possibilitar empregos para a população local, que amplie os horários dos meios de transportes coletivos durante a semana e principalmente nos finais de semana,

Reclamam que fica estressante ir ao centro da cidade de Campinas, o que deixa os moradores isolados principalmente aos domingos e de acordo com a opinião de uma senhora, que mora aqui desde 1950, antes era melhor, parece até que tinha mais ônibus para ir ao centro e não havia o terminal para os ônibus de Barão Geraldo. Então eles faziam o trajeto direto para os bairros, isto também diminuía o tempo da viagem para o centro. Hoje ela acha ruim, pois chega no terminal e se o ônibus do seu bairro já saiu, fica horas esperando por outro.

Assim, este distrito não pode ser entendido isolado da cidade de Campinas, pois sua ocupação e articulação enquanto um meio urbano estão inseridos em uma dinâmica que transcende os limites do lugar, influenciando no cotidiano das pessoas. Através do processo de modernização presente em todo território nacional, e no caso particular de Barão Geraldo, permite uma integração desorganizada da população que aqui mora, estabelecendo uma separação e ao mesmo tempo segregando as pessoas em seus espaços, como por exemplo não há uma integração entre moradores da Cidade Universitária (visto como local onde os moradores apresentam uma das maiores rendas do país) com os bairros populares como o Santa Isabel onde realizei as observações de campo ou com o campus universitário da Unicamp e a própria Moradia dos estudantes desta universidade.

Neste aspecto o trabalho que Smith (op. cit.) vem desenvolvendo sobre o distrito, contribui para refletir-se a necessidade de um projeto econômico, social e cultural em conjunto com os moradores, oferecendo-lhes novas oportunidades de empregos, principalmente para os mais jovens, que se discuta uma política da UNICAMP e PUCCamp que dê suporte científico e educacional a tais propostas através de projetos que contemplem as idéias e necessidades dos moradores.

Um esforço para isto foi o projeto que a Prefeitura Municipal de Campinas, através da Secretaria do Meio-Ambiente e em conjunto com a PUCCamp e a UNICAMP, realizou um estudo sobre o impacto ambiental e as conseqüências do plano de ocupação desordenado que se processou em Barão Geraldo.

Este estudo teve como conseqüência a elaboração do Plano Local de Gestão Urbana de Barão Geraldo, que foi aprovado pela Câmara Municipal no início de 1997, mas que até hoje está engavetado. Entretanto, mais uma vez parece que os moradores não participaram efetivamente deste projeto, conversas informais nas observações de campo, revelam uma descrença e uma não aceitação desse Plano de Gestão Urbana de Barão (1996), pois os interesses dos moradores mais antigos novamente não foram contemplados. Assim, mesmo havendo uma diversidade de serviços especializados produzidos pela universidade e centros de pesquisas do governo e de indústrias particulares, criando possibilidades de expansão e desenvolvimento tecnológico e científico de alto nível para uma mão de obra altamente qualificada, não favorecendo diretamente um número significativo da população pobre do distrito, que precisa de empregos, mas não atinge a qualificação exigida por estes serviços.

Desta forma, entendo a configuração do distrito de Barão Geraldo, como um meio urbano com características rurais, em que a relação sócio-cultural entre os seus habitantes são construídas a partir deste espaço, que vai mediar as diversas interações possíveis, que de acordo com Lima (1989) este ambiente *se define na relação que os homens estabelecem entre si, ou do homem consigo mesmo, com o espaço construído ou organizado* (op. cit.:14). E pensando este ambiente sendo apropriado pelas crianças do bairro para suas brincadeiras, é ainda nesta mesma obra que a autora, contribui para compreendermos este espaço onde:

As casas, os caminhos, as cidades são espaços da criança que transcendem as suas dimensões físicas e se transformam nos entes e locais de alegria, de medo, de segurança, de curiosidade e de descoberta (idem: 14).

2.2 – O desafio de investigar um campo misto

Um projeto realizado pelo Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica/PUCCamp, coordenado por um grupo de pesquisadores deste Museu. Barretto, (1988), escreve um artigo sobre este projeto com o título: Brinquedos e brincadeiras tradicionais no município de Campinas – Uma experiência de ação comunitária do Museu Universitário da PUCCamp –, revelando que um dos objetivos do trabalho era preservar o patrimônio cultural das brincadeiras que as crianças brincam nas ruas da cidade de Campinas e, que segundo esta autora conseguiram

(...)colocar em evidência que o simples ato de brincar de determinadas formas, no espaço da rua, constitui-se, ele mesmo num patrimônio cultural relevante, seja produzido nos bairros periféricos de baixa renda e com grande concentração de imigrantes, seja pelos membros da classe média-alta (op.cit., p.01).

O trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Museu Universitário da PUCCamp, ganhou amplitude a meu ver pelo fato de devolver à população infantil da cidade de Campinas e principalmente para aquelas que participaram na primeira etapa do projeto os sujeitos dessa pesquisa, as brincadeiras de diferentes lugares (bairros) em que foram coletadas. Essa restituição sistemática foi desenvolvida de um modo bem interessante e educativo, pois os pesquisadores criaram um tipo de dinâmica comunitária nos bairros através das Associações de Bairros, Núcleos Municipais de Atendimento ao Menor Carente, escolas públicas e praças.

O grupo de pesquisadores deste Museu em conjunto com essas instituições mobilizavam a população adulta e infantil, para devolver às crianças da cidade as brincadeiras coletadas, criando uma dinâmica de troca de conhecimento entre a comunidade, os pesquisadores e as crianças.

Neste sentido Magnani (1994) afirma que as trocas sociais vem favorecer o surgimento de malhas de relações e redes de sociabilidade. Diz ele:

... é preciso levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente: a dinâmica de um espaço não se esgota no seu perímetro, assim como o significado mais amplo de uma comunidade religiosa afro-brasileira vai além dos limites dos terreiros (op. cit., p. 8).

A dinâmica adotada enquanto procedimentos metodológicos para devolução às crianças do seu patrimônio cultural de brincadeiras coletado entre elas pode ser compreendido como um exemplo de ação educativa valiosa para os profissionais de diversas áreas que trabalham com este ser de pouca idade como denominou Benjamin (1984) e que vislumbram como eu, dar voz e espaço para encenarem a sua infância.

A pesquisa deste Museu, teve uma importância singular para a definição dos objetivos e metodologia aqui adotados visando compreender os elementos que constituem a sociabilidades de crianças de diferentes idades que ainda tem oportunidade de brincar na rua, mas fez-se necessário realizar também, uma sondagem em alguns dos bairros existentes em Barão Geraldo para em seguida eleger aquele em que faria as observações e análise do que é aqui proposto.

Dialogando com os resultados dessa pesquisa e com seus agentes executores, pude então, saber em quais dos bairros do distrito foi encontrado um número razoável de crianças na rua brincando e o Santa Isabel era um deles.

Uma das informações foi: nos bairros Cidade Universitária, Guará, e Recanto da Yara deste distrito, o grupo de pesquisadores do Museu Universitário não encontraram quase nenhuma criança brincando nas ruas.

Mesmo assim resolvi checar tal informação, pois de lá para cá já se passaram 10 anos desde que está pesquisa foi feita. Fui a campo e inicialmente visitei alguns bairros do distrito, mesmo aqueles em que a pesquisa do Museu Universitário havia constatado em 1987, a não existência nas ruas de grupos infantis brincando.

Assim para compreender os elementos que constituem a sociabilidade entre crianças de idades diferentes que ainda brincam na rua, percorri alguns dos

bairros existentes no Distrito de Barão Geraldo, para em seguida eleger aquele(s) que permite(m) a observação e análise do fenômeno em estudo.

As primeiras caminhadas ou pedaladas²³ foram realizadas pelas ruas dos bairros: Cidade Universitária e Recanto da Yara e, em seguida, bairro São João, Real Parque, Jardim América e, finalmente, Independência e bairro Santa Isabel.

As observações preliminares possibilitaram constatar o mesmo que a pesquisa de Barretto indicou em 1988, ou seja, que nos bairros de maior poder aquisitivo não se encontram crianças sozinhas ou acompanhadas brincando na rua.

No caso do distrito de Barão, em dois bairros a Cidade Universitária e o Recanto da Yara, não encontrei criança na rua brincando. Nestes bairros, os moradores constituem-se em famílias que detêm um maior poder aquisitivo, sendo eles professores universitários, profissionais liberais, empresários, comerciantes e estudantes universitários, estes últimos oriundos de diversas regiões do país e de outros países que vem estudar na UNICAMP, que residem no distrito.

Desde meados da década de 60, a Cidade Universitária juntamente com a UNICAMP tem proporcionado para o distrito manifestações culturais que bem podem aproximar ou distanciar tais moradores dos demais habitantes que aqui residem, devido sua população possuir um alto poder aquisitivo e um padrão cultural diferente dos moradores mais antigos do local, o que já demarca interesses sociais, econômicos, políticos e culturais distintos.

Uma outra questão que divide os moradores dos bairros populares do distrito e os moradores da Cidade Universitária, Recanto da Yara, Guarará, é terem estes se posicionado contra o desenvolvimento sem planejamento para preservação do meio ambiente de vasta área verde de Barão Geraldo. Alguns, inclusive, se colocaram contra o tão aclamado progresso que o povo mais antigo tanto deseja, para tentar minimizar as difíceis condições sociais e econômicas que enfrentam no seu cotidiano.

²³ Realizei os primeiros trajetos pelo distrito de bicicleta e/ou andando a pé. Em bairros como Real Parque, Jd. Independência e bairro Santa Isabel quase não utilizei bicicleta, pois o número de crianças na rua é bem significativo, comparado a outros onde ver crianças na rua é uma raridade e fazer o trajeto à pé permite um contato mais direto com os sujeitos, abrindo uma maior possibilidade de contatos.

Por não encontrar nestes bairros crianças brincando nas ruas, e tendo presente que o nível de violência urbana ainda não atingiu índices significativos, mesmo estando em uma cidade como Campinas com um milhão e cem mil habitantes (senso de 1990/IBGE), é possível levantar a hipótese de que crianças de nível sócio-econômico elevado não tenham a rua como espaço de brincadeiras. Entretanto, para confirmar este fato, faz-se necessário uma outra pesquisa com observação mais aprofundada comparando-o com outros, além de dirigir a discussão da questão das classes sociais que aí convivem. Por esta razão deixei estes bairros de lado e optei por aqueles em que havia mais criança na rua brincando.

Vale revelar que resido no distrito de Barão Geraldo desde 1990, quando ficaram prontos os primeiros blocos da Moradia Estudantil da UNICAMP com capacidade para 1100 estudantes dessa universidade. Apesar do conhecimento prévio de grande parte dos bairros do distrito, considereei que era necessário fazer uma caminhada por eles, pois nunca andei por esses lugares com o propósito de ver criança brincando.

O bairro Real Parque, fica nos limites do bairro Independência, entre a estrada vicinal que liga a cidade de Campinas à Paulínia e algumas fazendas (latifúndios) de cana-de-açúcar, do bairro Matão e, ainda, algumas chácaras. Este bairro possui ampla área verde e seus moradores podem ser vistos circulando pelas ruas. O transporte coletivo apesar de precário é o mais usado, as habitações são compostas de casas simples e populares, muitas apresentam-se sem acabamento, a maioria das ruas não tem asfalto, tendo apenas dois pequenos supermercados, alguns bares, serrarias e uma Cooperativa que promove lazer aos moradores do local e de outras regiões.

Um morador antigo, que reside aí a mais de quinze anos, informa que o bairro iniciou-se por meio de um loteamento de parte das terras da fazenda Santa Genebra. Atualmente também existe uma diversidade de moradores no bairro, representados principalmente por estudantes e professores da UNICAMP e PUCCamp, já que os aluguéis e os preços de terrenos e casas são bem mais

acessíveis do que os cobrados naqueles bairros situados no entorno das universidades.

Real Parque, diferente da Cidade Universitária e do Recanto da Yara as crianças brincam nas ruas, nos terrenos baldios, nos quintais de casas abandonadas e nas chácaras, vestidas com roupas simples, calçando chinelos ou mesmo descalças.

Em lugares como este bairro que descrevo acima, é possível observar as crianças brincando com o lixo da história, como diria Benjamin (1984)²⁴, ou seja, com os objetos coletados no próprio local onde criam e recriam suas brincadeiras. Isto também remete ao estudo realizado por Fernandes(1961), que tendo investigado o repertório cultural de brincadeiras dos imigrantes de outros países e de migrantes de outras regiões do Brasil que viam na cidade de São Paulo uma possibilidade de mudar a situação de miséria que viviam em seus lugares de origens. Estes fatos de uma maneira ou de outra foi percebido nos folguedos infantis observados por este autor, que as coletou nas ruas do centro no início da década de 40.

O bairro Santa Isabel e o Jardim Independência revelam uma configuração espacial geográfica com extensa área verde, casas de padrões populares, alguns supermercados, escolas estaduais, escola infantil privada, creche municipal, igrejas católicas e evangélicas.

Estes dois bairros acima, possuem, além do que já descrevi, oficinas mecânicas, várias repúblicas de estudantes da UNICAMP, três praças sem manutenção ou conserto dos brinquedos quebrados e no máximo a subprefeitura do distrito eventualmente corta o gramado destas. Somando-se a estes existem vários bares cuja frequência maior são de homens (mas que confrontam-se com a presença de mulheres estudantes que também os frequentam), bares-restaurantes aberto com objetivo quase que único de atender a população de estudantes tanto da Moradia Estudantil da UNICAMP, como os demais estudantes que moram nas várias repúblicas de casas alugadas (influenciando também na especulação imobiliária no distrito).

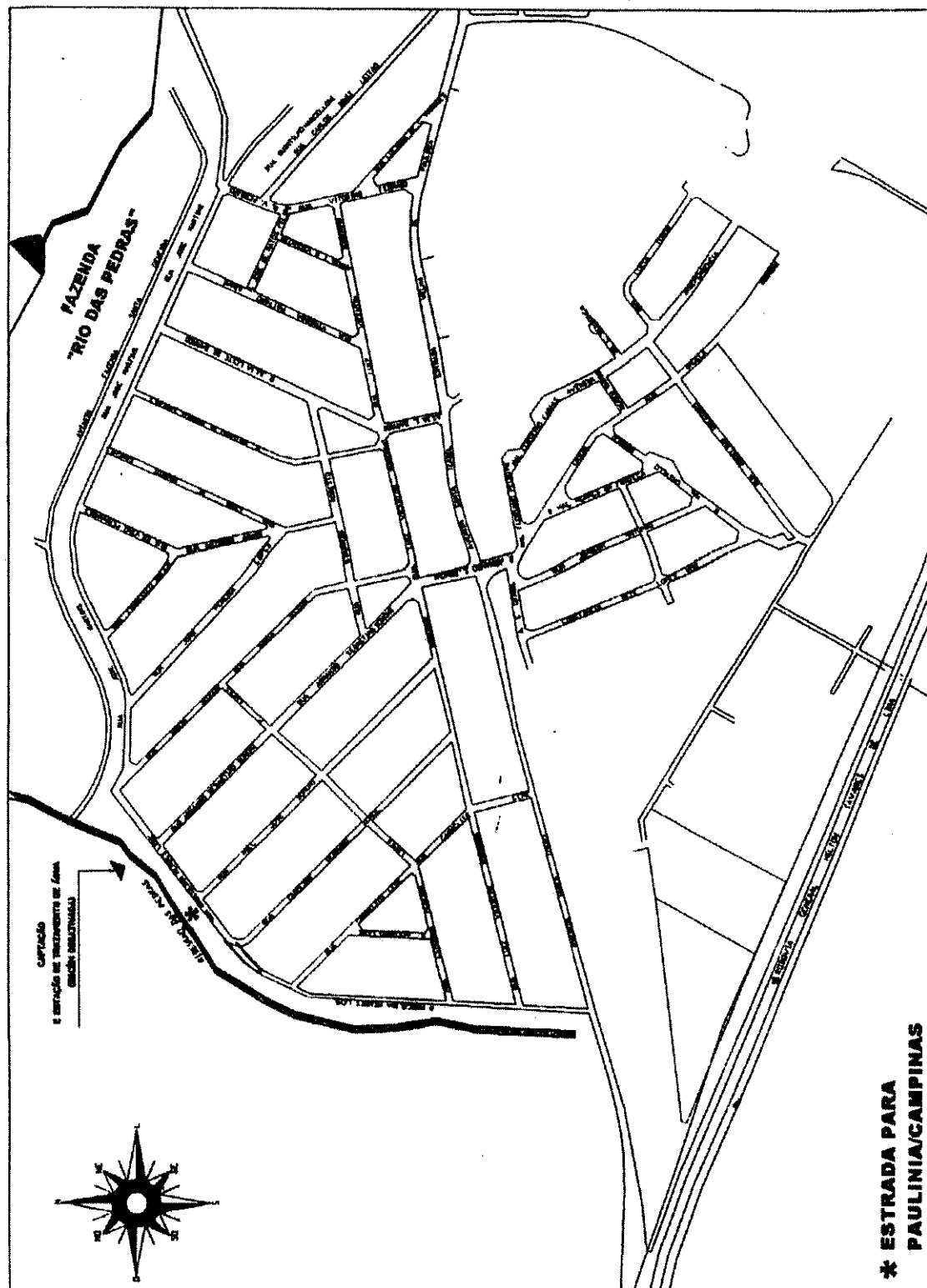
²⁴ Para Benjamin (1984), a magia do brincar para as crianças está nas possibilidades delas retirarem do próprio lixo da história os elementos para inventar e reinventar seu universo de brincadeira.

Destaco aqui que a carência de empregos é tamanha no distrito, que estes bares fazem a divulgação dos serviços oferecidos muitas vezes na própria moradia da universidade aceitando cheques pré-datados ou abrindo-se contas para pagar-se no final de cada mês, servindo refeições simples (tipo prato-feito) a preços populares, lanches, bebidas, as vezes música ao vivo, mesa de jogar sinuca e outros jogos eletrônicos. Tudo isso vem contribuir para criar diferentes redes de relações que demarcam os vários espaços de sociabilidades que usufruem tanto os adultos quanto as crianças.

Além dos locais registrados acima, para conhecer-se um pouco mais o bairro Santa Isabel, lugar em que realizei esta pesquisa, têm-se ainda um campo de futebol, um espaço de lazer denominada Pesqueiro de Barão, construído em meados de 1997 em local em que têm um lago natural para se pescar mediante ao pagamento de uma taxa ou usar várias quadras para basquete e futebol, uma parte da Sanasa (Serviço de Água e Esgoto da cidade de Campinas) que serve para reciclagem da água que abastece o distrito (Mapa 2).

Neste bairro encontra-se também salões de beleza, um açougue, dois supermercados de pequeno porte, uma farmácia, três igrejas evangélicas, uma católica, academia de ginástica.

Um espaço cultural criado para oferecer tanto curso de teatro como peças ali ensaiadas aos moradores, por iniciativa de ex-alunos formados pelo curso de Artes Cênicas do Instituto de Artes (I A) da UNICAMP, como também o LUME (Laboratório para pesquisas teatrais) vinculado a este instituto e que serve de laboratório tanto para um grupo de de sua equipe de professores que coordena este núcleo, quanto para os alunos deste instituto, e que é aberto a população do bairro e também para os demais do distrito.



Fonte: Sanasa/ Barão Geraldo - Campinas

A fazenda Rio das Pedras que hoje virou uma hípica com eventos nos finais de semana como enduros e corridas de cavalos, algumas chácaras, hortas comunitárias que contribuem para abastecer o Ceasa/Campinas, enfim constituem o mais significativo para as crianças que brincam por todos esses espaços, uma grande área verde que atraí meninos e meninas a aventurar-se por eles.

Para alegria da criançada que reside nestes bairros, existe também um número razoável de terrenos para brincarem, por eles denominados como *terrenos vazios*.

A denominação de terreno baldio para terreno vazio, foi dada por um menino de 9 anos, o qual em uma das situações de observações de campo convidou-me a ir com ele e seu amigo a visitar um - *terreno vazio* - perto do local em que estávamos (nas proximidades da fazenda Rio das Pedras). Segundo ele gostaria de mostrar-me um ninho de passarinho, que os dois estavam escondendo do resto dos amigos até nascerem os filhotes.

Foi uma surpresa e uma situação inusitada ver crianças preocupando-se em preservar os passarinhos, pois até o momento só as havia encontrado com arapucas e gaiolas para prendê-los com o objetivo de criá-los em casa ou vendê-los. Assim indaguei-os sobre primeiro o que era um terreno vazio e ele com espanto por eu não saber o que era um terreno vazio disse-me

Menino - Ué! Você não sabe que é um terreno que não têm nada ? É um terreno sem mato, sem árvore, sem casa, que da pra gente sair correndo nele, brincar do que quiser e com muitas crianças. Viu como é fácil? E aqui na Vila tem um monte desses terrenos pra brincar do que a gente quiser(9 anos).

A fala do menino especificando o que significa para ele e também para outras crianças um lugar vazio, revela sua enorme sensibilidade na percepção de espaço na sua totalidade, sem estar fragmentado. Por isso ao olhar um espaço vazio a vontade de apreendê-lo e a maneira como o faz guarda significados inusitados para nós adultos e para a criança, já que a curiosidade desta

transforma tais lugares do nada naquilo que sua imaginação desejar, expressando suas emoções, afetividades e o conhecimento que extrai dali em suas brincadeiras conforme aponta Santos (1997).

Em relação ao sentimento de proteção aos pássaros as crianças assumem uma postura crítica em relação as outras que as ridicularizam por pensarem e agirem assim:

Crianças – Ora se nós não cuida dos passarinhos quem vai cuida? Você deve saber que a molecada aqui só que mesmo é pega pra cria ou vende eles ou até mata por mata. E eu não gosto disso, acho que isso é maldade deles com os bichinhos que nem pode se defende sozinho. E se eles acham os ovinhos já vão logo quebrando tudo e meu vô falô que num se deve fazer isso, pois é tão gostoso ouvir o canto deles, ficar olhando como é bonito as cores deles e também que deus castiga quem faz isso, né?

A surpresa e ao mesmo tempo a identidade que provocou em mim as palavras dessas crianças ao defenderem e agirem para defender os pássaros, levou-me a refletir o quão inusitado pode ser os sujeitos que o pesquisador vai encontrar em seu caminho. Sujeitos e situações que aos poucos provocam identidades de aproximação deste seu mundo da infância e a minha vivida no passado, posto que eu também em minha infância defendia muito os animais de meus irmãos e outras crianças que desejavam prejudicá-los. No entanto nem sempre era bem sucedida, pois o grupo tirava sarro das crianças que como eu os defendia, pois éramos os diferentes do grupo nestas situações (tipo estranhos no ninho). Esta situações, segundo depoimento destes dois meninos, também era vivida por eles se houvesse um grupo maior de crianças nestes momentos.

Além destes lugares que as crianças denominam de espaço vazio, existem outros devido a grande área verde existente ao lado da fazenda indo em

direção a cidade de Paulínia. Encontram-se aí algumas chácaras e hortas cujas terras são alugadas e que delimitam o perímetro urbano do bairro Santa Isabel.

As crianças brincam nesses espaços em variados períodos do dia, pois segundo seus depoimentos, costumam estudar em um dos períodos do dia e no outro ir à rua para brincar quando não são solicitadas pelas mães a fazerem algum trabalho doméstico, nestes dias fica mais difícil passarem um tempo maior fora de casa. Nos finais de semana isto é diferente.

No sábado é comum as famílias irem juntas à missa, fazerem compras, ou visitarem amigos, e assim não se encontra muita criança pelas ruas. O que também caracteriza esses dois bairros, é que os estabelecimentos comerciais abrem nos finais de semana e em alguns feriados fecham ao meio dia. Durante a semana os supermercados, açougue, farmácia, mercado de frutas e legumes abrem as sete horas da manhã e fecham às sete horas da noite.

A rua é um lugar para desmascarar e resgatar a diversidade Magnani (1993), permitindo assim, presença do forasteiro, o encontro com desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento entre semelhantes, através da multiplicidades de usos e olhares de seus usuários sobre o espaço público que é regulado por suas normas. Esse espaço da rua, opõe-se ao espaço reservado e privado da casa, embora um não viva sem o outro.

Para Magnani (1994) e Da Matta (1991), a rua pode ter duas funções: ser às vezes vitrine do trabalho de investigação para o olhar do pesquisador e também um palco para lazer, trabalho ou ponto de encontro, tensões, tristezas, entre os transeuntes desses espaços urbanos.

Ao circular pelas ruas dos bairros, é possível pensá-lo como lugar privilegiado de sociabilidade, pois neles as pessoas vivem o espaço público de um jeito diferente do que, por exemplo, os moradores do centro de Campinas e de São Paulo.

Aqui, os sujeitos a partir do contato com o outro criam relações de sociabilidade que na interação com o grupo permite estabelecer trocas de experiências fundamentais na constituição das suas identidades, particulares e coletivas.

Pela observação dos lugares com maior fluxo de pessoas, percebe-se a circulação de famílias e amigos freqüentando os vários espaços comerciais, igrejas católicas e evangélicas, bares, praças, supermercados, varejões, pizzarias, terrenos baldios com gramados e poucas árvores, que acabam virando pontos de encontros tanto de adultos quanto de crianças.

As pessoas nestes bairros costumam andar no meio da rua, sem se importar muito com os carros, os quais, muitas vezes, andam em baixa velocidade e se um ou outro corre mais, segundo os comentários de alguns moradores, *é de gente de fora do lugar*.

Esse espaço urbano-rural, tem características diversas pela multiplicidade dos personagens que nele convive, de acordo com as formas, o tempo, os objetivos e a referência cultural de cada um. Essas características delimitam seus sistemas de relações, limitando a prática social de seus atores, dando-lhes um caráter próprio e singular na dinâmica desses espaços (Magnani, 1996)

Assim, esses espaços permitem a circularidade entre o rural e o urbano de muitas crianças que vêm de outros bairros de Barão Geraldo e, até de outros locais mais distantes como o Jardim São Marcos, o Bosque de Barão, o Real Parque e o Matão.

As crianças buscam essas áreas mais distantes de seus bairros, tal como a fazenda Rio das Pedras, que faz limite com o bairro Sta. Isabel, por encontrar neste local muitos pássaros para apreciarem e, lamentavelmente, prenderem em suas gaiolas ou então por que aí podem pescar ou nadar nos córregos, pegar frutas nas árvores, observar os cavalos de corrida que têm nesta fazenda e que há alguns anos se transformou em uma hípica.

O bairro Santa Isabel é assim, um campo privilegiado para o estudo e análise das brincadeiras de ruas e principalmente das trocas sociais que aí se estabelecem. As crianças que residem neste bairro podem brincar pelos espaços ainda *vazios*, tais como: as ruas, as praças, a fazenda, etc.

Neste lugar é possível observar um número significativo de crianças com idade entre sete e doze anos e, uma quantidade menor, entre cinco e seis anos,

brincando ou apenas circulando pelo bairro. As crianças com menos de sete anos geralmente estão acompanhadas por um adulto ou outras crianças mais velhas.

A observação direta das interações sociais das crianças que circulam livremente nas ruas e espaços vazios, fazem com que em alguns momentos o papel da pesquisadora seja checado. Isto é, algumas vezes sou convidada a participar das suas brincadeiras e outras sou convocada a resolver tensões e conflitos entre as mesmas, e é assim que descubro seus mundos, seu imaginário, aprendendo com elas a ser criança, e esquecendo, em parte, a condição de adulta.

Nas observações realizadas neste bairro entre março de 1997 e julho de 1997, levaram a delimitação desse estudo para apenas o bairro Santa Isabel e isto se deu pela dificuldade de (re)encontrar as mesmas crianças quando eu retornava ao campo, levou a exclusão do Jardim Independência já que considerando os dois bairros aumentava significativamente a quantidade de lugares e espaços à serem observados enquanto lugares onde as crianças brincam.

Neste sentido a delimitação do espaço observado conduziu o presente trabalho a ser realizado somente no bairro Santa Isabel, pois este local tem uma dimensão geográfica menor do que o Jardim Independência, o que permite concentrar a observação e aprofundar os dados. Por outro lado é também, significativo posto que este bairro é mais próximo da fazenda e de algumas chácaras, que são espaços atrativos para as crianças.

A delimitação em torno do bairro, propiciou, também, o encontro com as mesmas crianças, ainda que como pude constatar, exista uma circularidade significativa de crianças que vêm de outros lugares para usufruir dos espaços urbanos e rurais que este bairro oferece aos moradores.

A observação também variava quanto ao local, pois dependia de onde encontrar crianças na rua ou na praça ou nos arredores da fazenda Rio das Pedras. Importante foi observar o grupo com um número maior de crianças brincando e que também, o grupo, permitisse minha presença junto à eles ao mesmo tempo que permitissem minha presença no local.

Minha aproximação com as crianças variou muito, inicialmente procurava espaços onde poderia ser mais viável encontrá-las brincando, observava um pouco de longe depois, aos poucos ia me aproximando do grupo.

Quando o contato mais próximo com algumas crianças já estava estabelecido, contei-lhes que estava estudando como brincavam e por isso vinha sempre vê-los. Como resultado fui convidada a me aproximar ou brincar com elas.

Apesar de levar comigo uma pequena caderneta para anotações, raros foram os momentos em que tive oportunidades para fazê-las e, quando isto acontecia, percebia logo conversas em voz baixa entre as crianças, que até paravam de brincar.

Diante disto passei a evitar quaisquer tipos de anotações, já que eu desejava conhecer como elas brincavam longe do olhar dos adultos que geralmente controlam os seus movimentos, suas ações, suas atitudes e vontades, brincando o mais espontaneamente possível, tendo como limite apenas os seus desejos e as do grupo.

Entretanto, a minha presença no momento da brincadeira alterava já de alguma maneira a ação do grupo e isto se revelou em algumas situações de confronto ou discussão entre eles, em que eu era convidada a tomar partido em favor de alguém ou mesmo para resolvê-los, como geralmente os adultos fazem quando estão por perto de um grupo de crianças brigando discutindo.

Minha atitude foi sempre a de não interferir, mesmo assim, tal postura é sempre relativa, como pode-se perceber pelo ocorrido em duas situações logo no início da pesquisa, nos primeiros contatos com as crianças. Um desses momentos foi numa briga para decidir quem iria pegar uma bola para jogar e, ocorreu que um menino de mais ou menos 10 anos foi agredido por um outro bem maior (mais ou menos 15 anos), por ter este, perdido, ao tirar par ou ímpar e, teria então de ir em casa para pegá-la.

Nesta situação chamei a atenção das duas crianças, apelando para pararem de brigar, pois isto não resolveria o problema de quem iria ou não buscar a bola para jogar e sugeri que entre eles discutissem a melhor maneira de solucionar o problema.

Mais tarde ao refletir mais calmamente sobre a situação vivida, percebi que havia experimentado uma contradição fundamental e bastante conhecida entre o sujeito que investiga e o outro que é investigado e conclui que, as ambigüidades e os conflitos fazem parte da vida cotidiana em sociedade, como também do espaço da pesquisa, pois que tais realidades não são neutras e delas fazem parte a subjetividade de quem investiga e de quem é investigado.

III – BRINCAR PELA VILA É MUITO DIVERTIDO²⁵

Eu tenho uma espécie de dever, de dever de sonhar
de sonhar sempre, pois sendo mais do que um
expectador de mim mesmo, eu tenho que ter o melhor
espetáculo que posso. E assim me construo a ouro e
seda, em salas supostas, invento palco, cenário para
viver o meu sonho entre luzes brandas.

(Fernando Pessoa, O Livro do Desassossêgo)

Encontro com as crianças nos diferentes lugares do bairro Santa Isabel onde estavam brincando. Esse encontro ocorreu durante o processo de observação e pôde revelar como as crianças produzem e socializam suas brincadeiras. Algumas situações eram especiais e privilegiadas para mim, enquanto pesquisadora que desejava conhecer e aprender os sabores que a criança produzia; mesmo quando as crianças estavam completamente distraídas, brincando em pequenos ou grandes grupos, o que era mais interessante ainda, já que, nesses momentos, os meninos e as meninas pareciam só querer brincar em paz, como defende Pereira (1994).

Distraídas, era assim que às vezes encontrava as crianças envolvidas em suas brincadeiras em alguma rua, praça, em um canto qualquer da fazenda ou das chácaras, no terreno vazio (como eles geralmente denominavam os terrenos baldios), que viravam espaço para empinar papagaio, jogar bola, ou correr simplesmente naquele enorme espaço vazio, sem pressa, mas em constante movimento, com muitas vozes querendo falar tudo ao mesmo tempo.

²⁵ Esta frase foi pronunciada por uma das crianças em uma de nossas conversas e está sendo discutida neste capítulo.

Algumas vezes era desse modo que os encontrava fazendo muito barulho – *barulhentas* – (como dizem geralmente os adultos), outras vezes estavam calmos, mais centrados no brincar e demoravam mais para notarem a minha presença.

A presença do *estranho* (da pesquisadora) se revela nestes instantes, e o sentimento de *estranheza* adentrava em meu ser enquanto as observava com a fome de uma iniciante que deseja apreender tudo sobre elas. Mas a vida tem outro tom ... que aliás ficaria belíssimo se o Tom fizesse as notas musicais dessa ópera infantil. Uma ópera das crianças. Mas, captar tudo de uma realidade tão complexa como é o universo da infância e seus sujeitos sociais não é tarefa fácil e, é com humildade, muito respeito e reverência às crianças que me deram licença de conhecer seu mundo, que me coloquei neste estudo como aprendiz ... aprendiz da cultura infantil.

A complexidade que envolve a pesquisa sobre a infância e a criança neste final de século nas Ciências Humanas conta com um crescente número de estudos que vem contribuir para a compreensão do processo de produção e transmissão de conhecimento vivido pelas crianças na hora em que brincam. Este tem sido o tema de Pereira (1994), Aguiar (1994), Sarmiento & Pinto (1997), Pereira (1997), Martins (1993), Silva (1996), Scorsi (1993), Tavares (1994), Barretto (1988 e 1989), Prado (1998), Gobbi (1997), Fernandes (1961), entre outros.

As experiências educativas da pedagoga Maria Amélia Pereira (1994) sobre a importância do papel da brincadeira para as crianças levam-na a afirmar que devemos deixar as crianças brincar em paz, sem a interferência do adulto. Nestes momentos, os adultos só devem se aproximar se forem convidados a participar da brincadeira. Esta autora acrescenta que a essência do brincar é a espontaneidade de não ter hora marcada e nem objetivo pedagógico, permitindo emergir a dimensão lúdica do ser humano. Ainda de acordo com esta pedagoga, *o homem é verdadeiramente homem enquanto brinca. Como o brincar, a dimensão lúdica é a expressão de vida em nossa civilização, hoje, é permitido apenas sobreviver e não viver na sua plenitude* (op.cit., 11) .

O brincar é, para a criança, um ato voluntário. A criança se dirige à brincadeira por uma decisão não externa, mas interna, isto é, por que sente vontade e não porque é obrigada a isso. O livre brincar é, assim, perigoso para a

manutenção da sociedade consumista em que vivemos, pois sabe-se que o espontâneo que permeia a essência do brincar pode levar as pessoas a questionar o modo como o seu cotidiano é organizado. Neste sentido, esta autora destaca que

O homem tem medo do espontâneo, porque tem a ver com o ato voluntário, que por sua vez se liga à liberdade. Do ponto de vista do sistema, é irresponsável deixar a criança viver sua espontaneidade e o ser humano ir em direção à escolha de seu próprio caminho porque ele, com certeza, vai buscar alguma coisa diferente desta que está aí altamente estruturada e organizada (Pereira, 1994:11).

Em uma outra pesquisa, Pereira (1997) estudou a criança indígena sob o enfoque antropológico, tendo como referência as crianças A'UWĒ-Xavante da aldeia Namunkurá, Mato Grosso. Neste estudo, o autor discute e reflete sobre a criança Xavante através de suas expressões de linguagem, corpo, gestos, afetividade, entre outras, compreendendo o brincar enquanto momento pleno de sociabilidade, vivenciando no cotidiano das crianças.

Motivante para o presente estudo foi o fato de na aldeia algumas atividades diferenciarem-se entre meninos e meninas²⁶. Ao menino é dada permissão de andar e caçar pela mata com os homens; as meninas acompanham as mulheres quando vão à floresta colher frutos, pegar alimentos na roça ou nela trabalhar, ou então ficam em casa para cuidar dos irmãos menores, entre outras tarefas.

Existem, no entanto, nesta aldeia atividades que são comuns a todas as crianças, até serem iniciadas nos primeiros rituais de passagem. Essas tarefas comuns são a ida ao rio lavar a louça, roupa, pegar lenha, etc. Tais atividades apresentam-se mais como uma brincadeira no rio, na floresta e em toda a aldeia do que uma tarefa séria a ser cumprida. As crianças podem, assim, correr livremente, sem que os adultos interfiram de modo a centrar na tarefa a ser desenvolvida. Os adultos, só irão interferir nas atividades que realizam sempre

²⁶ Segundo esta pesquisadora, "... o ciclo de vida de uma pessoa xavante transcorre em etapas que se definem de modo diferente para o homem e para a mulher, geralmente acompanhando o processo de maturação biológica e social, expressando-se através de um intrincado sistema de categorias de idade, (...) por meio de uma regra de descendência patrilinear" (op. cit., 1997).

brincando, se algumas delas estiver em situação de perigo que não possam resolver por si mesmas.

Da mesma forma, os trabalhos do Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho de Portugal são valiosos por privilegiar o estudo da infância como construção social e reconhecer a criança como ator social de pleno direito.²⁷

Sarmiento e Pinto (1997) discutem uma definição do conceito de infância e de criança e a delimitação de um campo de pesquisa para estas categorias. Em seu estudo, os autores analisam a construção social da infância como categoria social autônoma, capaz de revelar seus paradoxos, suas condições de vida neste final de século, assim como explicitam a consideração que lhe atribui a sociedade dos adultos, bem como o limite etário adotado em quase todos os países, para definir o que é ser criança e a questão de seus direitos, os quais, muitas vezes, só existem enquanto leis entre outras questões, são negligenciadas na prática.

Estes estudos mostram além disso que, em alguns países, a sociologia da infância e a antropologia, a partir da década de 90, estão investigando as culturas da infância enquanto

...um sistema de construção de conhecimento e de apreensão do mundo específico das crianças e alternativo(ou, pelo menos diferente) do dos adultos (Sarmiento e Pinto, 1997:21).

Outras questões – relativas aos fatores da homogeneidade e heterogeneidade para definir a posição que cada criança ocupa na estrutura social dos diferentes grupos a que pertencem – privilegiam já o estudo da infância que dê voz às crianças, para então entender a complexidade de sua realidade social. A visão paradoxal que permeia grande parte dos estudos sobre a infância é, assim, revelados na relação que as instituições sociais, familiares e escolares

²⁷ Este centro elaborou uma coletânea coordenada por dois pesquisadores das Ciências Sociais, são eles o professor Manuel Sarmiento e o professor Manuel Pinto(1997).

ainda têm para com as crianças. Calvert faz uma reflexão importante sobre esta questão lembrando que para a sociedade

...As crianças são importantes e sem importância; espera-se dela que se comportem como crianças mas são criticadas nas suas infantilidades; é suposto que brinquem absorvidamente quando se lhe diz para brincar, mas não se compreende porque não pensam em parar de brincar quando se lhe diz para parar; espera-se que sejam independentes quando os adultos preferem a dependência, mas deseja-se que tenham um comportamento autônomo; deseja-se que pensem por si próprias, mas são criticadas pelas suas "soluções" originais para os problemas (apud Sarmiento e Pinto, p. 13).

O estudo de Aguiar (1994) sobre o mundo da criança, realizado na comunidade da Barra da Aroeira/Tocantins, ao discutir as origens do binômio ensino-aprendizagem, procura mostrar como crianças da Barra participam das atividades cotidianas da comunidade sem distinção quer saibam ou não executá-las. Este grupo de certo modo preservou sua cultura e identidade étnica, entre outras razões, pelo fato de que não havia escola ou outras agências da sociedade urbano-industrial no local, entre outras tantas e profundas diferenças desta sociedade.

Neste sentido, a autora mostra com muita sensibilidade como é ser criança que está simultaneamente aprendendo, produzindo e socializando sua cultura na comunidade da Barra com e entre outras crianças e também com adultos. A relação dos adultos com as crianças no cotidiano desse grupo, demonstra não somente muito respeito a esse momento singular que é a infância, mas também como essa cultura tem sido apreendida por elas em suas brincadeiras pela intensa participação junto com os adultos em todas as cenas do cotidiano da Barra da Aroeira. A autora coloca que

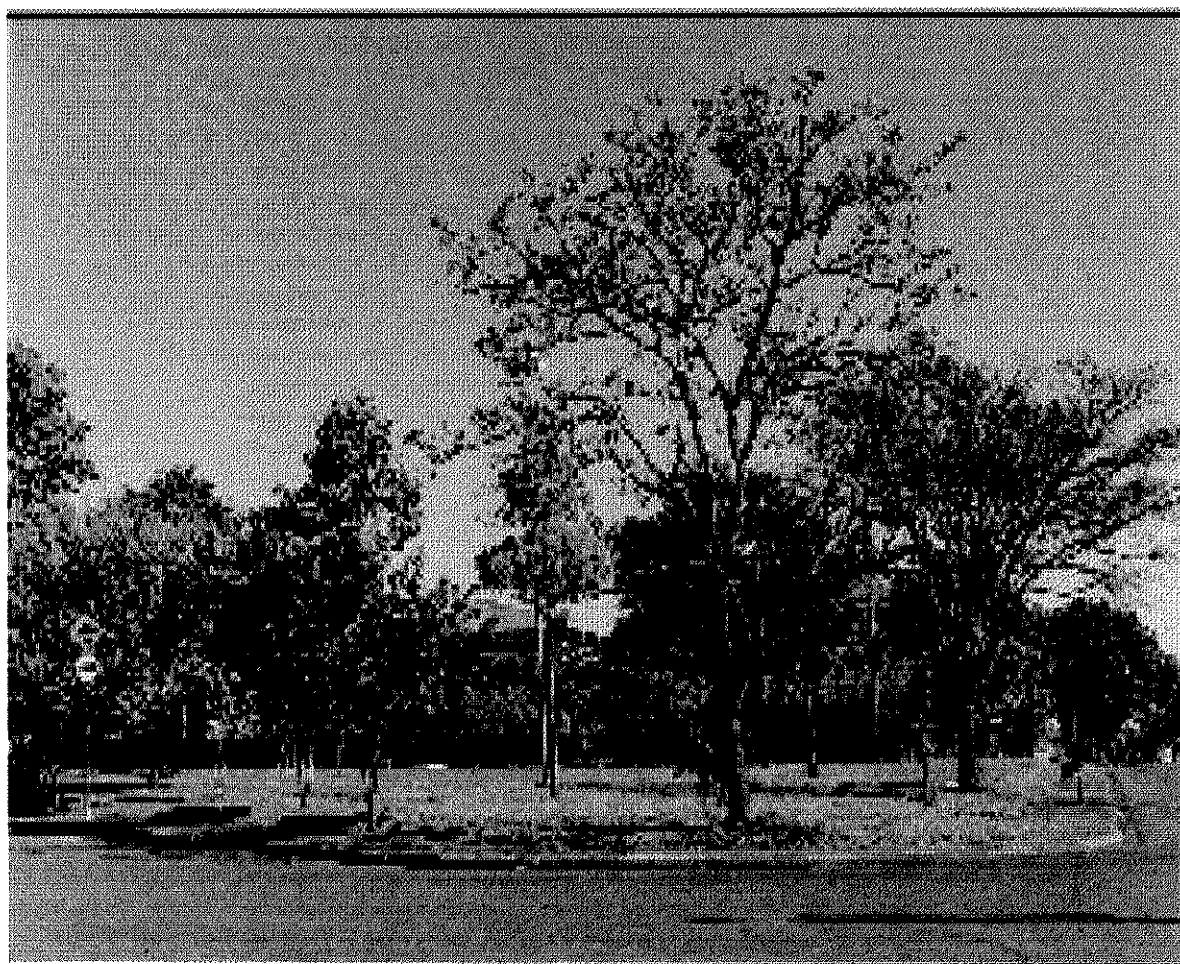
... Mesmo vivendo sob o ritmo dos afazeres dos adultos, as crianças não são criadas sob a vigia constante de sua família. Muitas vezes, brincam soltas, distaciando-se bastante de suas casas; mas parecem fazer com tranqüilidade e

segurança, como se conhecessem bem os lugares por onde passam e também como se pudessem contar com o apoio dos adultos em qualquer situação. (...) os adultos muitas vezes participam das brincadeiras das crianças, como se não houvesse diferença de idade. Brincam de roda, ciranda, pega-pega, capoeira, bodoque e cata-pingos (idem, 1994: 57).

Portanto, todos estes estudos trabalham a infância enquanto categoria de análise numa tentativa de conhecer e entender a criança, mostrando que a brincadeira só tem hora para começar e o lugar pode ser qualquer um, pois a criança o transforma em espaço de brincar, virando magicamente seu pedaço da alegria, do prazer, da invenção, do mistério, da descoberta, da imaginação sem limites, que são, enfim, momentos de produção, socialização de conhecimento e da cultura.

As crianças que observei no bairro Santa Isabel vivenciam também a cultura da sociedade em que estão inseridas e, mesmo estando numa sociedade urbano-industrial, transformam os diferentes lugares em espaço de brincar, sobre o que aqui se discute.

III – BRINCAR PELA VILA É MUITO DIVERTIDO



3.1. – De Pedro Bala às Trocinhas do Bom-Retiro:

as crianças ressignificam os espaços

Ao descrever e analisar as características ambientais dos lugares do bairro onde as crianças brincam, busco com o olhar atento, entender como os espaços são apropriados e transformados pelos meninos e pelas meninas, em espaço por excelência de socialização e de sociabilidade. Na rua, na fazenda, na praça, na chácara, no lago e também nos jardins e quintais de suas casas, demarca-se um tempo e espaço de brincar.

A apropriação, no momento das brincadeiras, dos diversos ambientes do bairro Santa Isabel²⁸, propicia uma vivência de construção, de produção e de socialização de saberes no pedaço. Magnani, em um de seus estudos sobre o uso dos diferentes espaços pelo homem urbano, aponta que

.... o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, que recebe o nome de pedaço... (1996: 32). na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (1984:138).

O processo de apropriação do pedaço por um grupo de crianças do bairro na hora da brincadeira favorece portanto, a sua socialização e tem base na cultura em que estão inseridas. As crianças deixam assim, sua marca singular neste processo de conhecer e interagir na sociedade.

²⁸ Popularmente, o bairro Santa Isabel é conhecido como – Vila Santa Isabel, mas segundo a denominação usada pela prefeitura municipal de Campinas, ele é classificado como bairro e não como vila. Consciente da importância e do lugar de destaque que as crianças usufruem enquanto sujeitos sociais que são, resolvi usar a denominação dadas por elas ao se referirem ao lugar em que brincam e moram. Assim deixei no título desta parte III e nas falas das crianças no interior deste texto, o termo vila e não bairro.

Os estudos de Magnani contribuem para entender a apropriação dos espaços pelas crianças enquanto brincam, já que analisam as redes de sociabilidade e lazer, pelo autor definidas como sendo ...ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas e condição para seu exercício e fruição (1984:138).

A marca cultural é então produzida a partir das trocas sociais que acontecem no momento em que as crianças brincam em grupo, construindo, desse modo, sua própria cultura mediante a criação de regras e normas, com suas expressões de alegrias, sua malícia, sua inocência, seus conflitos, suas tristezas e todas suas linguagens. Assim, a criança revela sua inusitada curiosidade sobre o tudo que vê, olhando e observando atentamente para todos os detalhes, principalmente porque tem o privilégio do acesso à vasta área verde que lhes permite dar vazão ao seu imaginário, ao fantástico, inventando e reinventando brincadeiras.

A cultura da criança é produzida no movimento dinâmico da diversidade cultural do mundo adulto, movimento este no qual meninos e meninas elaboram e reelaboram, enquanto brincam, sua "iniciação" à vida social (Fernandes,1961). Neste sentido, foi possível conhecer e compreender um pouco do universo infantil aqui observado.

Caminhar pelas ruas do bairro, sempre foi um prazer para mim, principalmente ao redor da Fazenda Rio das Pedras e das chácaras, o que me proporcionava um contato mais direto com a natureza, sentindo seus cheiros, ouvindo os sons do canto do pássaros, olhando os peixes no lago, colhendo frutas, subindo em árvores, etc. O prazer que as crianças sentiam, de andar pelas ruas do bairro, pelas trilhas e caminhos (como as crianças as denominavam), também era percebido em nossas conversas, ao relatarem, com alegria e encantamento, as descobertas e brincadeiras que faziam em suas andanças. Para entender um pouco mais sobre esse prazer vivido por elas, uma de nossas conversas é reveladora

Pesq. – O que vocês acham desse lugar em que moram aqui na vila? Gostam de morar aqui ? E pra brincar esse lugar é bom? Crianças falando quase todos ao mesmo tempo, mas uma delas fala mais alto:

Ih. Nem da prá falá, é uma delícia morá e podê brincá por aqui, só indo andá com a gente prá sabê como é bom. Andá na fazenda, pegá fruta, pescá, subi na árvore, vê e ouvi us passarinho, inventá coisa prá brincá nus pinhero perto do lago, ih tanta coisa que a gente faz por aqui. E nas rua e nus terreno vazio o bom é soltá pipa, jogá bolinha de gude e gosto de joga futebol lá no campinho perto do pesqueiro, naquela estrada que vai pra Paulínia, você sabe, já teve lá com a gente. Mais o que é chato é que sempre têm que i vê se a mãe precisa de mim prá comprá as coisas ou ficá com meu irmão pequeno, ele .ainda nem anda direito. E se eu não fô aí ela até me bate e deixa de castigo, sem sai prá brincá. Mas mesmo assim eu nem ligo de apanhá, depois que eu já brinquei mesmo. (Menino, 8 anos)

A fala desta criança demonstra o prazer em brincar pelos espaços do bairro e a importância do contato com a natureza. No caso das crianças que observei no bairro da Santa Isabel, a possibilidade de se reunirem e andarem por diversos espaços lhes abre oportunidades singulares, como demonstram as situações que apresento nesta dissertação.

A natureza tão exuberante existente nesta região do bairro Santa Isabel convidou-me a fazer um registro fotográfico dos vários lugares em que encontrava crianças brincando, pois, nas imagens, desvelam-se os muitos espaço – lugar como lugar de brincadeira. Os registros de imagens apresentando os diversos espaços do bairro tentam trazer o leitor a esse lugar.

3.2. De itinerários e encontros: o tempo e o espaço de brincar

Os primeiros contatos com os diversos lugares em que encontrava crianças brincando pelas ruas, terrenos vazios, fazendas, foram aos poucos me permitindo conhecer os pedaços em que as redes de relações sociais iam sendo tecidas no cotidiano de brincadeiras. De certo modo, revelavam-se, também, os conflitos, as brigas e disputas, os prazeres, as alegrias, bem como os lugares onde, como, com quem, do que, em que horários, quais os dias da semana, de que forma as crianças brincam. Pude observar, além disso como se dá a comunicação entre as crianças, como, enfim, expressam suas cem linguagens²⁹ nesse momento particular de encontro que a brincadeira representa.

Neste sentido, procurei notar, observando de longe, onde havia crianças brincando, buscando com elas uma maior aproximação. O meu olhar, de certo modo, não passava despercebido pelas crianças e nesse processo de ir e vir, tornava-me cada vez mais conhecida e percebida por alguns desses grupos de meninos e meninas ou grupos mistos que encontrava ao caminhar pelas ruas do bairro.

A este itinerário do olhar e do encontro com as crianças, corresponde o tempo de revelar – na trama das relações sociais cotidianas – do estranho que aos poucos tornava-se familiar e vice-versa – o desconhecido e o conhecido em sua diversidade cultural. Pois o processo de inserção no campo de investigação acontece de maneira diferente, dependendo do contexto sócio-cultural a que o grupo pertence (Da Mata, 1978).

A aproximação com algumas crianças deu-se de um modo mais tranquilo, apenas alguns contatos foram necessários para estarmos mais próximos. Para outras crianças, ao contrário foram necessários vários encontros e reencontros, nos mesmos espaços ou em lugares diferentes, para que fosse possível estabelecer uma interação entre eu como sujeito observador e eles como sujeitos observados.

²⁹ Refiro-me aqui às cem linguagens das crianças que nós adultos ignoramos e que tão poética e sensivelmente nos falou o italiano Loris Malagucci, na poesia: "Invence il cento cé" - in *Revista Bambini*, Milão, ano X, N.2, fev/94. Esta poesia encontra-se na pg.31 desta Dissertação.

Ainda que os encontrasse brincando em diferentes dias e horários, em dias de semana ou ao final de semana, era neste último que mais via crianças pelas ruas. Perguntava-me, então, sobre a situação sócio-econômica da criança, o que os pais achavam de elas brincarem nas ruas, do medo da violência que começa a aparecer em Barão Geraldo, o quanto se pode brincar em casa com amigos ou apenas sozinha, e ainda, como seus pais viveram a infância e como vêem a de seus filhos hoje, o que pensam os pais das poucas meninas que brincam fora da casa ou da sua rua.

Sempre encontrei mais meninos do que meninas brincando nos lugares longe de suas casas, como também poucos foram os momentos que presenciei meninos e meninas brincando juntos amigavelmente de casinha ou bola ou corda, passa anel, entre outras brincadeiras. As idades das crianças variavam entre 6 e 12 anos, as crianças estavam sempre em grupos de 2 a 10, aproximadamente. Encontrei, no mínimo, por volta de cem delas brincando nos diferentes espaços do bairro.

Nas primeiras conversas que tive com elas, soube que algumas iriam viajar com os pais. Aproveitei para saber sobre a viagem de férias que fariam. A conversa desenvolveu-se em torno das questões tais como, qual a cidade que iriam viajar, com quem, para casa de quem, qual o tipo de transporte e se desejavam ir na viagem.

Estas conversas com as crianças foram sempre em grupo, eu começava a conversa perguntando, primeiro, pelo tipo de brincadeira e, tão logo fosse possível, comentava sobre as férias e a família das crianças. As conversas sobre as férias revelaram que a maioria viajaria de ônibus comum, outras de carro particular³⁰, para casa de parentes como tios, avós, primos adultos, alguns para amigos, dois ou três viajariam para praia, no litoral paulista, em casa emprestada de amigos. Apenas em um caso, os pais haviam feito reservas em uma colônia de férias dos funcionários públicos de São Paulo, já que o pai tinha cargo de professor de português e a mãe diretora de uma escola na Vila Nova em Campinas.

³⁰ Pelas informações que consegui junto às crianças, grande parte dos carros eram populares. Cito aqui alguns deles: fusca, belina, perua kombi, monza, camionete, fiat e gol modelo antigo, dois carros novos, um palio e um fiat uno. Esses dados foram coletados entre as 34 crianças que

Assim, como nos primeiros contatos estava curiosa sobre as crianças e seu mundo. Havia nelas, também, uma curiosidade sobre minha presença nas ruas, olhando-as a brincar. Buscava sempre esclarecer a razão de estar ali, conversando e brincando com elas, algumas faziam perguntas para saber mais sobre mim, como se estivessem tentando desvendar máscaras e intenções que revelassem segredos por elas desconhecidos. Outras se limitavam a olhar-me com uma certa "timidez". Outras ainda, mais tranquilas, permaneciam envolvidas em suas brincadeiras, sem se importar com a minha presença ou com a curiosidade dos colegas sobre a minha pessoa.

Neste processo, aos poucos nos reconhecíamos como "seres brincantes" que somos. Procurava demonstrar-lhes o meu desejo e prazer de brincar junto com elas ou simplesmente de observá-las, ao mesmo tempo em que enfatizava minha curiosidade de conhecer "como e do que brincavam" ali na rua com seus pares.

Assim sempre procurei responder na medida do possível, às suas curiosidades. Destaco, entre elas, a situação em que algumas crianças me fizeram algumas perguntas:

Menino (9 anos): Mai, por que você fica aqui com a gente brincando? Você não tem pai e mãe que manda você ir cedo pra casa? E nem irmão que chora e faz a gente ir embora antes de acabar a brincadeira? Você é um adulto bem diferente dos outros que eu conheço. Por quê?

Pesq.- Porque gosto de brincar e tive uma infância muito divertida e cheia de aventuras. Quando eu era pequena como vocês meu pai era administrador de fazenda e até por volta dos meus onze anos moramos em fazendas no interior de S.Paulo. Eu vivia andando pela fazenda onde morava com meus irmãos mais novos, meus primos que só apareciam nas férias e outros filhos de amigos de meus pais. E quando a turma se encontrava

inventávamos mil e uma coisas pra fazer, como por exemplo andar nos cavalos mais mansos (eu ganhei com 8 anos um cavalo do meu pai que dei o nome de Negrão, adorava andar nele), subir nas árvores, pegar frutas no pomar da nossa casa ou da sede da fazenda (que era proibido pelo meu pai), de pega-pega, de soltar pipa, de amarelinha, de correr atrás dos cabritos até eles ficarem cansados. Meus irmãos também choravam como alguns de vocês na hora em que a brincadeira estava mais legal, eu claro não gostava disso, por isso brigávamos. Mas mesmo assim, gostávamos de estar juntos brincando nos campos, pomares, riachos, enfim se aventurando pela fazenda onde vivi minha infância. Agora estou na Unicamp fazendo esta pesquisa pra conhecer como e do que vocês brincam aqui na rua.

Criança - Nossa Mai! Parece que você ainda é criança que nem a gente, por que você brinca e entende a gente. E... e... sabe que eu até queria ser seu filho, mais isso é se pudesse, mais num pode né? Outra coisa que eu vi das suas brincadeiras, vocês brincava quase da mesma coisa que a gente brinca hoje. Lá onde você morava tinha cidade perto de fazenda que nem aqui em Barão? E você não tem saudades de ir lá de novo brincar? (Menino, 7 anos)

Pesq. — É, as brincadeiras são parecidas sim. Eu te acho um menino muito legal, mas você já tem seus pais, sua casa e a gente pode continuar amigo, vocês podem aparecer na Moradia pra me visitar e conhecerem o lago. Vem cá me dá um abraço de amigos pra sempre, (e mesmo com alguns rindo dele se aconchegou em meu colo). Então, gente, eu morei em fazenda que ficava bem longe da cidade, era muito diferente daqui. Tinha só uma vila pequena onde íamos estudar, para meus pais fazerem compras, nos levar ao médico e dentista, tudo meu pai ia de caminhonete

pra cidade de Penápolis. E nas férias gostava de nossas viagens pra cidade de meus primos, tios e avós, tenho saudade desse tempo, mas ser adulto também é legal e todo mundo vai ficar grande.

Estes momentos mágicos e, ao mesmo tempo, revelavam uma cumplicidade, em que observador e observados confundiam-se no cotidiano de brincadeiras e de transformação dos lugares, fazendo emergir, assim, para emergir o espaço de brincar, como aponta, Lima ... *o espaço-alegria, o espaço-proteção, espaço-descoberta, espaço-medo, espaço-mistério, espaço-liberdade ou da opressão...* (1989: p.30).

O contato direto e próximo com meninas e meninos nas ruas do bairro estabelecido com o intuito de conhecer a interação entre eles na hora da brincadeira, ajudou-me a aguçar uma sensibilidade singular para ouvi-las, senti-las, escutá-las, olhando-as enquanto seres humanos que experimentam e manifestam as suas emoções, os seus sentimentos, as sutilezas dos relacionamentos, o que me permitiu reconhecer a criação e socialização de saberes que, a meu ver, acontecem nestes momentos.

Os lugares em que encontrava crianças brincando eram: a praça, a rua em frente da casa de algum deles, os terrenos vazios mais distantes ou ainda a fazenda, alguma chácara, riachos. Observei-as novamente de longe, em grupos ou sozinhas nos jardins da frente de suas casas.

Meu desejo era conhecê-las, buscando desvendar as máscaras de uma visão imaginária que nós adultos temos das crianças. No entanto, esse movimento do estranho³¹ que chega também provoca no outro desejos de conhecer. E nesse processo dinâmico de conhecer e ser conhecido, crianças demonstravam querer saber quem eu era, indagando o que fazia ali, por que andava com eles por todos os lugares, olhando tudo o que faziam, ensinando algumas brincadeiras e aprendendo outras, e até brincando junto. Como já comentei acima, procurava-lhes falar sobre pesquisa que fazia e do prazer que tinha em estar com crianças.

³¹ Para uma melhor compreensão sobre esta questão ver -"A chegada do estranho" do sociólogo José de Souza Martins (1993),

Esses momentos eram muito gratificantes, cheios de cumplicidade entre eu/pesquisadora e as crianças/observadas, e revelavam a riqueza das trocas sociais que estávamos construindo simultaneamente nesse espaço de brincar. Ali, outros espaços emergiam: o espaço de novos saberes, espaço de sociabilidades.

As crianças que têm oportunidade de brincar na rua, tais como essas que observei neste bairro da Santa Isabel, expressam-se de diversas maneiras, ora falando, fazendo gestos mímicos, com seu olhar, ora dramatizando ou teatralizando uma situação vivida, brincando, jogando, movimentando seu corpo. Como se pode ver no exemplo abaixo, as crianças inventaram um jogo de mímica, em que uma fazia a representação e as demais tentariam adivinhar o que era representado.

O grupo de quatro crianças estava no terreno vazio perto da entrada do bairro para a fazenda. Estavam ali há uns vinte minutos, discutindo entre si sobre quem seria o primeiro a iniciar a representação de mímica. Uma menina de mais ou menos 10 anos decidiu ser a primeira e passou a fazer a sua cena representando gestos de um animal andando lentamente. Como não adivinhavam, a menina subiu numa árvore pequena bem devagar. Daí foi fácil, um menino acertou: *é um bicho preguiça, que tem preguiça de fazer tudo, até prá comê, meu pai falô.* (Menino de 9 anos)

Outra criança a fazer sua mímica foi um garotinho de 5 anos (irmão deste que adivinhou qual bicho a menina imitou. Falou ao ouvido do irmão por um instante, que parecia lhe explicar algo. Deitando-se, depois no chão, começou a se arrastar pela terra, com o corpo todo espichado, sem emitir nenhum som. Arrastou-se pela terra embaixo das duas árvores próximas e tentou subir em uma delas com o corpo espichado. E todos falaram quase em coro: *é uma cobra, tem veneno ou não?* Este menino falou para os outros colegas: *Ih... vocês nem sabia que eu era uma cobra que era cega? Eu nem sabia onde eu andava direito.*

Assim, cada criança apresentou sua mímica para os demais, o que durou mais de uma hora, já que todas elas imitaram pelo menos três a quatro bichos.

Ao observar as crianças deste bairro, que têm a oportunidade de brincar em vários lugares, além dos quintais de suas casas, fico pensando em um tempo em

que grande parte das crianças desfrutavam a infância em um espaço público, em uma época em que havia bairros, praças, ruas sem violência, tranquilos, onde prevalecia a relação de amizade. Como registrou Fernandes (1961), nas Trocinhas do Bom Retiro, as meninas e meninos podiam se expressar de modo mais livre enquanto produtores de cultura.

Pude notar que a infância, tal como era vivida pelas crianças do bairro, conferia-lhes liberdade para que se reunissem nos diversos espaços, bem como para viver e praticar o ato cultural da brincadeira em grupo, propiciando-lhes experiências de autonomia, imaginação, fantasia, movimento dos corpos, do olhar, da oralidade, da sexualidade, o que lhes permitia, por sua vez, ampliar sua sensibilidade não somente para as relações de solidariedade, da afetividade, como também para as emoções de conflitos, discussões, brigas corporais quase sempre eram resolvidas ali mesmo, favorecendo desse modo, a realização de suas potencialidades criativas. Perrotti (1990) nos ajuda a refletir sobre uma infância que se encontra em extinção nos grandes centros urbanos:

Entre nós, a "cultura das ruas" serviu como alternativa literária tanto à rigidez das hierarquias e normas familiares como ao conservadorismo da escola. Nos grupos informais de rua, nossa infância reelaborava a herança cultural que os adultos lhes transmitiam de forma fechada, filtrando e assimilando apenas aquilo que, segundo a ótica do grupo, ajustava-se aos interesses de seus membros... as crianças faziam opções, tomavam decisões, resolviam diferenças, se expressavam, criavam. (Perrotti, op.cit.:112).

Neste contexto, a curiosidade das crianças sobre o diferente, o novo, tornava-se, assim, parte do meu próprio caminho para chegar ao não conhecido, investigando-o a fim de compreendê-lo. De desconhecida, passo a ser também objeto de conhecimento para as crianças, que o que ocorria através de: trocas sociais no espaço da rua, praça e terrenos vazios, próximos das casas ou longe delas. Transformávamos, eu e as crianças, o conhecido em desconhecido, e vice-versa, provocando e construindo, assim, em nós novos saberes.

Observando a convivência de crianças de diferentes idades, raças e gênero, adentrando com elas nos espaços mais distantes das moradias, como os

terrenos vazios e os espaços rurais, percebia uma certa mudança na composição dos grupos infantis: quanto mais distantes das casas, aumentava a presença de meninos com idades acima de 9 anos (aproximadamente), já que os "mais pequenos" (como elas próprias denominavam) e as meninas não podiam sair para lugares longe de suas casas. O motivo disto foi explicado por um dos meninos:

Pesq. - ... Porque o Jô não vai com vocês para a fazenda?

Menino (10 anos): *-Ah! você não vê que ele é pequeno. E os "mais pequenos" não pode sair muito longe de casa. O pai dele briga se desobedecê e for prá longe de casa. Us "mais pequenos" pode se machucar, se perde, e as mães fica preocupada se eles for longe e pode até bate neles quando chega em casa. As meninas também tem de fica mais perto de casa, porque são mulher né. Elas têm sempre de ajuda a mãe em casa. E já nós homem não, né? A gente pode sai quando ficar mais velho, que nem eu prá onde a gente quiser. Porque homem é assim mesmo, têm de ir trabalhar fora, ganhar dinheiro e cuidar da família.*

Essa fala demonstra como os meninos estão sendo preparados para assumir um modelo de família tradicional que, pelas condições sócio-econômicas da maioria da população de nosso país, não é mais possível vivenciar, já que tanto a mãe quanto o pai precisam contribuir para o orçamento familiar. Este relato revela, ao mesmo tempo, uma idéia já pronta ou pré-concebida a respeito do que seja ser mulher e ser homem numa sociedade como a nossa neste final do século XX.

Estas questões me levam a refletir sobre que tipo de educação e de currículo está sendo oferecido em nossas escolas brasileiras. Pois, talvez seja possível supor que, em casas consideradas aqui neste estudo - certamente, os pais compactuam com esse modo de pensar acerca do que signifique ser homem e ser mulher em nossa sociedade, já que vem de lá da casa, da família a ordem

para que a menina só brinque perto de casa e esteja sempre por perto para cuidar ou ajudar nos trabalhos domésticos.

Mostrando como tem sido desrespeitado e usurpado o direito das meninas se aventurarem, de conhecerem outros mundos, outras crianças, tendo a oportunidade de conhecer e experimentar novas descobertas, através do contato com a natureza tão generosa que existe ao redor do bairro em que moram não lhes é concedida, do mesmo modo, a oportunidade de estabelecerem novos contatos, relações de amizade, e mesmo de namoro, iniciando as primeiras descobertas do corpo – seu e do outro, igual ou diferente, o que vale não só para as meninas, mas também para os meninos.

Assim pensando historicamente, ser menina tanto no passado quanto hoje, ainda revela uma complexa rede de relações, em que o jeito de educar as crianças diferenciam-se para cada sexo, demarcando as diferenças nas relações de gênero sendo sutilmente produzidas no meio familiar, escolar, no grupo infantil quando brincam juntos ou separados. Uma interessante reflexão acerca dessa questão é trazida por Becchi (1991) de como a menina já na tenra idade vai sendo transformada em mulher, pois como ela mesma diz é:

... No silêncio da infância que a feminilidade se opera
com uma forma de educar que terá ritmos fortemente
interativos, também esta é uma forma de especificidade
muito mais do que aquela masculina, será talvez mais
monótona, menos influenciada pelo tempo e pelos
acontecimentos sociais, mas mais resistentes seus modelos,
mais tenazes no seu estilo. (op.cit.,p.37)

Como profissional da educação, acho que vale a pena expor aqui minha opinião acerca do papel da escola em contribuir para o rompimento dessa visão de mundo tão careta, castradora e preconceituosa, entre outras coisas, sobre o que significa ser homem e ser mulher em nossa sociedade atual, a fim de desmascarar o tabu do corpo que lhes é passado pelos pais, quando proíbem o contato entre meninas e meninos. Ressalto, porém, ser esta apenas uma das

muitas questões complexas que envolvem a educação brasileira neste final de século. Em relação à reflexão sobre tais questões que até mesmo a escola deixa a desejar (Louro, 1997).

A dimensão das relações de gênero que se estabelecem na educação dessas crianças na escola, tanto na família quanto na rua, quando interagem com seus pares para brincar, onde se percebe uma idéia de gênero fazendo parte e ao mesmo tempo constituindo os sujeitos sociais, criando-se um espaço de infância preocupado em moldar o futuro homem e a futura mulher (Louro, op.cit.).

Neste sentido, as meninas, mesmo com idade maior de 8/9 anos, são proibidas de sair para longe de suas residências pelos pais e também por seus irmãos, primos, vizinhos e amigos da família, as quais conhecem a ordem do adulto em relação às meninas e as crianças mais novas. Louro (idem), analisa que a constituição do gênero são trazidas para a prática social, tornando-se parte do processo histórico, neste aspecto esta autora busca recolocar o debate no campo social, ao refletir que

... é nele que se constroem e se reproduzem as relações sociais (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (p.22).

IV – DESMISTIFICANDO A RUA E A CULTURA INFANTIL



IV – DESMISTIFICANDO A RUA E A CULTURA INFANTIL

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: **Eu escuto a cor dos passarinhos.**

A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para a cor, mas para o som. Então se a
criança muda a função de um verbo, ele delira. E
pois. Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de
fazer nascimentos O verbo tem que pegar delírio.

(Manuel de Barros, O Livro das Ignorâncias)

4.1. Meninas e meninos: tecendo relações de gênero

As crianças nas ruas do bairro são muito vivas, expressivas, tem respostas para tudo, bom humor, riem por qualquer coisa, brincam com objetos recolhidos na própria natureza abundante ao redor do bairro, sendo que raramente também trazem uma bola ou bolas de gude ou estilingue ou outro brinquedo qualquer, para os espaços de brincar.

Os meninos foram sempre mais presentes do que as meninas em espaços como na fazenda Rio das Pedras, algumas chácaras, espaços de hortas, terrenos vazios, campinhos em que jogam e ruas. As meninas foram mais encontradas na rua em frente de suas casas ou praças e, excepcionalmente, próximas à fazenda.

Crianças pequenas e meninas não podem se expor aos perigos dos espaços públicos/privados e distantes do olhar protetor dos adultos. Entretanto, não se pode ignorar o fato de que a violência urbana está cada vez mais crescente nos grandes centros e, que em parte, decorre daí a preocupação das

famílias de que as crianças devam permanecer brincando próximos de casa. Sem querer justificar a atitude dos pais que proíbem às meninas e permitem aos meninos mais velhos saírem pelos espaços distantes de suas casas, lanço um olhar sobre a questão do uso do espaço como forma de poder do mundo adulto em relação ao mundo da infância. Como fez a arquiteta Mayumi Lima (1989), ao pesquisar os espaços públicos, quando então pode perceber que são poucos aqueles reservados às crianças nas grandes cidades. Neste caso, o espaço se constitui enquanto "locus" de poder dos adultos em relação à criança, sugerindo à elas um modelo de relação social entre as pessoas.

O espaço enquanto "locus" de poder pode ser conhecido através de uma situação vivida na fazenda Rio das Pedras. Ao entrar com um grupo de crianças neste espaço de característica rural, um guarda vem nos abordar e apesar das tentativas de conversar, todas sem chances, emerge mais forte a noção do espaço como privado e proibido e o fato dos guardas estarem lá para impedir a entrada de estranhos, fomos, assim, convidados a nos retirar. Numa tentativa de diálogo, nos aproximamos do guarda, que nos perguntou:

Guarda: O que vocês fazem por aqui? Quem autorizou a entrada de vocês? Não viram a placa "Proibida a entrada de pessoas estranhas/propriedade particular"?

Criança: Ah! seu guarda a gente só veio vê os cavalos, não fizemó nada de errado.

Guarda: Mas aqui não é para entrar, então vocês podem ir saindo.

Pesq. - E ao observar sua mão na arma que carregava na cintura, resolvi indagar: P.: Por quê vocês usam a arma?

Guarda: Para por medo nas pessoas que adentrarem na fazenda sem autorização, como vocês entraram aqui, sem permissão do gerente da fazenda! E acho que é bom vocês irem andando.

Não é apenas o convite, outras insígnias de um poder adulto que manda, está nas armas e na própria postura do adulto. É - por medo - que o método do adulto, desde sempre é usado dentro da família - não faça isso, os espaços são usados como uma necessidade para suas brincadeiras e que se compreenda o poder que deles emanam, não só em relação a elas, mas para os adultos também. Neste sentido para Lima, os espaços se colocam como um:

... produto do condicionamento que atinge todos os indivíduos, nesta sociedade baseada na produção e na vinculação de valores de troca. Acrescentando ainda que - ... Nesta sociedade, crianças e velhos tendem a ser considerados cada vez mais fardos inúteis porque não imediatamente produtivos (Lima, 1989: 12).

Depois dessa experiência com os guardas, as crianças já longe da fazenda comentam que não adianta eles proibirem, pois entrarão na fazenda de qualquer jeito, só que agora vão precisar ter mais cuidado para entrar lá de novo. Eu indago por quê e me responderam:

Criança: Ah!... Esse lugar é muito, é muito bonito e cheio de árvores, tem muitos passarinhos, lago prá gente pescá e nadá, vê us cavalos correndo no treino parece que vão voa e isso é tão gostoso de senti... Ah!... Sei lá... Tem também as flor de cada tempo, se é frio ou calor, às vezes tem frutas também que é tão... e tudo isso deixa tudo tão bonito e com um cheiro, né? Ah! é por tudo isso brincar na fazenda é muito gostoso, é a maio aventura mesmo.

Nesta fala a criança revela a sua integração com o mundo a sua volta e a elaboração dos conhecimentos que vai aprendendo nesse espaço urbano, de característica rural, que traz em si elementos sobre os ciclos da floresta, as descobertas de suas cores, seus tons, cheiros, beleza, que é capaz de identificar

nas árvores, plantas em geral e toda natureza generosa que se encontra nesta fazenda, como por exemplo: os animais da fazenda, os passarinhos, as frutas, as flores, os peixes dos riachos, os lagos, enfim tudo o que possa aguçar seu imaginário, seu sentido, sua percepção, para se aventurar por esses lugares. Apesar da ameaça dos adultos (guarda e dos próprios pais) nada os impede de voltar a fazenda e transgredir as regras do mundo adulto, para experimentar o que seu mundo e seus espaços lhes proporcionam.

Essa flexibilidade em transgredir as ordens dos adultos nos vários espaços do bairro, lhes permitem re significar esses espaços proibidos em espaços de brincar, em que tem lugar a fantasia, o imaginário, a alegria e às vezes também a frustração, a dor, o conflito, a competição, enfim um espaço em que as crianças constroem suas identidades e suas individualidades ao interagirem uns com os outros. Mas, cabe aqui notar, que meninos e meninas do bairro tem orientação diferente um do outro e isso, traz consequências e limites à forma pela qual constroem a percepção sobre si mesmas, sobre o outro e sobre o espaço onde vivem.

A formação de meninos e meninas nos espaços em que brincam, pode ser analisadas em uma das conversas com elas, onde mais uma vez mostram o papel da futura mulher sendo construído, pois as meninas precisam auxiliar as mães nos afazeres domésticos, por isso não podem sair para longe de casa e também atentam ao fato de que é perigoso andar por aí, devido a violência cada vez maior nas cidades. Algumas ainda dizem que não gostam de sair pelos matos, se referindo às chácaras, fazendas e terrenos baldios, pois têm medo de bicho ou algum homem que queira fazer mal à elas numa clara alusão às falas dos adultos, já que fazer mal para eles, segundo uma das crianças é *...ser estupradas por algum estranho ou roubadas ou baterem nelas*. Contam que suas mães as orientam sobre os perigos desses lugares longe de suas casas e aconselham (quando não ordenam) que fiquem longe desses lugares.

As meninas então, diferente dos meninos, já se acostumaram a brincar só com amigas e amigos de perto de casa, da própria rua e algumas comentam que para ir a esses lugares mais afastados só se forem na companhia dos pais ou parentes que vão passear por ali. Neste sentido, realmente os pais tem razão em

se preocuparem com o crescente perigo das ruas do centro de Campinas que aos poucos está chegando à Barão Geraldo e ao bairro Santa Isabel. Do mesmo modo, sair sem avisar a mãe, certamente implica em penalidades.

Desde cedo então, essas meninas e de uma outra forma os meninos também aprendem a ser como um adulto comportado e adequado aos valores capitalista de responsabilidade, o que exige muito trabalho e, às vezes, pouca diversão. O mesmo contexto implica permanecerem o máximo de tempo no espaço privado que é a casa e ter pouco contato com a rua — espaço público, que lhes ensinam que devem evitar, pois são espaços só para os meninos, os homens, para eles, não há perigo.

Ao menino, como rege a educação machista dos lares brasileiros, é dado maior liberdade de ação de andar com seus pares e em grupo pelo bairro, chácaras e fazendas, o que não acontece com as meninas e também em relação às crianças mais novas (5/6 anos). Para meninas as orientações das mães, são para permanecerem próximas à casa e a rua em que moram. Andar com os garotos na fazenda é:

Mad (10 anos) -... querer levar bronca da mãe ou até levar uma surra, pois minha mãe sempre recomenda pra só brincar na rua em frente de casa. E também não posso sair pois preciso ajudar a mãe na cozinha.

Esse cotidiano em que vivem as meninas da Vila, nos revela uma identidade feminina em que cabe à mulher o espaço privado da casa e ao homem o espaço público da rua como aponta Madeira (op. cit., 1997).

Assim, as questões das relações de gênero que encontrei no espaço de brincar das crianças revelam um universo diferente na educação dos meninos e das meninas. Para estas, muitas vezes acontecem sanções e castigos quando desobedecem as regras. Um caso particular foi de uma menina que havia ficado um mês de castigo por ter ido com o primo e outros garotos até a rua em que um deles morava. Esse local fica a oito quadras de sua casa, e segundo uma de suas

colegas, ela saiu sem avisar a mãe, e, por isso, "...o castigo foi que só podia sair pra ir à escola, nem podia brincar com as suas amigas".

O momento que esta menina-moça vivia, sendo proibida pelos pais de andar com os meninos, e todo o cuidado para não sair longe de casa, revela a moral de que é preciso cuidar, guardar essa mulher, pois esse cuidado com a virgindade é revelado na preocupação em mantê-la perto da casa. Em contrapartida não se "olha" ou "guarda" o menino que também experimenta um corpo em mudança.

Claro que mesmo com todas essas proibições que parecem afetar mais as meninas e muito pouco aos meninos, não se pode ignorar que as crianças sempre arrumam um jeito próprio de se divertir, de extrair prazer em suas brincadeiras, re-significando os espaços que lhes são permitidos pelos adultos, que no caso das meninas são as ruas perto de suas casas, os jardins, os quintais, os espaços da casa, entre outros.

Até aqui pode-se perceber que as questões de gênero estão fortemente presentes em um número significativo de falas das crianças, entretanto vale a pena comentar um importante estudo da professora Felícia Madeira (1997). Esta autora em seu artigo: - "O Traçado da Vida: Gênero e Idade em Dois Bairros Populares do Rio de Janeiro" -, escreve sobre as relações de gênero em nossa sociedade, na qual se processa uma relação desigual em todos os sentidos para um grande número de pessoas, que tem negadas as mínimas condições de viverem com dignidade e, com isto, a educação como um todo fica comprometida, pois as pessoas desde a infância aprendem um único modelo de estrutura familiar e diria, também, um único modelo de inserção social.

A idéia de família que as fala das crianças do bairro Santa Isabel tem revelado, é em tudo semelhante aquela que recebem dos pais, por meio da educação conforme sua condição de gênero. A simples ordenação de como usufruir dos espaços rurais e urbanos indicam haver uma sensível diferença de uso dos espaços conforme seja menino ou menina. Revela que recebem a mesma orientação os pequenos de 5 a 8 anos, - ...porque não têm ainda malícia... - segundo a fala de uma das crianças e ficando assim expostos ao perigo.

Concordando com Madeira, trata-se de considerar que a família é um grupo doméstico de grande influência na vida dos indivíduos, pois tem um sentido de totalidade com um papel decisivo na construção das identidades sociais. Assim, a autora, afirma que:

... O todo relacional representado na família exprime-se através de uma divisão do trabalho entre os gêneros que é, a um só tempo, moral e material, constituindo o masculino como destinado a uma maior exterioridade, a associação ao que é público, dimensões consubstanciadas na esfera do trabalho (...) ao feminino estão reservados o domínio privado, uma maior interioridade, atributos que se combinam com a idéia de uma maior proximidade das mulheres e de seu mundo com o plano natural. (Op cit.:1997: 299 e 300).

Apesar de todas as regras e das diferenças de se estar nos espaços, as crianças transitam como nômades na hora de brincar, entre os diversos espaços que se configuram como espaços de brincar, podem viver um tempo diferente daquele vivido pelo adulto, determinado pela lógica do sobreviver e do viver para o trabalho. O mundo da infância, ainda livre dessas amarras constrói a liberdade do ócio e sugere ao olhar antropológico à circunscrição desse espaço que se transforma quando a criança se insere nela, tornando-o um espaço de brincar.

O que a criança faz do espaço do adulto é transfigurá-lo num espaço outro, onde a lógica não é sobreviver, mas viver de modo pleno a possibilidade de experimentar uma infância digna.

O espaço que caracteriza o bairro Santa Isabel enquanto um espaço público, torna-se portanto, um espaço singular, com significados próprios para a criança que o ocupa para suas brincadeiras.

É assim, que o nomadismo ou a circulação pelos diferentes espaços pode ser analisado em relação às técnicas e dinâmicas do espaço misto de rural e urbano do bairro Santa Isabel transformando-os em espaços de brincar.

4.2.– As crianças brincando: interagindo com as diferentes idades

Poucas foram as crianças de 5/6 anos que encontrei e raras foram as vezes que observei momentos de conflitos, quase sempre quando queriam brincar com os mais velhos, e estes em certas situações não lhes davam espaço para entrar na brincadeira.

O café-com-leite, como são denominados pelas crianças de mais idade, muitas vezes ficam assistindo as brincadeiras e se são convidados a entrar nelas é para realizar alguma tarefa que o resto do grupo considera sem importância ou tem medo da represália dos adultos e aí passam a usar os menores para realizar essas tarefas, isto pode ser bem visto no filme – Guerra dos Botões. Mas aqui no bairro, na maior parte das vezes, as crianças pequenas são introduzidas na brincadeira, pois geralmente são parentes de alguma criança mais velha que está brincando.

Percebe-se aí uma hierarquia de poder entre crianças mais novas e outras mais velhas, um domínio das regras e normas por parte de uma ou outra do grupo bem como a relação adultocêntrica que os adultos estabelecem com as crianças, reproduzidos por estas com relação aos menores.

As pesquisas de Lima (op.cit.), demonstram haver uma relação de poder dos adultos frente a criança e, conseqüentemente, desta entre seus pares na apropriação do espaço.

Neste sentido, este espaço é sempre demarcado pelo jogo, que busca um tipo de relação pautada na interação lúdica da criança e a delimitação do espaço também envolve a questão das relações de gênero, conforme os dados até agora colocados vem revelando.

O espaço melhor e mais cobiçado na brincadeira ou o mais confortável é quase sempre ocupado pelo mais velho ou pela criança mais alta, ficando o espaço das sobras ou considerado ruim para os pequenos.

Uma outra situação em que isto se revela é a discussão observada entre um grupo de quatro meninos, alguns pequenos, outros maiores e duas garotas em

uma rua do bairro. O grupo discutia quem iria jogar primeiro com uma peteca, que um deles trouxera de casa e foi feita pelo seu avô (a peteca era feita de pena de galinha, pano e areia, no entanto, não era pesada).

Houve uma pequena discussão entre as crianças para definir quem iria iniciar o jogo, pois o dono da peteca, que por sinal era o mais velho, já chegou anunciando que ela era dele e que por isso iria começar.

As crianças mais novas do que ele começaram a falar alto, uma delas tomou-lhe a peteca e forçou-o a tirar par ou ímpar e com essa pressão o garoto cedeu. Isso mostra que apesar do poder dos mais velhos, nem sempre ele se exerce plenamente e pode ser relativizado no jogo de forças no mundo da infância. Mas tal jogo, não fica assim, inteiramente resolvido.

No caso em questão, deu-se a início a brincadeira com uma das meninas que ganhou o par ou ímpar, em seguida um outro menino de seis anos começou a jogar, mas errava a toda a hora, o dono da peteca começou a tirar sarro por ele não acertar, fazendo com este ficasse constrangido e saísse correndo chorando para sua casa. E sem demonstrar estar sensibilizado com o choro do amigo, fala:

Criança - Ah! É assim mesmo, vocês viram? Ele não sabe jogar e ainda por cima é manhoso... Por mim não vai mais brincar com a minha peteca... Pra brincar com ela tem que saber jogar e chorar não vai adiantar nada, parece que ele é uma menina que chora por qualquer coisa! (Pe, 10 anos).

Esse desabafo do menino acima, demonstrou uma relação de poder que crianças mais velhas ou que são proprietárias de algum brinquedo estabelecem com as outras, mas não só. Retoma também o teor machista da ordem social ao dizer que chorar é coisa de menina, de quem não pode ou não tem condições para enfrentar uma situação qualquer, como se supõe ser o caso dos homens, dos mais velhos. Não apenas isso, pois, parece ter se colocado como chefe do grupo dirigindo as brincadeiras. Entretanto, se o grupo pressionava, como no momento em que foi forçado a tirar o par ou ímpar, mesmo ele ridicularizando os que

se relacionarem com seu grupo, é este quem define Como? Quem? E onde? irá se realizar a brincadeira de forma integrada e coletiva.

Neste sentido Florestan Fernandes (op. cit.), defende a idéia de que:

.. Existe uma cultura infantil, constituída de elementos culturais quase que exclusivo dos imaturos e caracterizados por sua natureza lúdica atual. (p. 171)

Nesse contexto específico a imaginação e o imaginário faz com que todos partilhem um espaço virtual, existente apenas enquanto imaginação e imaginário. Nesta dimensão rompe-se as barreiras e todos se comunicam, independente de sexo, idade, diferenças de classe e raça. A potencialidade do lúdico revela assim sua riqueza e condição.

4.3. As Brincadeira da Criança: Socialização de Saberes

As crianças do bairro Santa Isabel, raramente se apresentaram nos lugares em que realizei as observações de campo com brinquedos sofisticados, caros, divulgados pela mídia dos meios de comunicação visual ou escrito ou panfletário, elas criam seus brinquedos com objetos colhidos no próprio espaço em que estão brincando, como por exemplo folhas, sementes, galhos, pedrinhas, flores, terra, garrafas plásticas, uma árvore que vira casa com rio e tudo mais que a paisagem oferecer ao entorno do espaço que acontece a brincadeira. e, assim vão atribuindo aos colegas, coisas e objetos, ações, formas, significados e vida.

As características distintas de um espaço misto de rural e urbano tão diferenciados, também contribuem para mudar os muitos significados que lhe são atribuídos, como parte da cultura infantil e do seu mundo da infância.

As brincadeiras tradicionais mais comuns são: a pipa ou papagaio, pião, futebol, bocha, carrinho de rolemã, patins, passar anel, queimada, pique, esconde-esconde, entre outros³².

A criatividade na confecção de pipas ou papagaio pelas crianças revela mais de cinco tipos ou modelos. A construção de cada um envolve momentos ritualizados e coordenados por aquela criança que sabe fazer melhor o brinquedo. Um garoto (menino, 9 anos) que comandava a confecção da pipa em um terreno vazio com um grupo de umas sete crianças (três meninos e quatro meninas), algumas mais velhas e outras mais novas, mostrou ter um jeito paciente e tranquilo de passar o que sabia aos demais, para fazerem eles mesmos suas próprias pipas. Aos poucos orientava a todos aconselhando que o mais legal e gostoso era que fizessem as suas próprias pipas e contou-nos como ficou feliz quando fez sua primeira pipa aos seis anos de idade. Muitas crianças e mesmo eu, tivemos dificuldades para fazê-las.

Aqui pode-se perceber com clareza como os saberes infantis vão sendo construídos por meio das brincadeiras. E este menino, com paciência, e muita

³² Estas brincadeiras também foram detectadas na pesquisa do Museu Universitário da PUCCAMP, em 1988.

competência vai ensinando a todos nós como se faz e como se põe uma pipa no ar.

Aprendi, com esse garoto, que fazendo uma pipa podemos aprender algumas noções de física e meteorologia para saber como está o vento. Esse garoto também nos explicou várias situações-problemas que impede a ela de alçar vôo. Nos contou que já participou de concursos de pipa em Barão Geraldo e no Taquaral, promovidos pelo Museu Dinâmico de Ciências, e disse que sempre ganha, às vezes em primeiro lugar e às vezes em segundo ou terceiro, mas ele não se julga um bom construtor de pipas. Construídas as pipas, um momento de plena alegria, prazer e satisfação para todos, o momento em que o ar e o céu ficou todo colorido com as nossas pipas. Essa situação permite repensar várias coisas, como por exemplo: o quanto as brincadeiras/brinquedos infantis são valiosas para se conhecer a dimensão lúdica das crianças e a possibilidade de conhecimentos que vai adquirir e usar na confecção da pipa e depois para brincar de empiná-la.

Assim, é através do brincar que, a meu ver, a criança expressa sua dimensão lúdica, sua imaginação e poder de criação, dando novos significados à realidade em que vive, mas também demonstrando o quanto compreende o mundo à sua volta, o mundo da natureza e o mundo dos homens. O brinquedo fala para criança uma linguagem simples da pura materialidade e prazer de sentir seus desejos interiores no momento do brincar e assim transformam um pedaço de madeira, um pedaço de ferro, um retalho de pano, uma folha ou um brinquedo industrializado e quebrado, em um outro real, igualmente concreto e imaginado. Neste processo de brincar sozinho ou em grupo, Fernandes, afirma que:

Esta socialização, é óbvio, aparece como um processo de educação informal, trata-se da transmissão de experiência e de conhecimentos aos imaturos, através da vida interativa entre os sujeitos... e acrescenta que nas brincadeiras – (...) das crianças são adquiridas os elementos culturais por meio da atualização da cultura infantil, sem uma transmissão sistemática, ordenada, das experiências, enquanto não há interferência dos adultos. (op. cit., p. 176)

Dentro desta perspectiva Fernandes, mostra que o interesse aqui é a socialização de meninos e meninas que é construída nos próprios grupos infantis,

produzindo a cultura da criança, isto se revela na ... educação da criança, entre as crianças e pelas crianças.(p.176).

Por outro lado, pode se pensar, conforme o faz Oliveira, que o brinquedo criado na rua é uma ...forma de associativismo infantil e espontâneo..., que está cada vez mais distante da rua no espaço urbano que se transforma e se perde enquanto espaço social e de convivência. Entretanto, no bairro Santa Isabel, ainda foi possível conviver com uma cidade do porte de Campinas e se ter uma rua, praça, espaço urbano possível de se vivenciar uma infância distinta daquela experienciada pelas crianças de outras regiões.

O brinquedo e o brincar portanto, fazem parte da aprendizagem do cotidiano, da sociabilidade da criança, favorecendo desmascarar e (re)significar as hierarquias e convenções, através das emoções que fluem entre a fantasia e a imaginação, contestando ou reafirmando as regras, normas da estrutura social. Por meio da sensibilidade infantil, pode-se reconhecer, desde muito cedo, que a realidade, tal qual ela se apresenta, é apenas um aspecto da dimensão do real.

Esse real vai além do mundo das aparências e é descoberto através do brincar ou se exercita através de todos os sentidos, em que explorar, conhecer, olhar, criar e apreender a realidade ao seu redor, confirma o mundo da infância, tanto quanto o mundo adulto e suas determinações Como afirma Oliveira(1986):

...No brinquedo infantil, práticas e interpretações sociais estão representadas. A análise do brinquedo permite uma incursão crítica aos problemas econômicos, culturais e sociais vividos no Brasil. (p. 116)

Dentre as situações vividas em campo, pode-se perceber que as brincadeiras representam relações de confronto/conflito entre as crianças, sua família e as pessoas de seu meio social. Há entre as crianças observadas uma marca acirrada em relação a ser homem e ser mulher, ser criança e ser adulta. Muitas brincadeiras ilustram essa questão, revelando momentos de confronto em que os meninos não brincam nunca de brincadeiras denominadas por eles mesmos como "de menina". Como por exemplo: passar anel, amarelinha, fita, jogo de pedrinhas, entre outras.

mesmos como "de menina". Como por exemplo: passar anel, amarelinha, fita, jogo de pedrinhas, entre outras.

Outras brincadeiras³³ foram observadas sem distinção de sexo, meninas e meninos brincam, mas desde que, as meninas estejam dentro dos limites que a mãe ou o pai impõem. Já o menino tem a liberdade de transitar por vários espaços rurais - urbanos do bairro e assim, podem observar seus corpos sendo construídos de formas também distintas do das meninas, através da expressão de suas emoções no momento em que está realizando suas trocas sócio-culturais, ou seja, brincando. Neste sentido, os estudos de Graciani (1996), nos abre um outro caminho em relação a brincadeira e o movimento do corpo enquanto mais um canal de expressão que a criança faz uso nestes momentos. Refletindo essas questões, esta autora nos coloca que: Antes de ser instrumento de trabalho (...) o corpo necessita auto-construir-se na gratuidade e criatividade do prazer e do jogo. (p.116)

E é neste processo de construção dos sujeitos e de sua alteridade, que pude perceber as crianças - meninas e meninos - nas diversas situações de brincadeiras que observei no bairro de Santa Isabel. O jogo não é só a dimensão lúdica da infância no convívio entre as crianças, que elaboram a cultura da criança, mas também, o mundo adulto contribui na introdução de regras, normas, hierarquias e diferenças.

Outra questão importante para ser colocada se refere a idéia de que a criança não faz nada enquanto está envolvida na brincadeira, não merecendo nossa atenção por isso. Entendo no entanto que tudo que acontece com as crianças no momento que brincam merece atenção por todos que estudam estes sujeitos sociais. Quando está envolvido numa brincadeira, a criança estabelece relação de modo simultâneo com o seu interior e seu mundo externo, fazendo ligações valiosas para entender a vida tal como é vivida.

Cabe destacar aqui que o brincar é um estado de espírito, permeando todo o modo complexo de viver que o mundo da infância nos revela, e permite

³³ Outras brincadeiras observadas foram: jogo da velha, mamão polenta, lenço atrás, lobo mau, mãe da rua e pai da rua, morto vivo, pião, palito, pega-pega, pular corda, polícia e ladrão, plantar bananeira, pula saco, queimada, futebol, bolinha de gude, stop, salto a distância, telefone sem fio, tampinha, gato mia, mês, corrida, corrente, elástico, esconde-esconde, detetive, entre outras.

desvendar todas as suas expressões de linguagem, produzindo descobertas fantásticas sobre a cultura infantil.

Para tanto é preciso dar espaço para as crianças falarem. Segundo Tonucci (op. cit.), se suas opiniões forem ouvidas e levadas em conta, certamente mostrarão ao adulto como criar espaços para seu divertimento e lazer, mas, infelizmente essa realidade é uma raridade, pois uma parte significativa de adultos não se colocam disponíveis para ver e ouvir o mundo da infância, ainda que alguns trabalhos, como os aqui citados, nos revelem a riqueza do mundo da infância quando nos dispomos a considerar suas idéias.

As crianças do bairro de Santa Isabel experienciam os espaços locais em longas caminhadas, e assim vão delineando caminhos singulares que se superpõem através do movimento incessante de (re)construção do espaço misto de características do rurais e urbanas, que se inter cruzam nos seus espaços/tempo de brincar. Neste processo as crianças deste bairro muito ativas, criativas, produzem sua própria história como parte da cultura infantil que, de um modo particular são portadoras.

Apesar de já em Barão Geraldo os sinais de violência estarem surgindo, ainda pode-se dizer que aqui é possível brincar nas ruas, diferente de outras crianças de cidades maiores ou daquelas, que residem em bairros mais centrais ou em periferia de Campinas, onde a violência impera e impõe determinadas emoções e comportamentos aos seus usuários, criando outras redes de sociabilidades, tal como afirma Magnani, porém, que são de outra natureza.

O uso do espaço urbano público como lugar de saberes, de conhecer e de criar conhecimento (no caso de novas e/ou antigas brincadeiras) é algo quase que inexistente em nossos dias e são raros de se achar em uma cidade como Campinas.

Estes espaços em que convivem os meninos e meninas são mais característicos de pequenos centros e cidades do interior e por isso mesmo, que os espaços do bairro, me fez recordar minha própria infância, que foi em parte no meio rural, e que em sua fase final, já quando adolescente, foi no meio urbano de uma pequena cidade do interior paulista. Nela podíamos brincar e inventar nossos

próprios brinquedos e brincadeiras, dando cores e vida a tudo no espaço em que estivéssemos brincando.

A aprendizagem ocorria da forma mais tranqüila e de acordo com a brincadeira feita no momento, resultava conquistas e aprendizagens específicas. Assim aprendi a nadar, subir em árvores, empinar pipa, jogar bolinhas, andar pelos campos mais distantes na fazenda que era enorme, com uma vasta área de mata nativa e retornar a casa sem problemas, desde meus 7/8 anos.

Por ser um espaço eminentemente rural, não havia ainda a noção de perigo, próprio dos espaços urbanos, o que também podemos observar agora no espaço urbano do bairro Santa Isabel.

No bairro Santa Isabel, de certo modo, as crianças em particular os meninos – também buscam conhecer novos espaços, brincadeiras antigas ou novas, caminhando por trilhas próximas ao lago da fazenda Rio das Pedras e enfrentando desafios. Desafios estes que resultam em mais aprendizagem, novos conhecimentos.

Em uma situação em que eu estava com as crianças, depois de muito andarmos pela fazenda Rio das Pedras, por um momento tivemos de parar e pensar como sair dali. Um garoto (de mais ou menos 11 anos) pensou.... pensou... pensou.... e foi reconstruindo o local em que entramos para o lago ao sairmos da estrada que o circunda e um outro juntou-se a ele e juntos foram retomando o caminho. Os demais do grupo - eu e mais duas crianças de 9 e 10 anos - esperamos no local em que estávamos até que eles retornaram, cerca de vinte minutos depois, sorrindo e anunciando que acertaram o retorno à estrada. Aventura, mas também descoberta e aprendizagem que revelam o quanto a criança é capaz de se orientar e criar alternativas.

Os conhecimentos adquiridos no espaço urbano em que brincam favorecem de modo livre e original a atuação das crianças enquanto produtoras de cultura, garantindo suas trocas sócio-culturais de modo pleno.

Neste processo dialético, a identidade se desenvolve em função do desejo de brincar e de uma maneira autônoma, independente da orientação dos adultos, sem, no entanto, perdê-la de vista, vão construindo assim, sua própria cultura.

O espaço da rua, em Santa Isabel, sem querer mitificá-lo, foi e é um lugar de livre circulação e de espaços de brincar que guardam as características de pequenos centros urbanos. A rua enquanto espaço que as crianças usam, até mesmo para escapular dos espaços domésticos e escolares, ou dos espaços controlados pelos adultos, em que a brincadeira tem sempre hora marcada para acontecer e um espaço limitado para se expressar, comprometendo o desabrochar das suas cem linguagens, como tão profundamente e poeticamente escreveu Loris Mallagucci na poesia, revela aqui como – “Ao contrário o cem existe”. Revela-se portanto, como afirma Cabral (1986):

...a importância do papel que os jogos, brinquedos e brincadeiras infantis tem no processo de socialização da criança. (p. 83)

Com isso, vários espaços públicos do bairro conformam uma dimensão essencial, enquanto espaço possível para crianças brincarem em grupo, contribuindo com as redes e os espaços de sociabilidade em que se constrói as trocas sócio-culturais entre os indivíduos e destes com o grupo.

Os espaços das crianças brincarem ganham assim, outros sentidos na medida em que eles são (re)visitados pelas crianças, que (re)dimensionam esses espaços cada vez que ali criam novas brincadeiras e dão corpo e história à si mesmos como sujeitos sociais plenos.

Os resultados desse estudo apontam não para o fechamento, mas sim para a abertura de novas questões e novos desafios. Não almejam um fim, antes um (re)começo. Um começo que entendo como o poeta ... no começo era o verbo... só depois veio o delírio do verbo, o delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.³⁴

O que procurei fazer nesta pesquisa foi observar as crianças brincando, não no espaço reservado de casa, nem em instituições públicas e/ou privadas, mas sim nos espaços onde elas se encontram longe do olhar do adulto, como por exemplo, a rua. Deixo claro que não são as chamadas "crianças de rua", e menos ainda daquelas que moram nas ruas, mas sim, de crianças que têm ainda a rua como um espaço possível de brincar, juntos ou separado, em grupos de meninas e meninos, de diferentes idades.

Defendo que a criança deve ser considerada e respeitada em suas opiniões em qualquer situação ou contexto sócio-econômico. Procure, por isso, contemplar e compreender aqui todas as formas de linguagens expressas das crianças no momento do brincar.

Desse modo, creio estar contribuindo para um olhar que busque considerar a criança a partir de si mesma. Gostaria de ressaltar, com efeito, que os limites da análise do presente estudo se determinaram em função do caráter inédito do tema, tanto para a área de conhecimento da educação não-escolar, como também para outras áreas dentro das Ciências Humanas. Coloco-me, portanto na condição de uma aprendiz, a respeito do que significa ser criança fora das instituições, no espaço aberto das ruas, em que prevalece a sua vontade de brincar dessa ou daquela brincadeira.

Viver o papel de pesquisadora, nesse processo de estranhamento no modo de olhar, de ver, escutar, sentir, aceitando as idéias ou opiniões das crianças é o desafio central que cria possibilidades de conhecer e entender a criança em sua

³⁴ Refiro-me ao poema da epígrafe do Capítulo IV desta dissertação, do poeta Manuel de Barros, que conseguiu revelar a intensidade dos sentimentos, da imaginação e de suas diversas

plenitude e inteireza. Para enfrentar tamanho desafio, precisei assumir uma postura de muita humildade, simplicidade, generosidade e respeito, bem como estar atenta e aberta para as situações inusitadas que os meninos e meninas inventavam enquanto brincavam. Procurei, assim, reconhecer as crianças como sujeitos de pouca idade, que vivem este momento único e singular da vida: a infância.

Para realizar este trabalho, utilizei diversos referenciais teóricos das áreas que constituem as Ciências Humanas e Sociais, recorrendo mais particularmente, aos conhecimentos da Antropologia. Como profissional da educação, considero não apenas esta pesquisa, mas também a mim mesma, como fazendo parte de um complexo e trabalhoso processo de iniciação. Por isso, este texto não deve ser visto como algo acabado que constitui um começo, uma semente que plantei, não sozinha, mas antes junto com vários outros atores, sendo, um deles, o grupo de estudo de que participo, e onde aprendi muito sobre a criança e o outro. Foi, com efeito, a própria criança que acabou ordenando o rumo deste trabalho e fez meu olhar mais sensível ao seu mundo.

A criança interessa-se por tudo aquilo que está a seu redor.. Portanto, aceitar e considerar sua visão através da investigação dos acontecimentos que acontecem no interior de seu grupo infantil, vividos nas situações de brincadeiras, significa, sem dúvida, um avanço para os pesquisadores que têm a criança como objeto de estudo.

Neste sentido, poucas pesquisas no campo das Ciências Sociais e Humanas elegem a criança como protagonista, a fim de observar o inusitado tão freqüente na vida dos meninos e meninas enquanto brincam. As crianças se interessam por tudo o que as rodeia e, por isso, tornam-se uma referência valiosa para os pesquisadores interessados na infância. (Martins,1993)³⁵

Ao observar o universo da criança, pode-se detectar um fértil e interessante campo de investigação. O recorte que fiz para este estudo é uma das

línguas das crianças, e que por vezes nós, adultos, não percebemos (1997: 15).

³⁵ Pereira(1997), ao fazer um levantamento bibliográfico na área das Ciências Sociais para estudar a sociedade das crianças A'UW-Xavante, muito contribuiu para conhecermos o mundo da criança, também destaca como eu, haver poucos trabalhos nesta área preocupados com estas questões e, como ela mesma diz: ... Mudar esta tendência significa que nós também estamos em processo de mudança, como pesquisadores e como adultos, pois para assim agir com a criança precisamos de

perspectivas, dentre outras, que se pode eleger para conhecer a criança e a cultura infantil.

Apesar de sintetizar de certo modo a cultura de sua época, como já apontou Fernandes (op. cit.), a cultura infantil não deixa de ter uma marca própria do mundo dos "imaturos". Estes, sem dúvidas, que aprendem a imitar, mas ao mesmo tempo está re-criam e inventam as próprias brincadeiras.

Gostaria de destacar o papel imprescindível que o brincar, o lúdico e o imaginário assumem para as crianças que viverem de fato e plenamente a infância. O brincar pode ser percebido e compreendido como um ato voluntário. É neste ato que emerge o desejo na criança de se juntar com seus iguais, para que a brincadeira se inicie, e só tenha hora para começar. Pelo que tudo indica, se dependesse apenas das crianças, as brincadeiras não acabariam tão cedo e tão pouco teria fim, tal é o envolvimento que elas manifestam quando brincam. É justamente por isso que afirmo ser a brincadeira, para as crianças, algo arrebatador !!!

O brincar assume características próprias e com um fim em si mesmo. O ficar à toa propicia, para as crianças, a emergência de um mundo imaginário em que os desejos, as alegrias, os conflitos e confrontos possam se expressar nas mais diferentes intensidades, através das suas cem linguagens.

Segundo Pereira(1994), o brincar assume para as crianças uma dimensão subjetiva, que pode ser incorporada como a vida pulsando que encontra-se dentro do ser humano, que tem como desejo expressar-se espontaneamente.

Considero as brincadeiras de meninos e meninas, realizadas longe de suas casas, como uma situação singular, pois permitem que as crianças usufruam de um espaço e tempo de infância diferenciado de uma parte significativa de crianças que vivem em outras regiões da cidade de Campinas. Isto demarca o que é ser criança hoje no bairro Santa Isabel.

A apropriação do espaço pelos meninos e meninas do bairro em que realizei este estudo, revelou-se como um suporte para que a brincadeira pudesse acontecer, favorecendo a formação dos grupos de crianças de diferentes idades.

Segundo Lima(1989) a criança precisa ser ouvida em suas opiniões sobre as situações em que vive, permitindo-lhe ser de fato sujeito de direitos. Assim, também, acontece em relação à apropriação que a criança faz dos diferentes lugares que usa para brincar em grupo. Nestes espaços, muitas vezes limitados pela ordem do contexto em que vive, transgressões vão sendo pela criança sorrateiramente construídas e vividas, contracenando com o ser e com o não ser criança.

As crianças do bairro Santa Isabel convivem e produzem, nos diferentes ambientes, seus lugares de brincar, onde usam diversos objetos colhidos na própria natureza, fazem-nos também, a partir de uma diferença de gênero incorporado às brincadeiras, revelando como é ser menino e como é ser menina para as crianças do bairro.

Para os meninos as brincadeiras mais comuns são futebol, carrinho de rolemã, caçar passarinhos, motorista de caminhão, bandido e herói, entre outras. As meninas brincam de jogos que imitam a vida doméstica como casinha, fazer compras, amarelinha, de professora, de papai e mamãe, entre outras brincadeiras.

As transgressões das crianças foram se revelando em diferentes situações, como a não obediência às ordens para não entrarem mais na fazenda, dizia-se que era proibido a entrada de estranhos no local. Mas, mesmo com a advertência dos funcionários do lugar, as crianças entravam sem constrangimento. Poucas foram as meninas que encontrei brincando com os meninos em locais mais distantes das casas.

Diversos são os temas que esta pesquisa levanta: Será que a criança de classe social elevada brinca nas ruas das grandes cidades? É possível encontrar diferenças entre crianças negras e brancas quando estão brincando na rua? A violência das ruas interfere nas brincadeiras infantis na rua? Há diferença nas relações das crianças quando brincam na rua ou em espaço não aberto? Existe discriminação social ou racial neste momentos? Como se dá a aprendizagem entre as crianças, existe hierarquia de poder entre quem sabe e quem não sabe determinada brincadeira? O conhecimento por elas produzidos quando estão brincando em espaço aberto pode ser entendido no contexto da sociologia da

"educação não-escolar"?, tais são as questões discutidas pelo sociólogo Afonso(s/d), entre outras.

Enfim, muitas perguntas e poucas respostas mostram a legitimidade de ter trilhado esse caminho, através do qual fica patente que a criança brasileira ainda não foi revelada em toda sua dimensão. Urge, portanto, que as Ciências Humanas como um todo a tenha como foco na pesquisa, para dar início ao processo de produção de conhecimento amplo e transformador, o qual, a meu ver, é ainda como uma semente que precisa ser cultivada.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Carmen Maria. **Educação, Cultura e Criança**. Campinas: Papirus, 1994.
- AFONSO, Almerindo Janela. *Sociologia da Educação Não-Escolar: Reatualizar um Objeto ou Construir uma Nova Problemática?*. In: Esteves, A. J. & Stoer, S. R. **A Sociologia na Escola**. Porto: Afrontamento, pp. 82-94, s/d.
- ALMEIDA, Elvira. **Arte Lúdica**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.
- AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ARAÚJO, Vânia Carvalho de. **Criança: Do Reino Da Necessidade Ao Reino Da Liberdade**. Ed. U.F.E.S., Vitória/ES., 1996.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos editora, 1981.
- ARROYO, Miguel G. O Significado da Infância. **Criança – Revista do Professor de Educação Infantil**. Brasília, n.28, pp.17-21, 1995.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARRETTO, Margarita (et.al.). **Brinquedos e Brincadeiras no Município de Campinas: Uma experiência de Ação Comunitária do Museu Universitário da Puccamp**. Campinas: Museu Universitário Puccamp, 1988. (mimeo)
- _____. A brincadeira tradicional como uma opção de recreação orientada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Editora ICON, n° 12, pp. 260 a 270, 1989.
- _____. **Vivendo a História de Campinas**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

BARROS, Manuel. **Livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. Brinquedos. In: BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Bertrand do Brasil, p.40, 1993.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. **Balinese Character. A photographic analysis**. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Campinas, Uma Visão Histórica**. Campinas: Pontes editores, 1996.

BECCHI, Egle. Retórica da Infância. **Perspectiva**. Florianópolis: Ed.UFSC, n. 22, pp. 63-95, 1994.

_____. *Essere Bambine Ieri e Oggi: Appunti per una preistoria del femminile*. In: Cipollone, Laura (org.). **Bambine e Donne in Educazione**. Milão: Angeli, 1991.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a Submissão**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BENEDICT, Ruth. *A Criança Aprende*. In: IDEM. **O Crisântemo e a Espada**. São Paulo: Perspectiva, 1988, pp.213-231.

BENJAMIN, Walter. *Brinquedos e Brincadeiras*. In: **Obras Escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1995, pp. 49-54.

_____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. In: **Obras Escolhidas II**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

_____. *Infância em Berlim por Volta de 1900*. In: **Obras Escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 71-142.

_____. **Reflexões: a Criança, o Brinquedo, a Educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BERMAN, Marshall. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriotti. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERTOLINI, Piero. *Il Nuovo Spazio Educativo della Città: Diritti e Responsabilità.*

Infanzia. Firenze: La Nuova Itália Editrice, n. 7, p. 29-35, 1997.

BLOCH, Pedro. **Dicionário de Humor Infantil.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BRANDÃO, Carlos R. **A Cultura na Rua.** Campinas: Papirus, 1989.

_____. **Diário de Campo - A Antropologia como Alegoria.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

BROUGÈRE, Gilles. **O Brinquedo e a Cultura.** São Paulo: Cortez, 1995.

BRUHNS, Heloisa T. **O Corpo Parceiro e o Corpo Adversário.** Campinas: Papirus, 1993.

_____. O Culto do Corpo Prazer, o Fenômeno Lazer e o Lúdico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas: FEF, v.12, n.1/2/3, p.32 - 48, 1992.

BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (org.) **Uma Questão de Gênero.** São Paulo: Ed. Rosa dos Tempos e F.C.Chagas, 1992.

BUARQUE, Francisco. **Chapeuzinho Amarelo.** São Paulo: Berlendis e Vertecchia Editores, 1987.

BUFALO, Joseane M. P. **Creche: Lugar de Criança, Lugar de Infância.** Dissertação de Mestrado, F.E./ Unicamp, Campinas: 1997.

BUYTENDIJK, Utrecht F.J.J. *O Jogo Humano.* In: GADAMER, H.G. e VOGLER, P. **Nova Antropologia.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1977, p.63-87.

CABRAL, Fátima. *O Lúdico e a Sociabilidade Infantil.* In: **Cadernos CERU,** São Paulo: Edusp, série 2, nº 7, 1996, p. 83-95.

CHATEAU, JEAN. **O Jogo e a Criança.** São Paulo: Summus, 1987.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura Popular: Conformismo e Resistência.** São Paulo, Brasiliense, 1986.

- CORALINA, Cora. *Minha Infância. In: Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- DA CUNHA, Manoela et.al. Implicações Éticas Provenientes da Utilização de Crianças como Sujeito de Pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: FCC, n. 31, p. 17-33, 1979.
- DA MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**. Rio Janeiro, Ed. Guanabara, 4 Ed., 1991.
- _____. *O Ofício de Etnólogo, ou como Ter Anthropological Blues*. In: Nunes, Edson de O. (org.) **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-64.
- _____. **Relativizando: uma Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DA ROS, Silvia Z. Brincadeiras Infantis e Relações Sociais. **Perspectiva**. Florianópolis: Ed.UFSC, n. 22, p.139-155, 1994.
- DARTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DAYREL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte, UFMG. 1995, pp. 136-161.
- D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. In **Revista de Sociologia da USP: Tempo Social**. Editora da USP/S.P., Vol. 4, Nos 1-2, 1994, pp. 95-109.
- DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: SESC/Estúdio Nobel, 1988.
- ENGELS, Friedrich e MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FAGUNDES, Magali dos R. **A Creche no Trabalho... O Trabalho na Creche: Um Estudo do Centro de Convivência Infantil da Unicamp, Trajetória e Perspectivas**. Dissertação de Mestrado, F.E./ Unicamp, Campinas, 1997.

FARIA, Ana L. Goulart de. Impressões sobre as Creches no Norte da Itália: Bambini si Diventa. In: ROSEMBERG, Fúlvia e CAMPOS, Maria M.(org) **Creches e Pré-Escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez e FCC, 1994, p.211-232.

_____. **O Direito à Infância: Mário de Andrade Os Parques Infantis para Crianças de Famílias Operária da Cidade de São Paulo (1935 - 1938)**. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1993.

_____. O Espaço Físico nas Instituições de Educação Infantil. In: Ministério de Educação e Desporto. **Subsídios para Elaboração de Diretrizes para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998, pp. 85-98.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e Mudanças Sociais na Cidade de São Paulo**. Petrópolis: Ed. Anhambi, 1961.

FERNANDES, Heloísa Rodrigues. **Sintoma Social Dominante e Moralização Infantil**. São Paulo: EDUSP/ESCUTA, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. . **Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

FONTELA, Orides. *Ludismo*. In: FONTELA, Orides. **Trevo (1969-1988)**. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1988.

FRANGELLA, Simone M. **"Capitães do Asfalto": A Itinerância como Construtora da Sociabilidade de Meninos e Meninas "de rua" em Campinas**. Dissertação de Mestrado, IFCH/ Unicamp, Campinas, 1996.

GALLI, Matilde Callari. **La Cultura dell' Infanzia nel Linguaggio di una Mostra**. Itália, 1987 (mimeo).

GALLI, Matilde Callari. *La Contaminazione Culturale dello Spazio Urbano*. In: **Infanzia**. Firenze: La Nuova Itália Editrice, nº 7, pp. 7-20, 1997.

_____. **Antropologia Culturalle e Processi Educativi**. Scandici, Firenze:La Nuova Itália, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- GOBBI, Márcia Aparecida. **Lápis Vermelho é de Mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/ UNICAMP, Campinas, 1997.
- GONZALES, Claúdio Malo. *Juguetes populares artesanales*. in **Revista Del Cidap**, Cuenca/Equador: Cidade, nº 44, pp. 9-29, 1994.
- GRACIANI, Maria Stela S. **Pedagogia Social /Uma Análise e Sistematização de uma Experiência Vivida**. Tese de Doutorado, S. Paulo, F.E./USP, 1996.
- GUERRA, Luigi. *La Città Educativa. Infanzia*. Firenze: La Nuova Itália Editrice, nº 7, pp. 21-28, 1997.
- GUNNARSSON, LARS. *A Política de Cuidado e Educação Infantil na Suécia*. In: ROSEMBERG, Fúlvia e CAMPOS, Maria Malta (orgs). **Creches e Pré-Escola no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez/FCC, 1994, pp. 135-178.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes e MÁRQUES, Fernanda Telles. **A Criança, a Rua, a Escola: Relações em Jogo ou Jogo de Relações?**. 20a Reunião da ANPOCs, Caxambú, 1996 (mimeo).
- HILLMAN, James. **Cidade e Alma** São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.
- HUZAK, Iolanda; AZEVEDO, Jô. **Criança de Fribra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- IANNI, Otávio. **Imperialismo e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1976.

ITURRA, Raul e REIS, Felipe. **A Aprendizagem para Além da Escola: o Jogo Infantil numa Aldeia Portuguesa.** Guarda/Portugal, Edição: Associação de Jogos Tradicionais da Guarda, 1989.

KATZ, Chaim Samuel. *Crianceria/O que é a Criança.* In: **Cadernos de Subjetividade: Gilles Deleuze.** Núcleo de Pesquisa e Subjetividade. São Paulo: Programa de Pós-Graduação/PUC-SP, 1996, pp. 90-96.

KISHIMOTO, Tisuko M. **Jogos Tradicionais Infantis: O Jogo, a Criança e a Educação.** Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. O Jogo e a Educação Infantil. **Perspectiva.** Florianópolis: Ed.UFSC, nº 22, p. 105-128, 1994.

KISHIMOTO, Tisuko M. O brinquedo na educação - considerações históricas. In: **Revista Idéias - O Cotidiano da Pré-Escola.** São Paulo: FDE, 1988, nº 7, pp. 39-45.

KUNDERA, Milan. **A Brincadeira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça.** São Paulo: Cairós Editora, 1980.

LEITE, Maria Isabel Ferraz P. *O que Falam de escola e Saber as crianças da Área Rural? Um Desafio da Pesquisa no Campo.* In: KRAMER, Sônia, Et. Al. (org.). **Infância: Fios e Desafios da Pesquisa.** Campinas: Papirus, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papirus, 1989.

LIMA, Mayumi W. Souza. **A Cidade e a Criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

LIMA, Mayumi W. Souza. A Criança e a Percepção do Espaço. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo: FCC, n. 31, p. 73-80, 1979.

_____. **Arquitetura e Educação.** São Paulo: Nobel, 1995.

LINTON, Ralph. O "Background da cultura". In: **O Homem uma Introdução à Antropologia.** São Paulo: Livraria Martins Ed., 1968, pp.90-101.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação/Uma Perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Brinquedos de Miriti*. In: **A cultura Amazônica - uma Poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995, pp.380-398.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. A. **A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPEU, 1986.
- LYOTARD, Jean-François. **Pós-Moderno Explicado às Crianças**. Portugal: Dom Quixote, 1993.
- MACHADO, Marina Marcondes. **O Brinquedo-sucata e a criança - A Importância do Brincar**. São Paulo: Loyola, 1995.
- MADEIRA, Felícia R. **Quem Mandou Nascer Mulher? Estudos Sobre Crianças e Adolescentes Pobres no Brasil**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos/UNICEF, 1997.
- MAGNANI, José G. C. **Festa no Pedaco-Cultura Popular e Lazer na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MAGNANI, José G. C. **A Rua e a Evolução da Sociabilidade**. São Paulo: USP/CNPq, 1993 (mimeo).
- _____. *Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole*. In: MAGNANI, José G. C. **Metrópole**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.
- MALLAGUZZI, Loris. *"Ao Contrário o Cem Existe"*. Trad. livre: Ana L. Goulart de Faria, Patrizia Prozzi e Maria Carmem Barbosa. In: **Invece il cento c'è, Bambini**. Milão, Ano X, 2, Fev/1994.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **A Vida Sexual dos Selvagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- MARCELLINO, Nelson C. *Elementos para o Entendimento do Uso do Tempo na Infância, nas suas Relações com o Lazer*. In: **Motrivivência**. Florianópolis: UFSC Editora, nº 9, 1996.
- _____. **Pedagogia da Animação**. Campinas: Papyrus, 1990.

MARTINS, José de São (org.) **(Des)Figurações - A Vida Cotidiana no Imaginário Onírico na Metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Regimar e Seus Amigos: A criança na Luta pela Terra e pela Vida*. In: MARTINS, José de S.(org.) **O Massacre dos Inocentes a Criança sem Infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 51-80.

MATISSE, Henri. *É preciso olhar a vida inteira com olhos de criança*. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Vila 59, nº 132, 1973, pp. 737-739.

MEAD, Margaret. Primeiras experiência que moldam a personalidade. In **Sexo e Temperamento**. S. Paulo, **Perspectiva**, 1979, pp. 63-67.

MILITO, Claudia e SILVA, hélio R. S. . **Vozes do Meio-Fio/Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher brasileira/corpo e Classe Social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

NIEMAYER, Ana Maria de. *Desenhos e Mapas na Orientação Especial: Pesquisa e Ensino de Antropologia*. **Textos Didáticos**. Campinas: IFCH/UNICAMP, nº 12, 1994.

NOGUEIRA, Denise Cristina. **A Criança Pequena Produz Cultura?/Um Estudo Introdutório sobre o Convívio das Diferenças entre Crianças Pré-Escolares**. Campinas/F.E./UNICAMP, Monografia, 1997 (mimeo).

NUNES, Brasilmar Ferreira. et al. **O Imaginário Social da Infância no Brasil**. **Série Sociológica nº 145**. Brasília: Ed. UNB, 1997, pp. 1-32

OLIVEIRA, Paulo de S. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.

_____. *A criação do imaginário nos brinquedos infantis*. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Editora ICON, nº 12, p.285 - 288, 1989.

_____. **Brinquedo e industria cultural**. Petropólis: Vozes, 1986.

- _____. *O Lúdico na Vida Cotidiana*. In: BRUNHS, Heloisa T. **Introdução aos Estudos do Lazer**. Campinas: Ed.Unicamp, 1997, pp. 11-32.
- OLIVEIRA, Paulo de S. **O que é brinquedo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- PANCERA, Carlo. *Semântica da Infância. Perspectiva*. Florianópolis: Ed.UFSC, nº 22, 1994, pp. 97-104.
- PEREIRA, Maria Amélia. **Educação da Sensibilidade**. Brasília: Editora da UNB, 1994.
- PEREIRA, Angela Maria Nunes Machado. **As Sociedades das Crianças A'UWE-XAVANTE: por uma Antropologia da Criança**. Dissertação de Mestrado. IFLCH./Depto de Antropologia/USP, 1997.
- PERROTTI, Edmir. **Confinamento Cultural, Infância e Literatura**. São Paulo: Summus, 1990.
- _____. *A Cultura das Ruas*. In: Pacheco, D.E. **Comunicação, Educação e Arte na Cultura Infanto-Juvenil**. São Paulo: Loyola, 1991.
- PESSOA, Maria Lídia M. Noronha. **A Criança, a Brincadeira e a Vida: Um Estudo Antropológico da Prática Lúdica de Meninas e Meninos Trabalhadores do Bairro São Joaquim na Periferia de Teresina-PI**. Dissertação de Mestrado, Campinas: IFCH/Unicamp, 1992.
- PIACENTINI, Telma A. *A Modernidade. Uma Visão Ísola/Ilhada. Perspectiva*. Florianópolis: Ed.UFSC, nº 22, 1994, pp. 13-62.
- PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Crianças-Contextos e Identidades**. Braga/Portugal: Editora Centro de Estudos da Criança / Universidade do Minho, 1997.
- PINSK, Mirna. *Pensando o Brinquedo. Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: FCC, n. 31, p. 49-56, 1979.

- PRADO, Patrícia Dias. **Educação e Cultura Infantil: Um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas/SP.** Dissertação de Mestrado/ FE/UNICAMP, Campinas, 1998.
- PRIORE, Mary del. **História da Criança no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1991.
- PRONI, Francesca. *Infanzia e Spazi Urbani. Infanzia.* Firenze: La Nuova Itália Editrice, nº 7, 1997, pp. 39-40.
- PUPO, Celso M. de M. **Campinas, Município do Império: Fundação, Usos Familiares, a Morada, Sesmarias, Engenhos e Fazendas.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1983.
- RAGO, L. Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinada.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ROMERO, Elaine. **Corpo, Mulher e Sociedade.** São Paulo: Papirus, 1995.
- RAMOS, Graciliano. **Infância.** Rio de Janeiro: Record/Martins, 1975.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos (Org.). **Quando a Rua Vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** São. Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985.
- SANTOS, José L. dos. **O que é Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do Homem.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- SARAMAGO, Sara Sousa. *As Identidades da Infância: Núcleos e Processo de Construção das Identidades Infantis.* In: **Revista de Sociologia/ Problemas e Práticas/ISCTE.** Lisboa, nº 16, 1994, pp.151-171.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A Família como Espelho/Um Estudo sobre a Moral dos Pobres.** São Paulo: FAPESP/Cortez, 1996.
- SCORSI, Rosália de Ângelo. **A Criança e o Fascínio do Mundo - Um Diálogo com Clarice Lispector.** Dissertação de Mestrado, F.E/Unicamp, Campinas, 1993.

- SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE - SUPLAMA. **Plano Local de Gestão Urbana de Barão Geraldo**. Prefeitura Municipal de Campinas, 1996.
- SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público/As Tirantias da Identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, Maurício Roberto da. **Trabalho e Lazer: Reflexões acerca dos Sonhos das Crianças Brasileiras sem Infância**. Campinas, 1996 (mimeo).
- SMITH, W. *Barão Geraldo: A Luta pela Autonomia. Relatório Parcial de I. Científica*, Campinas: CMU/Unicamp, 1996.
- SODRE, Muniz. **Terreiro e a cidade**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1988.
- SOUZA, Mairise Aparecida. **A formação em Serviço: um Estudo do Trabalho Cooperativo de duas Professoras com Crianças Pré-Escolares de Período Integral**. Relatório Final de Iniciação Científica - CNPQ/F.E./UNICAMP, 1991 (mimeo).
- TAVARES, Regina M. M. *Brinquedos e Brincadeiras infantis: um caminho para a preservação do patrimônio cultural e a cidadania*. **Revista Del Cidap**. Equador: Cuenca, n. 44, pp.05-08, 1994.
- TAVARES, Regina M. M. **Brinquedos e Brincadeiras/Patrimônio Cultural da Humanidade**. Campinas: Centro de Cultura e Arte/ PUCCAMP, 1994.
- THIOLLENT, Michel. **A Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Ed. Polis, 1987.
- THOMPSON, E.P. *O Tempo, a Disciplina do Trabalho e o Capitalismo*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. da. (org.). **Trabalho, Educação e Prática Social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 44 –93.
- TONUCCI, Francesco. **La Città dei Bambini: Um Modo Nuovo di Pensieri la Città**. Roma-Bari: Laterza e Figli Spa, 1996.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **O Caberé das Crianças**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1998.

- WHITAKER, Dulce C. A. et al. **A Transcrição da fala do Homem rural: Fidelidade ou Caricatura?** Araraquara: Unesp, Projeto de Pesquisa, s/d.
- ZAINKO, Maria Amélia Sabbag (org.). **Cidades Educadoras**. Curitiba: Editora da UFPr, 1997

ANEXOS

Imagens e Brincadeiras

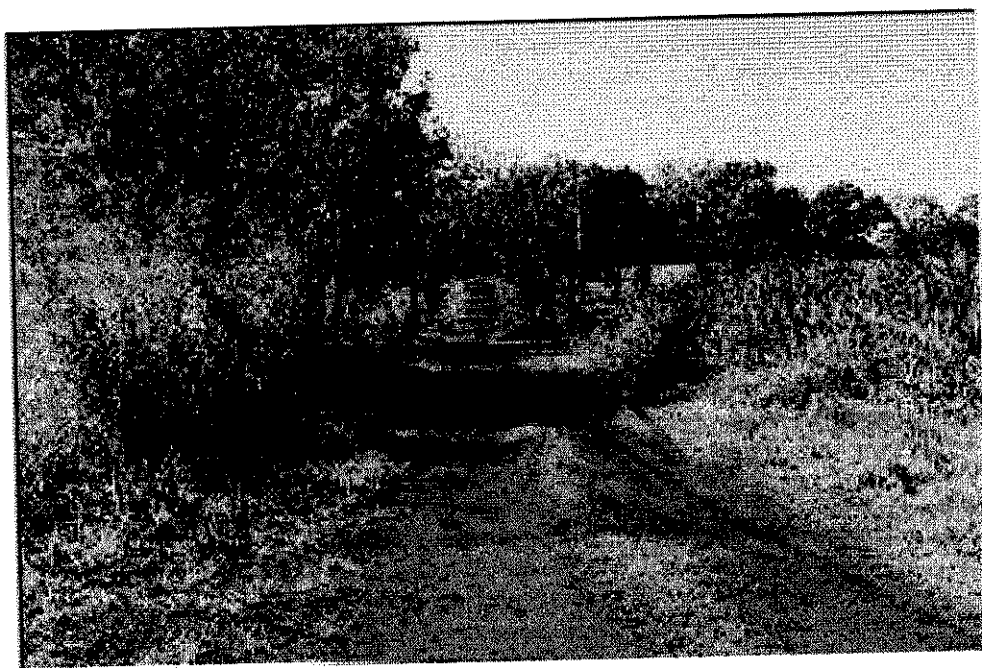
Imagens da vila, lugares onde as crianças brincam.

Brincadeiras de meninas e meninos

Espaço da Fazenda Rio das Pedras, que se localiza à esquerda do bairro.



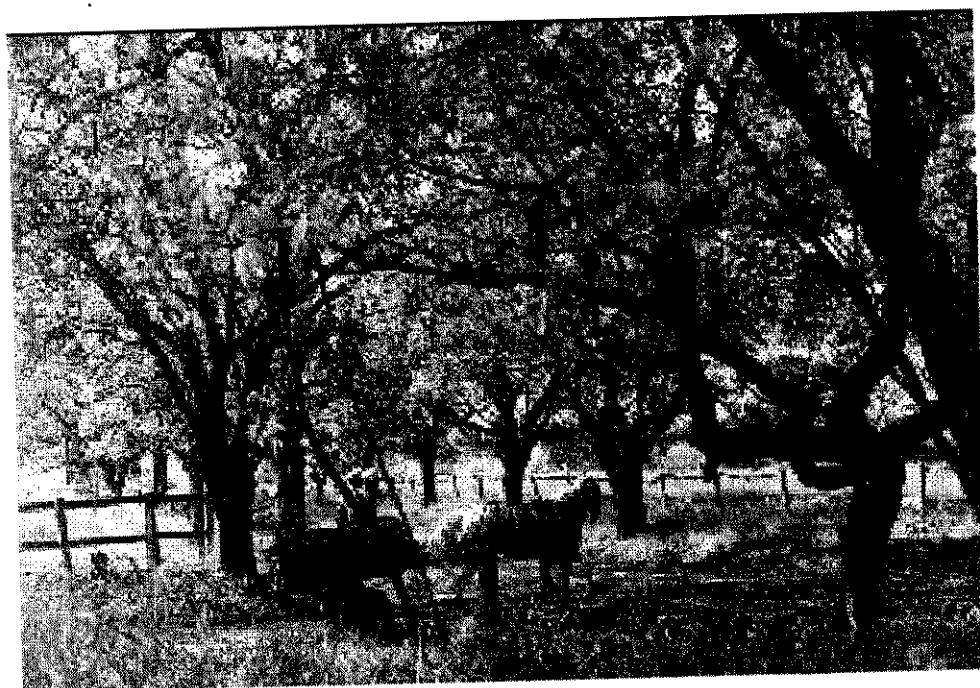
Ao fundo pode-se ver o bosque de pinheiros e o Lago dentro da fazenda.
Tanto o bosque quanto o lago são lugares prediletos para crianças se reunirem.
Aí a brincadeira só tem hora para começar...



Esta estrada dentro da fazenda leva ao estábulo dos cavalos e ao lago, bem como a demais lugares. Esta estrada fica também dentro da fazenda, bem próxima ao bairro. Embaixo dessas árvores sempre se acham crianças brincando.



Aqui na fazenda existem vários riachos pequenos que as crianças usam para brincar, nadar, pular, pescar. Às vezes, as crianças comentam sobre o lixo ali deixado



Estrada da fazenda perto da saída à direita para o bairro. Atrás desta carroça duas crianças brincando rindo e pedindo carona aos empregados da fazenda, mas eles nem se quer olharam para trás.



Uma das estradas mais belas dentro da fazenda. Ali as crianças estão sempre brincando embaixo das árvores, colhendo sementes ou algum fruto.

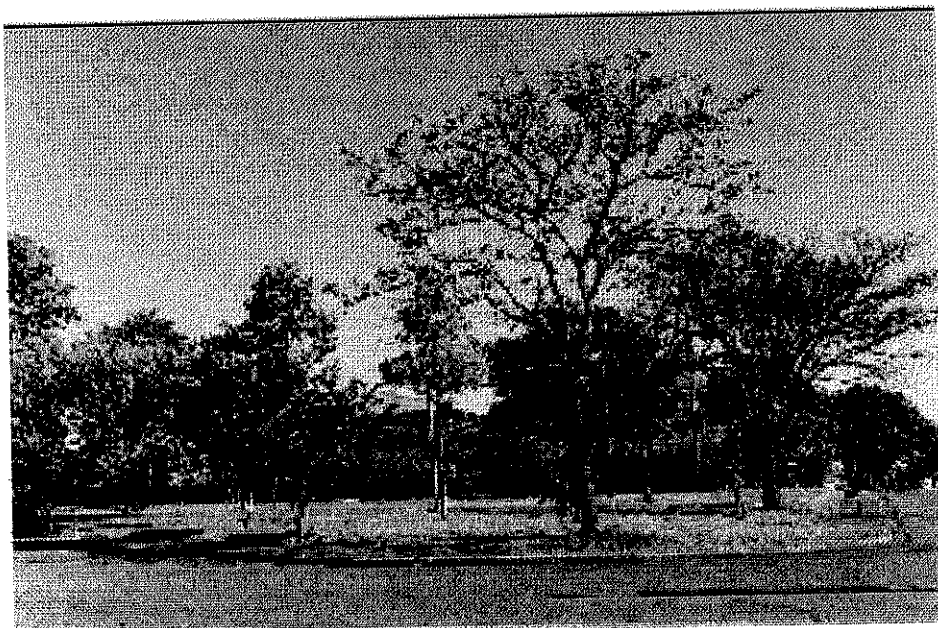


Vista da rua do bairro do lago da fazenda, o espaço em frente à cerca é usado pelas crianças para brincar.

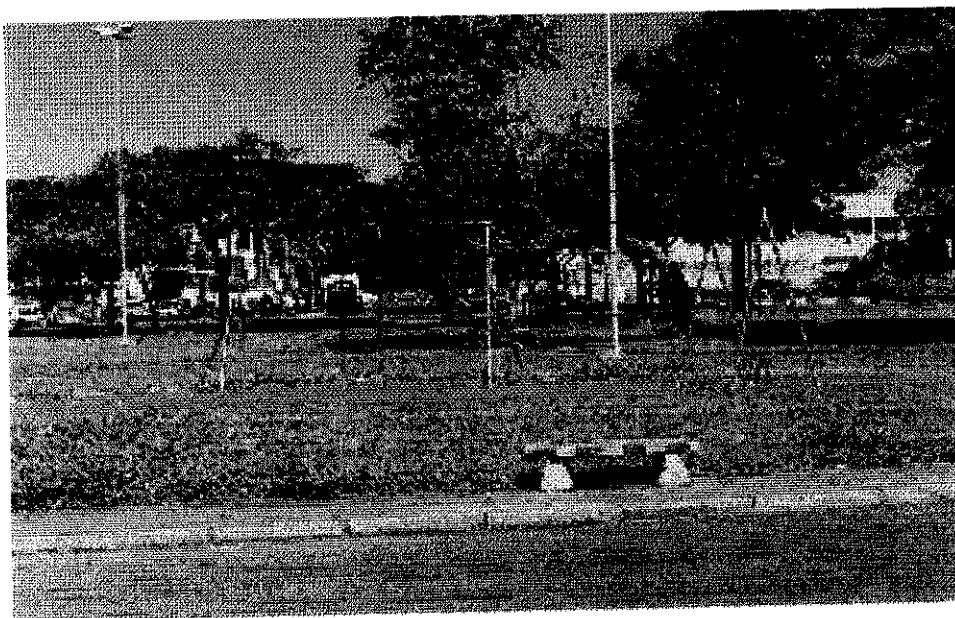


Lago com pinheiros em volta, próximo a sede da Fazenda Rio das Pedras. Lugar onde presenciei as crianças brincando, pescando, nadando, pegando frutas para comer, subindo em árvores para contemplar o lago ouvindo os pássaros ou os peixes.

PRAÇAS



Praça Vicentin - local em que observei a presença de crianças brincando com seus irmãos maiores ou com babá ou avó. Infelizmente a sub-prefeitura de Barão Geraldo não cuida dessa, seus brinquedos se resumem em um trepa-trepa, balanços e escorregadores, quebrados, enfim num completo abandono. O único cuidado esporádico com este espaço é o corte da grama.

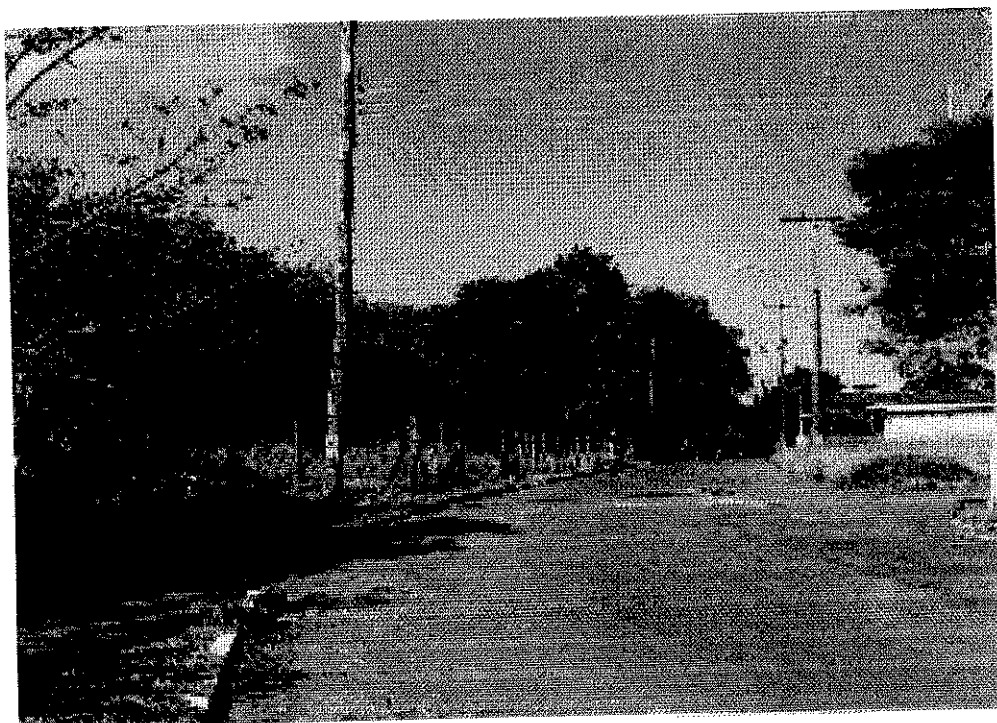


Aqui dá para ver bem como estão em má conservação os brinquedos da única praça do bairro que, mesmo com péssimas condições de conservação, é atrativa para as crianças brincarem, jogarem bola, conversarem ao sair da escola, subirem nas árvores...

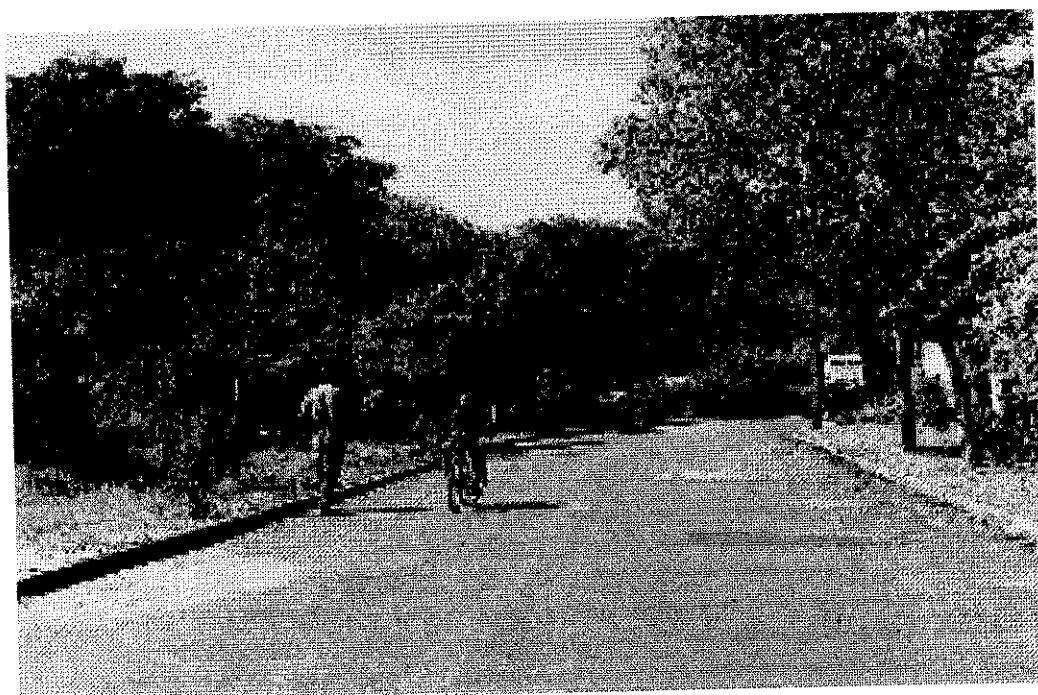
RUAS



Esta rua fica ao lado da Fazenda Rio das Pedras, local muito apreciado pelas crianças para se reunirem embaixo de suas árvores.

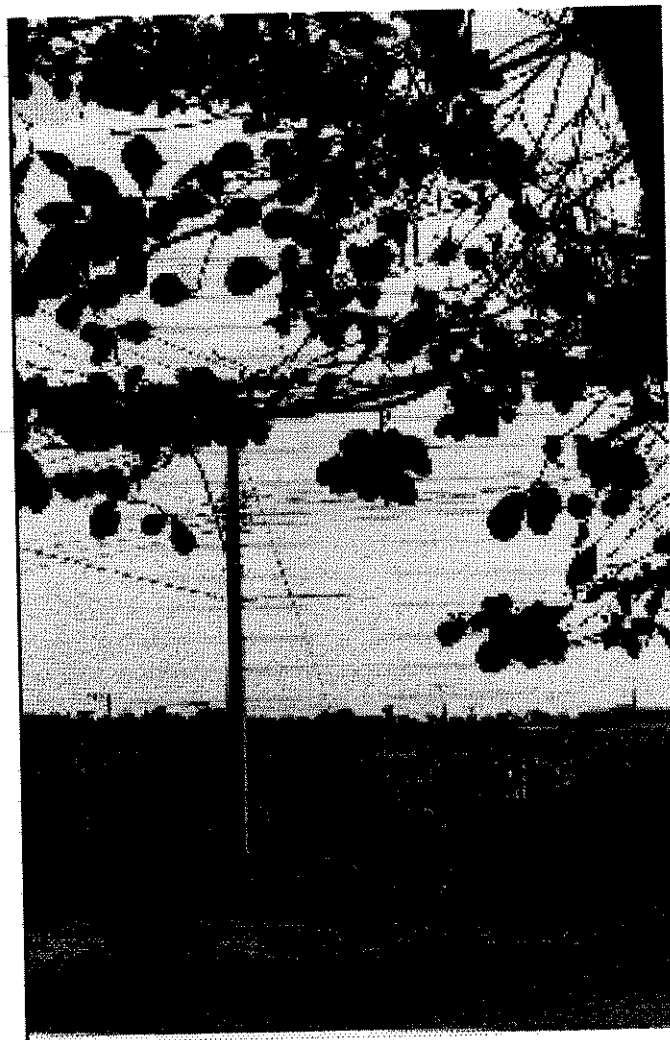


Esta rua é continuação da foto acima, lado esquerdo esta a fazenda .

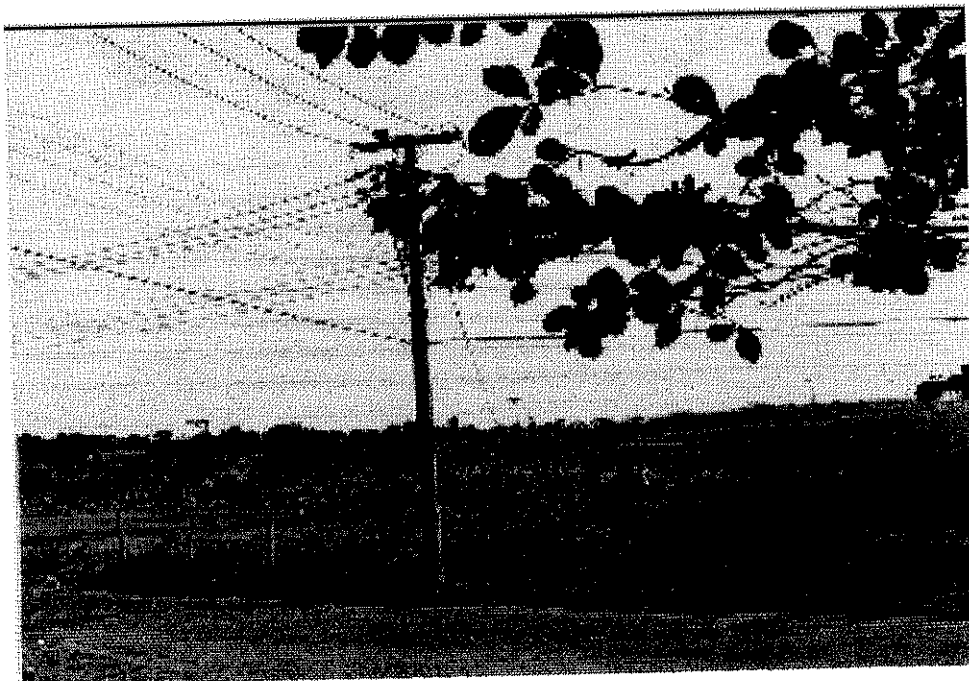


Continuação da rua da fazenda, sendo que neste trecho à esquerda se localizam dois espaços com árvores frutíferas (mangueira e goiabeira), onde sempre encontrei crianças reunidas para um jogo de futebol ou bola de gude, outra brincadeira qualquer.

Terrenos baldios ou vazios como diziam-me as crianças



Terreno baldio que as crianças usam como campo de futebol,
ao fundo com trave de campo e gramado.



Ao fundo outra foto do terreno que as crianças usam como campo de futebol e outras brincadeiras como pega-pega, correr, pega-pega, etc.



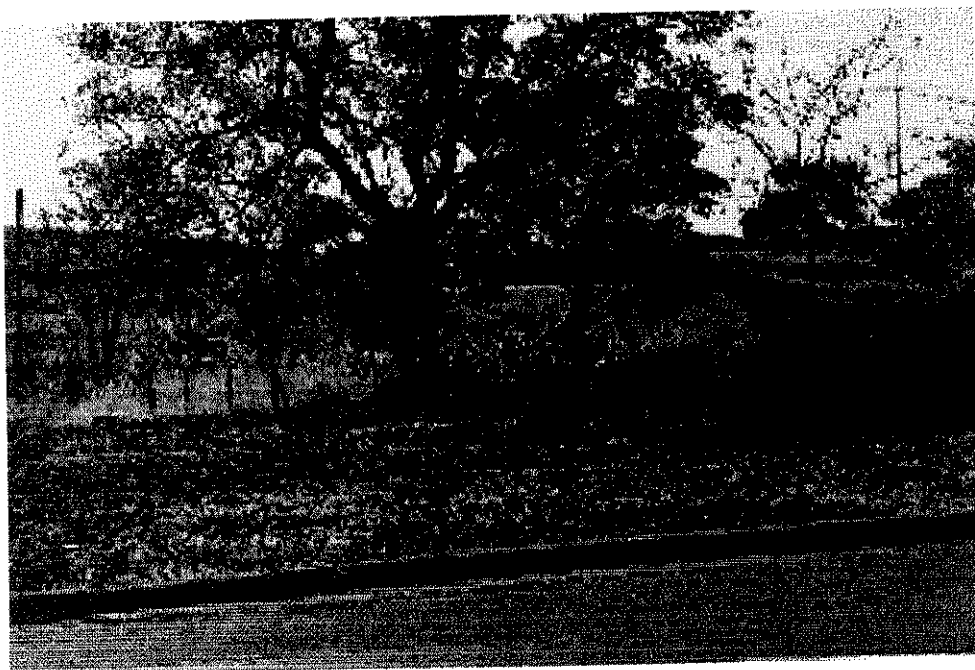
Ao fundo embaixo dessas árvores sempre achei crianças brincando. Este espaço é cuidado pelos adultos que moram perto, pois eles também usufruem dele para ficar à toa, conversar, jogar cartas ,etc.



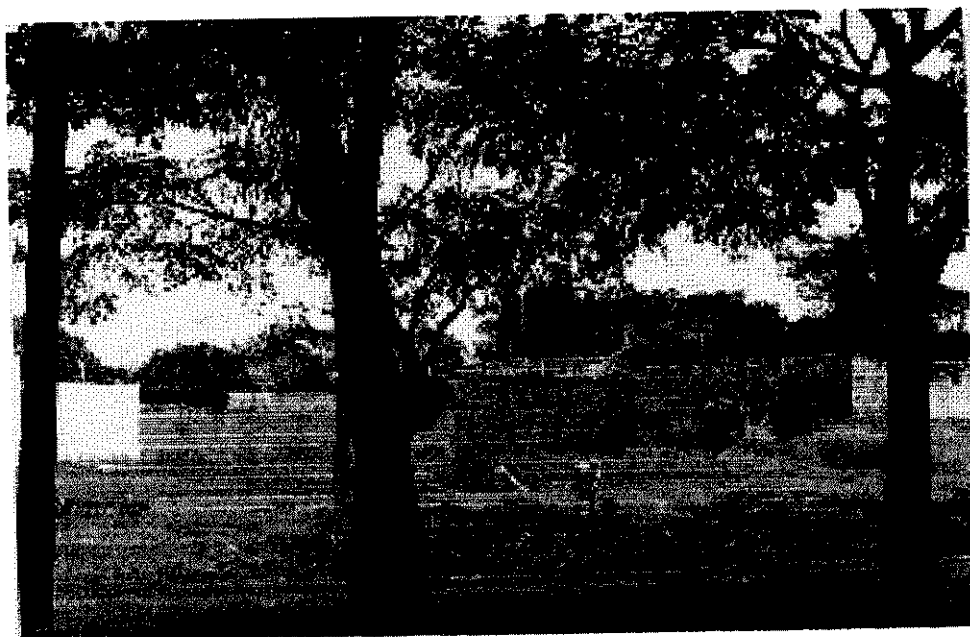
No fundo no meio do gramado é um espaço usado para jogar bola ou jogar bolinha de gude, correr, pique e salva ou sentar e conversar.



Esta espaço também é usado por adultos e crianças para ficar à toa.
A esquerda tem um portão por onde os empregados da fazenda saem e entram no bairro. É bem arborizado com pés de várias frutas.



Embaixo desta árvore grande se encontram crianças reunidas conversando sobre fazer novas brincadeiras.



Ao fundo, um terreno usado não só pelas crianças para brincar, mas também pelos adultos para fazer, por exemplo, vassouras, como neste dia da foto.

ANEXO - 2

Descrição das brincadeiras

Descrevo aqui algumas brincadeiras registradas ao observar as crianças em grupo brincando pelos diversos ambientes do bairro Santa Isabel:

1- AREIA – MULA : Brincadeira de menino

Areia mula, com um grupo de mais ou menos dez criança de idades diferentes, e geralmente são os meninos que brincam.

2- BALANÇA – CAIXÃO: Brincando junto: meninos e meninas

Balança-caixão, em grupo de mais de dez e menino e menina brincam juntos, como também crianças menores de 5 ou 6 anos.

3 - BATATA QUENTE: Brincando junto: menino e menina

Batata-Quente, em grupo de dez a vinte crianças, precisa-se de uma bola e brincam juntos meninos e meninas.

4-CABO DE GUERRA: Meninos e meninas brincam separados

Cabo de guerra, sempre mais de dez crianças e presenciei tanto só meninas brincando, como também junto com os meninos.

4 – ELÁSTICO: Brincadeira em grupo só de menino ou só de menina

Elástico, só observada entre meninas ou entre meninos com menos de dez anos e sempre em dupla.

5- ESCONDE-ESCONDE: Crianças de idades variadas e com menina e menino

Esconde-esconde, crianças de diferentes idades, sexo e em grupo de mais de dez. Observei mais essa brincadeira nos dias quentes e ao entardecer, segundo as crianças para que fique mais difícil de serem descobertos por quem esta com o "pega", isto é aquela que irá pegar os demais.

6- REPRESA COM ÁGUA DE CHUVA: Menino e menina brincam junto

Represa com água de chuva, em grupo de dois a dez crianças, usam pedras para por na sarjeta em que a água esteja correndo bem forte quando chove. Observei menino e menina brincando juntos e também de diferentes idades.

7- ROLETA: Brincadeira só de menino em grupo

Roleta, brincadeira só de menino acima de uns dez anos.

Uma das crianças vira o Mestre e tira a camiseta e os demais ficam segurando nela, as crianças devem adivinhar o que o Mestre esta pensando, enquanto seguram na sua camiseta. O Mestre dá uma pista a eles tipo: o nome de um carro que comece com a letra p e assim quem chegar mais perto do nome ou se aproximar vai para seu grupo

'8 – APRAIA: Em grupo de 10 crianças entre meninos e meninas.

As crianças batem palmas, com todos do grupo, para a direita e para a esquerda, de acordo com o ritmo, cantam a música, Só meninas vi brincando dessa brincadeira, em grupo de umas 8 crianças com idade aproximada de 8,9 e 10 anos.

A música é assim:

Fui na praia tomar sol

Passou um menino do meu tamanho

Pisquei pra ele, ele nem ligou

Tirei as calcinhas

Ele desmaiou

Com isso, vários espaços públicos do bairro conformam uma dimensão essencial, enquanto espaço possível para crianças brincarem em grupo, contribuindo com as redes e os espaços de sociabilidade em que se constrói as trocas sócio-culturais entre os indivíduos e destes com o grupo.

Os espaços das crianças brincarem ganham assim, outros sentidos na medida em que eles são (re)visitados pelas crianças, que (re)dimensionam esses espaços cada vez que ali criam novas brincadeiras e dão corpo e história à si mesmos como sujeitos sociais plenos.